



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

ALINE TAVARES DE SOUSA

**GÊNERO E EMPODERAMENTO: UM ESTUDO A PARTIR DAS ASSOCIAÇÕES
DO ARTESANATO DE CAPIM DOURADO NA REGIÃO DO JALAPÃO**

PALMAS/TO
SETEMBRO/2012

ALINE TAVARES DE SOUSA

**GÊNERO E EMPODERAMENTO: UM ESTUDO A PARTIR DAS ASSOCIAÇÕES
DO ARTESANATO DE CAPIM DOURADO NA REGIÃO DO JALAPÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Tocantins-UFT, como requisito para obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Regional.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Temis Gomes Parente.

**PALMAS/TO
SETEMBRO/2012**

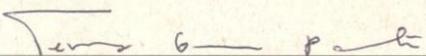
ALINE TAVARES DE SOUSA

**GÊNERO E EMPODERAMENTO: UM ESTUDO A PARTIR DAS
ASSOCIAÇÕES DE ARTESANATO DE CAPIM DOURADO NA REGIÃO DO
JALAPÃO**

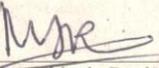
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado
em Desenvolvimento Regional da
Universidade Federal do Tocantins para
obtenção do título de mestre.
Orientadora: Profª. Dra. Temis Gomes Parente

Aprovada em 20/09/2012

BANCA EXAMINADORA:



Profª. Dra. Temis Gomes Parente (Orientadora)



Profª. Dra. Mônica Aparecida da Rocha Silva (UFT/PGDR)



Prof. Dr. Marcos Fábio Freire Montysuma (UFSC)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da Universidade Federal do Tocantins
Campus Universitário de Palmas

S725g Sousa, Aline Tavares
Gênero e Empoderamento: Um Estudo a Partir das Associações do Artesanato de Capim Dourado na Região do Jalapão / Aline Tavares de Sousa. Palmas - TO, 2012.102 p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Tocantins – UFT
Mestrado em Desenvolvimento Regional - Campus de Palmas, 2012.
Orientador: Dr^o Temis Gomes Parente.

1. Mulheres. 2. Empoderamento. 3. Associações. I. Parente, Temis Gomes.
II Universidade Federal do Tocantins. III. Título.

CDD 305.420981

Bibliotecária: Emanuele Santos
CRB-2 / 1309

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

“Eu sentia mesmo uma líder, porque para gente lançar com vocação para os associados, chamar a atenção, ter força, contar o que tava acontecendo eu ficava alegre. Porque tava tendo uma transformação.”

Noemi Ribeiro da Silva,
Artesã da Comunidade Mumbuca.

Ao meu pai Florentino e a minha mãe
Ducirene, pelo apoio e incentivo em todos os
dias da minha vida, por sempre confiarem em
meu potencial para esta conquista.

AGRADECIMENTOS

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pela concessão da bolsa de mestrado, permitindo que eu dedicasse meu tempo para a pesquisa.

Ao Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional. Grata a todos os professores do programa.

Aos meus pais Florentino e Ducirene, incentivadores e apoiadores de meus estudos, pelo amor e carinho. Aos meus irmãos Adson e Emília e à Ana Paula, irmã de coração, pelo carinho e apoio em todos os dias da minha vida.

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a Temis Parente, pessoa essencial na construção deste trabalho, pelas contribuições no desenvolvimento da minha vida acadêmica. Obrigada professora pela paciência e pelo apoio. Sei que sem o seu incentivo, sua compreensão e seu carinho seria difícil concretizar esta pesquisa.

Aos meus amigos Iranai Tavares, Valdemir Dias, Cleudimar Pereira, Eliane Moreira e Maria dos Anjos que sempre me deram forças nos momentos difíceis.

Aos colegas do mestrado Marcelo Divino, Lucélia e, em especial, à Zilá Barros, companheira de estrada entre Porto Nacional/Palmas, durante um ano, período das disciplinas. Foi cansativo, mas chegamos.

Às mulheres artesãs da região do Jalapão que, gentilmente, dispuseram seu tempo para participar desta pesquisa.

Ao Núcleo de Estudos das Diferenças de Gênero – NEDIG/UFT –, em nome da Prof.^a Temis Parente, onde passei grande parte dos meus dias na construção deste texto.

Às amigas e pesquisadoras do NEDIG que me acompanharam no trabalho de campo: Olaya Fernandez Guerreiro e a Viviane Araújo.

Ao meu namorado Thasley Westanyslau, pelo carinho e paciência nos meus “maus momentos” e por ter me dado forças nos dias de desânimo.

RESUMO

A presente pesquisa apresenta um estudo sobre o processo de empoderamento das mulheres artesãs da região do Jalapão, integrantes das associações de artesãos da Comunidade Mumbuca – Associação dos Artesãos de Mateiros e Associação dos Artesãos de Ponte Alta do Tocantins –, e tem como objetivo principal analisar o grau de empoderamento das mulheres e a atividade artesanal com o capim dourado. Para tanto, apresentamos a região do Jalapão como cenário turístico, destacando os dois municípios acima mencionados, Mateiros e Ponte Alta do Tocantins, onde estão localizadas as associações. Ressaltamos que somente a partir do desenvolvimento do turismo na região o artesanato com o capim dourado conseguiu o incentivo do governo estadual para o fortalecimento da atividade através de ações de valorização e de incentivo para o artesanato com a formação das associações. Essas associações abrigam parte dos artesãos da região, a maioria composta por mulheres que encontraram na atividade um meio de melhorar sua situação social e econômica. Nesse sentido, trabalhamos o empoderamento na perspectiva de gênero, permitindo-nos lançar um olhar para a realidade das mulheres envolvidas na produção do artesanato e, a priori, para como essa atividade contribuiu significativamente na melhoria do padrão de vida daquelas que integram as associações. Foi a partir das suas falas que conseguimos identificar os fatores impulsionadores e inibidores do empoderamento na trajetória dessas mulheres artesãs integrantes das associações. Por meio de suas falas, percebemos que as mulheres artesãs da região do Jalapão, apesar de alguns entraves, vêm conquistando melhorias tanto no que diz respeito a sua condição econômica, como em sua condição pessoal e interacionista quando estão integralmente presentes e atuantes nas associações.

Palavras-chave: Mulheres. Empoderamento. Associações. Capim Dourado.

ABSTRACT

This research presents a study on the process of empowerment of artisans women from the region of Jalapão that integrates associations of artisans from the Community Mumbuca; Associations of Artisans of Mateiros and Ponte Alta do Tocantins. Aimed to analyze the degree of empowerment of women and craftsmanship with golden grass. Therefore, we present the region's tourism scene of Jalapão as highlighting the two aforementioned municipalities where they are located so that the associations, only from the development of tourism in the region, with golden grass handicrafts got the encouragement of the state government in strengthening activity, with actions to enhance and encourage the crafts in the region with the formation of associations. Associations that today house some of the artisans of the region, mostly comprised of women who found the activity is a means of improving their social and economic situations. In this sense, we work with the gender empowerment, which allowed us a glimpse into the reality of the women involved in the production of handicrafts and, a priori, as this activity has contributed significantly in improving the standard of living of those that integrate associations. It was from their speeches that we can identify the elements drivers and inhibitors of empowering women artisans in the trajectory of these members of the associations. Through their words, we realize that women artisans from the region Jalapão, despite some obstacles, both are gaining improvements regarding their economic conditions, such as personal and interactionist when they are fully present and active in associations.

Keywords: Women. Empowerment. Associations. Golden Grass.

LISTA DE SIGLAS

ADTUR – Agência de Desenvolvimento Turístico do Tocantins

AREJA – Associação da Região dos Artesãos do Jalapão

APA – Área de Proteção Ambiental

CAT – Centro de Atendimento ao Turista

EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo

UCs – Unidades de Conservação

SEPLAN – Secretária de Planejamento do Estado do Tocantins

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Micro e Pequenas Empresas

FCT – Fundação Cultural do Tocantins

FECOARTE – Feira do Folclore, Artesanato e Comidas Típicas do Tocantins

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

ISPN – Instituto Sociedade, População e Natureza

IG – Indicação Geográfica

MICT – Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo

NATURATINS – Instituto Natureza do Tocantins

ONG – Organização não Governamental

OMT – Organização Mundial de Turismo

PEJ – Parque Estadual do Jalapão

PEQUI – Pesquisa e Conservação do Cerrado

PNB – Produto Nacional Bruto

PNMT – Programa Nacional de Municipalização do Turismo

PROMOART – Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural

LISTA DE QUADROS

Quadro 01- Elementos Impulsionadores e Elementos Inibidores do Empoderamento..27

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Sede da Associação dos Artesãos da Comunidade Mumbuca em Mateiros – TO.....	59
Figura 02 – Artesanato Exposto para a Venda na Associação dos Artesãos do Mumbuca Confeccionados Apenas com a Seda do Buriti.....	59
Figura 03 – Artesanatos Produzidos com o Fio Dourado na Associação do Mumbuca Associação dos Artesãos de Mateiros - TO.....	60
Figura 04 – Sede da Associação dos Artesãos de Ponte Alta do Tocantins.....	61
Figura 05 - Artesanatos na Associação dos Artesãos de Mateiros-TO.....	62
Figura 06 - Sede da Associação dos Artesãos de Ponte Alta do Tocantins.....	63
Figura 07 - Artesanatos expostos para a venda na Associação dos Artesãos Pontaltenses.	64

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 – Regiões Turísticas do Estado do Tocantins, em Destaque a Região Encantos do Jalapão.....	39
Mapa 02 – Localização dos Municípios e Associações dos Artesãos da Região do Jalapão.....	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I – GÊNERO E EMPODERAMENTO.....	22
CAPÍTULO II – A REGIÃO DO JALAPÃO NO CONTEXTO DO TURISMO.....	33
2.1 O Município de Ponte Alta do Tocantins.....	40
2.2 O Município de Mateiros-TO.....	42
2.3 Turismo na região do Jalapão: uma nova perspectiva para o desenvolvimento local/regional.....	44
CAPÍTULO III – A COMUNIDADE MUMBUCA E O ARTESANATO DO CAPIM DOURADO COMO PRODUTO TURÍSTICO.....	46
3.1 Breve histórico da Comunidade Mumbuca e do artesanato.....	46
3.2 Associações dos artesãos de capim dourado da região do Jalapão no contexto do turismo.....	52
3.2.1 Associação dos Artesãos da Comunidade Mumbuca.....	56
3.2.2 Associação dos Artesãos de Mateiros-TO.....	60
3.2.3 Associação dos Artesãos de Capim Dourado Pontealtense.....	62
3.3 O Artesanato de Capim Dourado e os Agentes Externos para o Empoderamento.....	65
CAPÍTULO IV – EMPODERAMENTO DAS MULHERES: FATORES IMPULSIONADORES E INIBIDORES.....	69
4.1 O artesanato e a participação das mulheres.....	69
4.2 Fatores impulsionadores e inibidores no processo de empoderamento na trajetória das artesãs.....	71
4.3. Associações dos artesãos e o empoderamento das mulheres.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
FONTES – Perfil das mulheres artesãs entrevistadas nas associações dos artesãos da região do Jalapão.....	89
REFERÊNCIAS.....	91
ANEXO A - NOTA DE REPÚDIO DA AREJA - ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS EM CAPIM DOURADO DA REGIÃO DO JALAPÃO PUBLICADA NO JORNAL DO TOCANTINS EM 01/05/2012.....	99
ANEXO B - IMAGENS (FIGURAS).....	100
ANEXO C - PORTARIA NATURATINS REGULAMENTAÇÃO DA COLHEITA DO CAPIM DOURADO.....	102

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo analisar a relação entre o grau de empoderamento das mulheres artesãs e a produção do artesanato do capim dourado na região do Jalapão. A unidade de análise é composta por mulheres que fazem parte das associações dos artesãos da região do Jalapão.

A região do Jalapão, localizada a leste do Estado do Tocantins, constitui um território de 53,3 mil km² e, nos últimos anos, vem se constituindo como um novo cenário para o desenvolvimento do turismo, caracterizado na modalidade de ecoturismo por possuir grandes atrativos naturais como cachoeiras, dunas, serras e rios.

A região vem passando por avanços e retrocessos. Os avanços estão relacionados à questão do desenvolvimento e melhoria na vida de parte da população local, ocasionada, principalmente, pelo incentivo, ou melhor, fortalecimento da atividade artesanal com o capim dourado atrelado ao desenvolvimento do turismo na região. Quanto ao estágio de retrocessos, podemos afirmar que ele concentra-se basicamente na degradação dos recursos naturais como a devastação das estradas vicinais e de alguns pontos turísticos pelos acessos desordenados e a falta de conscientização da população visitante.

A região do Jalapão¹ é considerada a Região XVI, dentro do Estado do Tocantins, segundo a Secretaria de Planejamento do Estado do Tocantins (SEPLAN), e tem, em última instância, a cidade de Novo Acordo como o município sede da atual divisão administrativa do Estado o qual é dividido em 18 regiões administrativas.

A produção artesanal com o uso do capim dourado² é herança indígena do povo Xerente, repassada aos moradores da comunidade Mumbuca³, localizada no município de Mateiros-TO. Foi a partir de Guilhermina Ribeiro da Silva, conhecida como Dona Miúda, falecida em 2010, e de sua irmã Laurentina Ribeiro da Silva, que a produção artesanal com o capim dourado começou a ser repassada para os demais membros da comunidade. Dona Miúda era considerada a matriarca da comunidade Mumbuca e passou a ser conhecida em toda a região do Jalapão pela dedicação na divulgação e no repasse para as novas gerações da técnica de costurar as hastes do capim dourado.

¹A região do Jalapão é composta pelos municípios Lagoa do Tocantins, Lizarda, Rio Sono, Santa Tereza do Tocantins, Ponte Alta do Tocantins, Mateiros e São Felix do Tocantins.

²O capim dourado usado na confecção do artesanato é uma sempre-viva da família das Euriocauláceas, a *syngonanthus nitens*, que em latim significa brilho (SCHMIDT, 2005, p. 22).

³A comunidade Mumbuca, reconhecida pelo Ministério da Cultura e pela Fundação Cultural Palmares, em 2004, como remanescente das comunidades dos quilombos, é composta por 165 moradores distribuídos em 34 famílias (SENNA; MAGALHÃES, 2008, p. 187).

A produção do artesanato com o capim dourado sempre fez parte da comunidade Mumbuca sendo que, em um primeiro momento, as mulheres produziam para o consumo doméstico. Os produtos confeccionados consistiam, basicamente, em objetos de usos diários como cestas e caixas, e as vendas, quando ocorriam, eram feitas de forma casual, não possuindo um mercado formal. Alguns moradores da comunidade levavam seus produtos em suas viagens às cidades mais próximas, como Porto Nacional-TO e Monte do Carmo-TO com o objetivo de trocar por mantimentos.

Com o desenvolvimento do turismo na região do Jalapão, o artesanato do capim dourado tem se destacado de forma considerável, principalmente a partir da década de 90, sendo reconhecido não somente no Estado, como em diversas localidades, chegando a ter reconhecimento internacional. O turismo tem sido o principal responsável pela divulgação da atividade: com o crescimento de visitas à região, o artesanato passou a ter maior saída, pois o turista interessa-se pelos produtos, levando-os como lembrança para suas localidades de origem.

A partir da grande procura pelos produtos confeccionados com o capim dourado, o governo do Estado do Tocantins, por meio da Fundação Cultural do Tocantins (FCT) e com o apoio do Serviço Brasileiro de Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), passou a incentivar essa atividade na região, formando as associações dos artesãos⁴ do capim dourado a partir de 2000, cujo objetivo era agregar os artesãos envolvidos na atividade, entre eles as mulheres, as quais constituem nosso objeto de investigação. As associações passam a ter papel fundamental no desenvolvimento coletivo da atividade, visto que representam uma alternativa de melhoria social e econômica para as pessoas envolvidas na atividade artesanal com o capim dourado.

Essa atividade tem sido desenvolvida em diversos municípios da região do Jalapão, bem como em outros municípios que não integram a referida região. A atividade do artesanato tem se tornado uma alternativa viável economicamente para o melhoramento da renda de diversas famílias, que têm se ocupado a confeccionar os mais variados produtos artesanais. Notamos que há a presença marcadamente ascendente de mulheres que passaram a ver nesta atividade a principal fonte de renda para o sustento de suas famílias.

Para analisar o empoderamento das mulheres artesãs do capim dourado na região do Jalapão, trabalharemos na perspectiva de gênero. Para Lisboa (2003, p. 19), “o olhar através da perspectiva de gênero nomeia de outras maneiras as coisas conhecidas e lhes outorga

⁴Ao nos referirmos a Associações dos Artesãos nesta pesquisa, estaremos nos referindo às associações que abrigam homens e mulheres artesãs do capim dourado na região do Jalapão.

outros significados, ela abrange desde o macro até o micro, da organização social às pessoas, de cada pessoa à sociedade civil, as relações e os papéis”.

Conforme Saffioti (1992, p.187), “o conceito de gênero está linguisticamente, impregnado do social. O gênero é relacional como categoria analítica e como processo social”. Ou seja, conforme a autora, o conceito de gênero está interligado com as relações sociais entre mulheres e homens e é uma maneira de refletir sobre a organização e as desigualdades de ambos na sociedade.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, escolhemos trabalhar com artesãs que estão inseridas nas associações dos artesãos da região, a saber: Associação dos Artesãos do Povoado do Mumbuca, localizada no município de Mateiros; Associação dos Artesãos de Mateiros e Associação dos Artesãos Pontealtenses, localizadas em municípios pertencentes ao roteiro turístico da região do Jalapão. Conforme Veiga e Rech (2001, p. 30) “o associativismo não é a solução para todos os problemas, mas é, sem dúvida, uma proposta e um caminho comprovadamente eficiente para que os/as trabalhadores/as levem à frente e conquistem seus objetivos e uma melhor qualidade de vida”.

Através das narrativas das mulheres artesãs que integram as associações, buscamos entender as suas percepções sobre a relevância de suas atividades e analisar os papéis desempenhados por elas nas associações e as relações entre a atividade artesanal e a atividade doméstica. Avaliamos também de que modo as mulheres passaram a integrar as associações e como se sentem ao fazerem parte das mesmas. As visões dessas mulheres foram importantes para identificar quais associações concentram os fatores impulsionadores e os inibidores do empoderamento.

A partir da perspectiva do olhar sobre as narrativas das mulheres artesãs, o conceito de gênero⁵ tornou-se pertinente para esta análise. Conforme nos mostra Soihet e Pedro (2007, p. 288), o conceito de gênero vem produzindo um grande impacto nas análises sociais, além de chamar a atenção para o fato de que uma parte da humanidade que estava na invisibilidade – as mulheres – com destaque, para visibilizar que tanto elas quanto os homens são produtos do meio social, e, portanto, sua condição é variável.

Ao priorizar um trabalho sobre as mulheres, é preciso construir discussões sobre o papel que elas desempenham na sociedade contemporânea. O Brasil tem vivenciado significativos avanços no que diz respeito à participação das mulheres nas discussões em

⁵Utilizaremos gênero nesta pesquisa, conforme Soihet (1997, p. 95), como o aspecto relacional entre as mulheres e os homens, ou seja, nenhuma compreensão de qualquer um dos dois pode existir através de um estudo que os considere totalmente em separado.

busca de melhores condições de vida para as suas famílias. Nesse sentido, os estudos de gênero e as questões sobre empoderamento tornam-se importantes para discutir e lançar um novo olhar sobre a realidade das mulheres artesãs, a partir da perspectiva de gênero na região do Jalapão.

No empoderamento, como mostra Deere e León (2002, p.50), está a percepção sobre as mudanças sociais pelas quais passam as pessoas que adquirem controle sobre suas vidas econômicas e definem suas próprias agendas. O conceito é associado aos interesses dos que não possuem poder, assumindo-se a ideia de uma mudança.

Para Gohn (2004, p. 10) o empoderamento tanto poderá referir-se ao processo de mobilizações e práticas destinadas a promover e impulsionar grupos e comunidades, no sentido de seu crescimento, autonomia, melhora gradual e progressiva de suas vidas, quanto poderá referir-se a ações destinadas a promover simplesmente a pura integração dos excluídos.

O problema que norteou a presente pesquisa foi fundamentado na seguinte questão: Qual a importância das associações de artesãos de capim dourado da região do Jalapão para que “aconteça” o processo de empoderamento das mulheres que delas fazem parte?

A perspectiva do empoderamento traz consigo a noção de mudança nas relações sociais nas quais as pessoas estão inseridas, para Zorzi (2008, p. 18) esta noção torna-se instrumental para se pensar os processos de mobilização e ação, objetivando a afirmação de direitos e a tentativa de superar as desigualdades existentes entre mulheres e homens, bem como suas implicações em diferentes esferas como a econômica, a pessoal, a social e a política.

A partir dessa questão, discutimos as ações e dinâmicas internas das associações para analisar se houve ou não empoderamento das mulheres artesãs. Outra questão do trabalho é: em que medida as mulheres que participam de um grupo coletivo obterão modificações nas relações de gênero, considerando seus ambientes domésticos e sua vida individual?

Um dos aspectos que justificam este trabalho é que as discussões sobre as relações de gênero e o processo de empoderamento nas associações podem contribuir para que as mulheres busquem novos caminhos para o desenvolvimento da atividade artesanal do capim dourado na região. Nesse sentido, acredita-se que este estudo possa dar subsídios para elaboração e implantação de projetos que possibilitem o desenvolvimento da atividade artesanal. A pesquisa ainda poderá contribuir para a historiografia regional do Estado do Tocantins.

Apesar dos avanços ocorridos com a implementação de ações voltadas para melhoria da vida das mulheres nos últimos anos, ainda é possível se deparar com as disparidades de gênero, ou seja, a desigualdade entre mulheres e homens, como a violência no ambiente familiar, a falta de oportunidade e os baixos salários. Além disso, muitas vezes, as mulheres vivem na dependência econômica dos maridos, não podendo decidir sobre suas vidas. É nessa perspectiva que o empoderamento pode efetuar mudanças na realidade da vida dessas pessoas, mas, primeiramente, é preciso que as mesmas tomem consciência da situação em que vivem.

Para Godinho (2004, p. 149), a participação das mulheres brasileiras no mundo público é um dos aspectos mais marcantes das mudanças na sociedade brasileira. A profunda mudança na presença e na participação das mulheres cobra um estudo mais detido de seus reflexos nos diversos âmbitos da sociedade brasileira. Nessa perspectiva, percebe-se a importância de avançar ainda mais em estudos sobre a temática de relações de gênero e empoderamento.

É nesse contexto que se encontra este trabalho: conhecer melhor a realidade das mulheres artesãs e seus papéis desempenhados e suas experiências vividas dentro das associações de artesanato de capim dourado da região do Jalapão e sua conciliação entre as atividades nas associações e as atividades domésticas. Nesse sentido, identificamos que a História Oral seria o método mais eficaz, como nos mostra Lang (2000, p. 93): “a história oral constitui uma metodologia qualitativa de pesquisa voltada para o tempo presente; permite conhecer a realidade presente e o passado ainda próximo pela experiência e pela voz daqueles que os viveram”.

Segundo Parente (2008, p. 125), “a história oral, na condição de produção intelectual orientada para a produção de testemunhos históricos, contribui para evitar o esquecimento e registrar as múltiplas visões sobre o que passou”. Nesse sentido, a História Oral possibilitou visibilizar a realidade das mulheres envolvidas na atividade com o capim dourado e suas perspectivas individuais por meio de suas falas. Alberti (2005, p.17) afirma: “a história oral pode ser definida como método de investigação científico, como fonte de pesquisa, ou ainda como técnica de produção e tratamento de depoimentos gravados”.

A partir da História Oral buscamos identificar se as mulheres artesãs do capim dourado vêm passando por um processo de empoderamento. Esses relatos contribuíram para termos elementos de comparação entre a vida das mulheres antes e depois da produção do artesanato, levando em consideração as suas perspectivas individuais. Conforme Dermatini (1999, p. 36), “com a comparação, é possível descobrir aspectos novos, por outro

lado, as narrativas nos proporcionam o entendimento de determinadas situações não apenas do que foi dito, mas também do que não foi dito no conjunto dos relatos”.

Dessa forma, construímos a trajetória de algumas mulheres envolvidas na atividade de diferentes localidades e, entre outras, da comunidade Mumbuca, Mateiros e Ponte Alta do Tocantins. A partir da produção do artesanato, as mulheres da região do Jalapão vêm construindo uma nova perspectiva em relação a sua vida pessoal e econômica, pois acabam envolvidas em uma atividade geradora de renda.

Para chegar ao objetivo proposto do trabalho, foi preciso analisar os relatos das mulheres inseridas nas associações para, a partir de suas falas, identificar o grau de empoderamento das mulheres, levando em consideração os elementos impulsionadores e inibidores do empoderamento. Conforme Martelo (2003), os fatores impulsionadores são: renda e rendimentos suficientes; a participação em redes sociais; o acesso ao conhecimento formal; as informações; confiança e autoestima, e desenvolvimento de habilidades e de lideranças. E os inibidores são: as responsabilidades domésticas, opressão, dependência econômica, falta de apoio, falta de capacitação e maior participação.

Para o estudo, foram realizadas entrevistas⁶ com sete mulheres artesãs; entre elas, estão associadas que não exercem cargos dentro das associações e algumas que ocupam ou ocuparam cargos (como atuais presidentes e as ex-presidentes). Algumas entrevistas foram realizadas na casa das artesãs e outras nas sedes das associações.

Na construção da abordagem teórica deste trabalho, utilizamos diversos autores, privilegiando a discussão sobre gênero com ênfase nos trabalhos de Scott (1995), Pedro (2005) Parente (2008) Lauretis (1994) e Saffioti (1992). Sobre o empoderamento, utilizamos os trabalhos de Deere e León (2002), Iorio (2002), entre outros.

A dissertação está organizada em quatro partes e as considerações finais. No Capítulo I, apresentamos os elementos teóricos que norteiam a discussão sobre gênero, suas relações sociais e o empoderamento. Para tanto, pontuaremos algumas discussões de diferentes pesquisadores e desenvolvidas em nível nacional até chegar ao Tocantins. O mesmo será feito com o empoderamento, sobre o qual abordamos alguns trabalhos que discutem o processo de empoderamento a partir das relações de gênero.

⁶Todas as entrevistas em meio digital e transcritas encontram-se no Núcleo de Estudos das Diferenças de Gênero da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional/TO.

No Capítulo II, abordamos o turismo na região do Jalapão como o principal atrativo ecoturístico responsável pelo desenvolvimento do artesanato. Também fizemos um levantamento sobre os municípios envolvidos na pesquisa e seus atrativos turísticos.

No Capítulo III, tratamos da comunidade Mumbuca e do artesanato do capim dourado como produto turístico, construindo, dessa forma, uma discussão sobre as mudanças na comunidade a partir do turismo e da expansão do artesanato. Fizemos também uma descrição das associações dos artesãos onde estão inseridas as mulheres artesãs foco da pesquisa.

No Capítulo IV, a partir da fala das mulheres artesãs, partimos para a identificação dos fatores inibidores e impulsionadores do empoderamento.

Por último, nas Considerações Finais, fazemos uma abordagem geral do trabalho.

CAPÍTULO I – GÊNERO E EMPODERAMENTO

Para a construção da discussão teórica em torno do conceito de gênero, retornaremos à origem do termo. Conforme afirma Pedro,

o uso da palavra “gênero” tem uma história que é tributária de movimentos sociais de mulheres, feministas, gays e lésbicas. Tem uma trajetória que acompanha a luta por direitos civis, direitos humanos, enfim, igualdade e respeito. A palavra gênero passou a ser usada no interior dos debates que se travaram dentro do próprio movimento, que buscava uma explicação para subordinação das mulheres.(PEDRO, 2005, p.78).

O movimento feminista viveu diversos períodos, citados por Pedro (2005) como “ondas do feminismo”, as quais são caracterizadas por algumas conquistas. A primeira onda, segundo Pedro (2005, p. 78) “desenvolveu no final no século XIX e foi centrado na reivindicação dos direitos políticos (como o de votar e ser eleita) e nos direitos sociais e econômicos (como direito aotrabalho remunerado, ao estudo, à propriedade e à herança)”. A “segunda onda” surgiu depois da Segunda Guerra Mundial e tinha como prioridade as lutas pelo direito ao corpo e ao prazer e a luta contra o patriarcado. ParaPedro (2005,p.80),foi justamente na chamada “segunda onda” que a categoria “gênero” foi criada, como tributária das lutas do feminismo e do movimento de mulheres. Os movimentos feministas e de mulheres passaram a ganhar visibilidade nos anos 60, nos Estados Unidos. Na França, o trabalho de Simone de Beauvoir, *O segundo Sexo*, publicado em 1949, foi de extremaimportância para o ressurgimento do movimento feminista francês e ocidental.

De acordo com Soihet e Pedro (2007), o uso da categoria gênero ganhou outra conotação, passando a significar distinção entre os atributos culturais alocados a cada um dos sexos e a dimensão biológica dos seres humanos. Para essas autoras,

gênero dá ênfase ao caráter fundamentalmente social, cultural, das distinções baseadas no sexo, afastando o fantasma da naturalização; dá precisão à ideia de assimetria e de hierarquia nas relações entre homens e mulheres, incorporando a dimensão das relações de poder, aspecto essencial para descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la. (SOIHET; PEDRO, 2007, p. 288).

Para a historiadora norte-americana Scott (1995),gênero é uma maneira de dar significado àsrelações de poder, ou seja, o gênero é um primeiro campo no seio do qual ou por

meio do qual o poder é articulado. A historiadora alerta-nos sobre a importância dos estudos de gênero afirmando que:

gênero é uma categoria de análise que afirma a historicidade das distinções sociais entre os sexos, sendo um conceito relacional que impede analisar homens e mulheres separadamente. Símbolos culturais, conceitos normativos expressos e as identidades subjetivas de homens e mulheres forjadas em suas relações com as instituições e organizações sociais devem ser situados historicamente.(SCOTT,1995, p. 16).

Scott (1995, p.17) ressalta ainda que “o uso do termo gênero visa indicar a erudição e a seriedade de um trabalho, pois gênero tem uma conotação mais objetiva e neutra do que ‘mulheres’. Gênero como substituto de mulheres é igualmente utilizado para sugerir que a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica no estudo do outro”.

Referindo-se à questão relacional do masculino com o feminino e ao conceito de gênero, Fischer (2006) afirma que

a noção de gênero surge a partir da ideia que o feminino e o masculino não são apenas condições naturais biológicas, mas uma construção sociocultural. Como conceito traduz uma relação social entre homens e mulheres. Importa a sua compreensão que não são as características sexuais, mas a forma como são representadas e valorizadas que vai constituir o que é masculino e o que é feminino numa dada sociedade e num dado momento histórico. (FISCHER, 2006, p.31).

Outra contribuição relevante para a discussão de gênero nos é apresentada por Tereza de Lauretins (1994) ao propor que o conceito de gênero como diferença sexual tem servido de base e sustentação para as intervenções feministas na arena do conhecimento formal e abstrato, nas epistemologias e nos campos cognitivos definidos pelas ciências humanas ou humanidades. Aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais”: a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. Além disso, Lauretins (1994, p. 209) pontua quatro posições sobre o conceito de gênero:

- (1) gênero é uma representação – o que não significa que não tenha implicações concretas ou reais, tanto sociais quanto subjetivas, na vida material das pessoas.
- (2) a representação é a sua construção – e num sentido mais comum pode-se dizer que toda a arte e a cultura erudita ocidental são um registro da história dessa construção.
- (3) a construção do gênero vem se efetuando hoje no mesmo ritmo de tempos passados. Ela continua a ocorrer não só onde se espera que aconteça – na mídia, nas escolas públicas e particulares, nos tribunais, na família.
- (4) a construção do gênero também se faz por meio de sua desconstrução, quer dizer, em qualquer discurso feminista, ou não, que vela o gênero como apenas uma representação ideológica falsa.

O conceito de relações de gênero deve permitir-nos também estudar criticamente como os sexos servem para reproduzir o conjunto das relações sociais. Em algum sentido, então, tem que pressupor o que é um resultado das relações sociais, ou seja, a existência dos gêneros no sentido reconhecido historicamente como homem e mulher (HAUG, 2007, p. 30).

Para Saffioti (1992, p. 187), a construção dos gêneros dá-se através da dinâmica das relações sociais. Os seres humanos só se constroem como tal em relação aos outros. Saffioti considera que não se trata de perceber apenas corpos que entram em relação com outro. É a totalidade formada pelo corpo, pelo intelecto, pela emoção, pelo caráter do eu que entra em relação com o outro. Cada ser humano é a história de suas relações sociais. Também as classes sociais se formam na e através das relações sociais.

Ainda sobre o gênero ser uma questão relacional, Saffioti (1992, p. 187) explica que

o conceito de gênero está linguisticamente, impregnado do social. O gênero é relacional como categoria analítica e como processo social. É capaz de captar a trama das relações sociais, bem como as transformações históricas sofridas através dos processos da mesma índole.

Ou seja, o conceito de gênero está relacionado à questão das relações sociais entre mulheres e homens e essa é uma maneira de refletir sobre a organização e as desigualdades de ambos na sociedade. Também discutindo a questão das relações de gênero, Carloto (2001, p. 35) afirma que

as relações de gênero se estabelecem dentro de um sistema hierárquico que dá lugar a relações de poder, nas quais o masculino não é unicamente diferente do feminino. Esta diferença de poder torna possível a ordenação da existência em função do masculino, em que a hegemonia se traduz em um consenso generalizado a respeito da importância e supremacia da esfera masculina.

As relações entre masculino e feminino têm sido exercidas dentro de um sistema organizacional no qual um tende a exercer poder sobre a vida do outro, sendo que esse sistema exclui as mulheres que, na maioria das vezes, são colocadas em posições inferiores às exercidas pelos homens. Segundo Richartz (2004, p. 2), “gênero é uma construção social, já que paratransformar um bebê em homem ou mulher é preciso investimento social. Essa construção é realizada principalmente pelas instituições sociais como família, escola e igreja”.

Essas instituições são as mesmas que definem papéis diversos para homens e mulheres, sendo que na maioria das vezes as mulheres são colocadas ainda como frágeis e incapazes de exercer certas atividades, ou seja, as próprias instituições constituem relações em

queos homens têm mais poder que as mulheres. Como define Richartz (2004, p. 3), “os sistemas de gênero conhecidos são também sistemas que organizam relações de poder nas sociedades humanas, na estrutura e no funcionamento das instituições como o Estado, a Escola, a Igreja e os Partidos Políticos”.

Ao justificar o gênero como categoria relacional, Souza-Lobo (1991, apud FISCHER, 2006) afirma que a característica relacional exige sua contextualização e a pluralidade do conceito ao pensar as representações sobre as mulheres e os homens, levando-se em consideração as diversidades. O lugar das mulheres é um produto do significado que suas ações adquirem nas relações sociais. As relações de gênero permeiam as várias esferas da sociedade e possuem demarcações fluidas, historicamente situadas e culturalmente diferenciadas.

Consideramos a importância do conceito de gênero para a nossa análise, pois é a partir desse conceito que se pode pensar na relação de poder e no rompimento da dominação do masculino sob o feminino e repensar a vida das mulheres juntamente com a dos homens, pois a história de um está relacionada à história do outro e a inserção da categoria na Academia é essencial para refletir sobre as mudanças ocorridas nas suas vidas, no decorrer da história na sociedade.

Dentre os vários trabalhos desenvolvidos utilizando gênero como categoria de análise, Silva (2008) aborda a trajetória das mulheres trabalhadoras rurais em torno da Marcha das Margaridas. O trabalho teve como objetivo identificar como o gênero é constituído na ação e como os desdobramentos resultantes deste conceito são identificados nas categorias “poder” e “identidade”. A autora conclui que “a partir da apreensão do conceito de gênero como produto e processo das relações sociais, os resultados indicaram que o gênero influenciou as práticas sociais das mulheres trabalhadoras rurais” (SILVA, 2008, p. 154).

Seguindo essa linha de estudos que apontam a consciência sobre o gênero como o principal fator responsável pela organização de movimentos sociais, citamos também Lombardi (2006), o qual analisa o desenvolvimento rural pela perspectiva do gênero a partir de um movimento social. Sua pesquisa teve como objetivo compreender em que medida a participação das mulheres na organização e direção de um movimento social contribui para a alteração das relações de gênero, tradicionalmente existentes no campo, bem como para as relações que são percebidas no movimento. Lombardi (2006, p.123) conclui que “a participação das mulheres no movimento social contribui positivamente na estrutura econômica e social das famílias analisadas”.

Sena (2004), em seu trabalho sobre a construção de relações de gênero na militância política das mulheres, destaca um grupo de mulheres engajadas na Associação de Mulheres em Movimento, em Fortaleza. A partir desse grupo, procura observar se há reprodução ou ruptura com o modelo tradicional de militância política e busca elucidar a indagação sobre os limites da construção de relações igualitárias de gênero num grupo formado eminentemente por mulheres. A investigação da autora foi desenvolvida com a mediação de três categorias fundantes: gênero, militância política e esfera pública. Conforme Sena (2004, p. 157), “as mulheres apresentam, em suas falas, dois espaços de definição das relações de gênero: o espaço doméstico e a esfera pública, seja para reprodução ou ruptura das desigualdades”.

Dentre as pesquisas desenvolvidas no Estado do Tocantins, temos as de Parente (2006), focando as mulheres do norte goiano, atual Tocantins. Em estudo que aborda o século XIX, a autora dá visibilidade aos papéis sociais desempenhados por mulheres no comércio, nas quitandas e tavernas, nas manufaturas domésticas e nas relações familiares; analisa a representação dos papéis sociais exercidos no decorrer da história, focando, em última instância, a perspectiva de gênero. Entre os estudos feitos, Parente (2007) aborda as memórias das mulheres atingidas pela construção da Usina Luís Eduardo Magalhães, no rio Tocantins, com a conseqüente formação do lago. A abordagem é centrada nas mulheres do povoado de Pinheirópolis, distrito de Porto Nacional - TO. A partir das narrativas dessas mulheres e de suas memórias, são estabelecidas reflexões sobre os papéis de gênero que perpassam suas falas.

Santos (2009), ao discutir as relações de gênero e movimentos sociais, analisa as relações de gênero em assentamentos rurais, procurando apreender o processo de luta pela terra e a mobilização política das assentadas. Utiliza o conceito de gênero como categoria analítica para compreender as manifestações e configurações das relações nos assentamentos rurais e nos movimentos sociais, e conclui que

percebemos os mecanismos que dão condições para o estabelecimento e reprodução das relações de poder desiguais e que impossibilitam a construção de espaços igualitários de participação no assentamento, onde as versões dessas mulheres nos forneceram subsídios de análise sobre os lugares, papéis, atuações e ações das assentadas, além de nos possibilitar entender como ocorrem os mecanismos de submissão, exploração, seja no âmbito do trabalho doméstico, na produção, na militância, seja no desenvolvimento desses assentamentos. (SANTOS, 2009, p. 93).

Outro estudo relevante é o de Rocha (2010), em que analisa as relações de gênero desenvolvidas na Associação dos Moradores do Jardim Aurenny II, na cidade de Palmas. O autor utiliza os discursos das mulheres que se envolveram na implantação da associação no

contexto de construção da nova capital do estado do Tocantins e o discurso de desenvolvimento que pautava essa empreitada. A organização social foi forma encontrada pela comunidade do Aurenny II para reivindicar o que consideravam seus direitos. Dessa forma, a Associação de Moradores do Aurenny II tornou-se local de discussões e ações voltadas para o benefício da comunidade. A partir daí, as mulheres passaram a ocupar espaços que, até então, não lhes eram destinados, dividindo com os homens a responsabilidade pela organização do bairro e a conquista de benfeitorias. O enfoque do trabalho tem o intuito de traçar a forma como as mulheres ocuparam os espaços e como perceberam essa ocupação. Por fim, Rocha (2010, p. 93) pontua que

percebe-se como o gênero se faz presente nas relações cotidianas dessas mulheres e homens, que mesmo tendo objetivos comuns quanto ao seu local de vida, constroem representações diferentes das suas atuações, tendo como instigador as responsabilidades sociais que o gênero impõe. (ROCHA, 2010, p. 93).

Todos esses estudos abordam a questão de gênero ou enfocam as relações entre homens e mulheres, mas nenhum reflete acerca do empoderamento. Como o conceito de gênero aborda as relações entre homens e mulheres, entre homens e homens e entre mulheres e mulheres, sendo que muitas vezes os homens tendem a exercer controle sobre a vida das mulheres, fazendo com que as mesmas sejam impossibilitadas de decidir sobre a sua própria vida, percebemos como questões referentes ao empoderamento tornam-se necessárias para a nossa análise por entender que é a através desse empoderamento que as mulheres tendem a REVERTER o papel de subordinadas.

Assim, a partir das falas das artesãs das associações dos artesãos de capim dourado da região do Jalapão, identificamos os fatores impulsionadores e inibidores no processo de empoderamento das mulheres.

Quadro 01 - Fatores Impulsionadores e Fatores Inibidores do Empoderamento.

Fatores Impulsionadores	Fatores Inibidores
Renda e Rendimentos Suficientes	Responsabilidades Domésticas
Participação em Redes	Opressão
Acesso ao reconhecimento formal	Dependência Econômica
Informações	Falta de Apoio
Confiança e Autoestima	Falta de Capacitação
Desenvolvimento de Habilidades	Falta de Maior Participação
Desenvolvimento de Lideranças	

Fonte: Traduzido e organizado pela autora com base no trabalho *Microfinanciamiento y empoderamiento*, de Emma Zapatto Martelo. Agosto/2012.

Ao nos referirmos ao conceito de empoderamento, recorreremos inicialmente a Iorio (2002) que discute o surgimento da categoria empoderamento na perspectiva feminista:

É na interseção com gênero que o conceito de empoderamento se desenvolve tanto em nível teórico como instrumento de intervenção na realidade. Nos anos 1970 e 1980, feministas e grupos de mulheres espalhadas pelo mundo desenvolveram um árduo trabalho de conceitualização e de implementação de estratégias de empoderamento, com o qual buscaram romper com as diferentes dinâmicas que condicionavam a existência e impediam a participação e a cidadania plena das mulheres. (IORIO, 2002, p. 22).

Em discussões sobre o surgimento do conceito de empoderamento dentro do movimento das mulheres, Deere e León (2002, p.53) afirmam que o texto mais citado é de GitaSen e CarenGrow (1985), *Development, Crisis and Alternative Visions*, um manuscrito preparado por um conjunto de pesquisadoras acadêmicas e ativistas feministas para a Terceira Conferência sobre a Mulher da ONU, em Nairobi, em 1985. Nesse documento, o conceito de empoderamento aparece como uma estratégia conquistada por mulheres de países em desenvolvimento para mudar as próprias vidas, acarretando em um processo de transformação social, principal objetivo do movimento das mulheres.

O termo empoderamento surge como discussão dentro do movimento de mulheres como alternativa para que elas se conscientizem da situação em que vivem, conheçam seus direitos para, assim, lutar por eles; trata-se, portanto, de uma alternativa para que haja transformação na vida das mulheres, como sua inclusão no meio social. Deere e León (2002) afirmam que nos diversos usos do empoderamento está implícita a noção de pessoas que adquirem controle sobre suas próprias vidas e definem suas próprias agendas e, em geral, seu conceito está associado aos interesses dos que não possuem poder, assumindo-se a mudança desejada.

Seguindo a análise, as autoras destacam a palavra “poder” e explicam que o conceito de empoderamento pode ser subdividido em “poder para”; “poder com” e “poder dentro”. Afirmam, portanto, que “poder para” serve para impulsionar a mudança quando uma pessoa ou líder de grupo congrega o entusiasmo e a ação de outros, gerando um poder criador e facilitador que abre possibilidades e ações sem dominação; “poder com” refere-se à possibilidade do poder compartilhado, o que se manifesta quando um grupo gera uma solução coletiva para um problema comum; “poder dentro” diz respeito ao poder interno, baseado na geração de forças, no interior dos indivíduos, relacionado com a autoestima, pode ser o poder

obtido pelo indivíduo através das experiências que mantém no interior de um grupo (DEERE; LÉON 2002, p, 08).

Partindo da subdivisão relacionada à questão do poder, o conceito de empoderamento pode ser analisado dentro das associações dos artesãos do capim dourado, na região do Jalapão, cujas mudanças poderão ocorrer de forma indireta e de forma diferenciada de uma pessoa para outra, como mostram Deere e Léon (2002):

O empoderamento não é um processo linear com um começo bem definido e um final que seja o mesmo para todas as mulheres; é moldado para cada indivíduo ou grupo através de suas vidas, seus contextos e sua história, assim como ocorre de acordo com a posição de subordinação nos níveis pessoal, familiar, comunitário e nos níveis pessoal, familiar, comunitário e nos níveis mais elevados. (DEERE; LÉON, 2002, p.55).

Horochovski e Meirelles (2007, p. 2) afirmam que a noção de empoderamento é próxima da noção de autonomia, pois refere-se à capacidade de os indivíduos e de grupos decidirem sobre as questões que lhes dizem respeito e escolherem entre cursos alternativos de ação em múltiplas esferas – política, econômica, cultural, psicológica, entre outras. Trata-se de um atributo e também de um processo pelo qual se adquire poder e liberdades negativas e positivas. Acerca desse olhar de empoderamento como processo, os autores afirmam ainda que

empoderar é o processo pelo qual indivíduos, organizações e comunidades angariam recursos que lhes permitam ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão. Nesse sentido, equivale aos sujeitos terem poder de agenda nos temas que afetam suas vidas. Como o acesso a esses recursos normalmente não é automático, ações estratégicas mais ou menos coordenadas são necessárias para sua obtenção. (HOROCHOVSKI; MEIRELLES 2007, p. 2).

Na perspectiva feminista de Lisboa (2003, p. 02), empoderamento é um poder que afirma, reconhece e valoriza as mulheres; é pré-condição para obter a igualdade entre homens e mulheres; representa um desafio às relações patriarcais, em especial dentro da família, ao poder dominante do homem e manutenção dos seus privilégios de gênero; implica a alteração radical dos processos e das estruturas que reproduzem a posição subalterna da mulher como gênero; significa uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres, garantindo a elas autonomia no que se refere ao controle dos seus corpos, da sua sexualidade, do seu direito de ir e vir, bem como um rechaço ao abuso físico e às violações.

É interessante ressaltar, em nossa abordagem, o documento produzido pelo *World Economic Forum* (2005), o qual tem por objetivo avaliar a dimensão atual das disparidades de

gênero no mundo. De acordo com esse documento, as últimas três décadas têm testemunhado a crescente e regular conscientização da necessidade de empoderamento das mulheres, propondo medidas para aumentar a equidade social, econômica e política e ampliar o acesso a direitos humanos fundamentais, melhorar a nutrição, saúde básica e educação. Esse documento selecionou cinco dimensões importantes em torno do empoderamento da mulher, a saber:

1. A participação econômica de mulheres – sua presença no mercado de trabalho em termos quantitativos – é importante não só para reduzir os níveis desproporcionais de pobreza das mulheres, mas também como medida importante para aumentar a renda familiar e estimular o desenvolvimento econômico nos países como um todo. Participação econômica refere-se não só à participação numérica de mulheres na força de trabalho, mas também à sua remuneração em termos igualitários.
2. Empoderamento político diz respeito não só à representação equitativa de mulheres em estruturas de tomada de decisão, tanto formais quanto informais, mas também ao seu direito à voz na formulação de políticas que afetam a sociedade na qual estão inseridas.
3. Avanço educacional é, sem dúvida, o pré-requisito fundamental para o empoderamento das mulheres em todas as esferas da sociedade. Sem educação de qualidade e conteúdo comparável à recebida por meninos e homens, as mulheres não conseguem acesso a empregos bem pagos do setor formal, nem avanços na carreira, participação política e representação nos governos e influência política.
4. Saúde e bem-estar são conceitos relacionados às diferenças substanciais entre mulheres e homens, considerando acesso à nutrição adequada, cuidados de saúde e facilidades reprodutivas, e as questões de segurança indispensáveis à integridade pessoal. (WORLD ECONOMIC FORUM. *Empoderamento das Mulheres: avaliação das disparidades globais de gênero*, 2005 p. 7-13).

Percebe-se que a abordagem conceitual de empoderamento está relacionada à questão de desenvolvimento da capacidade humana de tomar iniciativas a respeito de suas vidas para a sua maior valorização, levando-as ao direito de decidir sobre as suas próprias vidas. Logo, para que haja o empoderamento, as pessoas precisam tomar consciência da situação em que vivem. Por exemplo: é necessário que as mulheres tomem consciência de sua condição e busquem alternativas para que haja mudanças significativas em seus ambientes domésticos e no âmbito social. A partir disso, compreendemos que o uso do conceito de empoderamento

relacionado à questão de gênero torna-se fundamental para se pensar ações voltadas para a vida das mulheres, pois apesar dos avanços conquistados nos últimos anos, muitas mulheres ainda se encontram em situação de vulnerabilidade, não podendo, por exemplo, decidir sobre suas próprias vidas; outras, por falta de oportunidades de trabalho, acabam excluídas socialmente. Já com relação às mulheres artesãs do capim dourado, objeto de nossa pesquisa, faz-se necessário refletir sobre como tem sido a vida delas antes e depois da produção do artesanato e como tem sido o cotidiano delas dentro das associações.

Muitas são as pesquisas desenvolvidas em torno da condição holística das mulheres, de sua inserção nos espaços de discussões e de suas participações nesses espaços democráticos, pensando o empoderamento como mecanismo de mudança social e comportamental. A título de exemplificação, Oliveira (2007), tendo como objetivo principal identificar e analisar as transformações ocorridas no cotidiano individual e coletivo das mulheres nos assentamentos de reforma agrária do Cariri Paraibano, a partir da formação feminista proporcionada por um coletivo feminista e pelo Centro da Mulher, faz relevante reflexão sobre a contribuição dessas mudanças e das práticas educativas para o empoderamento desse grupo social. A análise concentra-se nas experiências de dois grupos de mulheres rurais de assentamentos. Para Oliveira (2007, p. 56), a construção e a afirmação de suas identidades pessoais e coletivas e da consciência das desigualdades de gênero, aliadas à organização social e política e à prática educativa feminista, propiciaram às mulheres o desenvolvimento de processos de empoderamento pessoal e coletivo, resultando em mudanças objetivas e subjetivas que se expressam em: elevação da autoestima, exercício da fala nos espaços públicos, apreensão de seus próprios saberes e de novos conhecimentos, desenvolvimento de habilidades práticas, bem como uma consciência crítica das relações desiguais de poder, de gênero e da cultura patriarcal, presentes na sociedade.

Outro estudo relevante, o de Sousa (2008), analisa a trajetória profissional de mulheres que exercem cargo de gerência na área de Tecnologia da Informação e o seu processo de empoderamento, refletindo sobre os aspectos que envolvem as relações de gênero e poder no espaço organizacional. A autora observou que, mesmo não havendo por parte das mulheres gerentes entrevistadas consciência sobre terem vivido um processo de empoderamento, há vestígios desse processo nos testemunhos de algumas delas. Sousa (2008) percebeu, no decorrer do desenvolvimento do trabalho, que alcançar a gerência ou um cargo elevado na pirâmide organizacional, algumas vezes, não significa empoderamento da mulher, apesar de isso ser considerado elemento positivo na medida em que gera condições para que ocorra.

O estudo de Martins (2003), desenvolvido com trabalhadores na reciclagem do lixo, enfoca, na perspectiva do empoderamento, as dinâmicas econômicas, socioambientais e políticas de organização, a construção da identidade coletiva e o empoderamento de trabalhadores na associação de reciclagem. Martins (2003, p.17) analisa o empoderamento dos catadores/recicladores levando em consideração suas relações com diversos agentes externos. Faz uma análise comparativa das características de três associações e acaba tendo resultados diversos relacionados ao empoderamento dos catadores/recicladores.

Como podemos observar, diferentes pesquisas têm sido desenvolvidas usando a temática do empoderamento, principalmente relacionadas ao empoderamento das mulheres. Na pesquisa com as mulheres artesãs do capim dourado, na região do Jalapão, foi preciso verificar as diferenças das associações, as suas dinâmicas internas e assim verificar as perspectivas das artesãs em relação à atividade artesanal e à participação nas associações das diferentes localidades. O empoderamento é entendido nesta dissertação a partir da perspectiva das autoras Deere e Léon (2002) e relaciona-se à noção de pessoas que adquirem controle sobre suas próprias vidas e definem suas próprias agendas. Em geral, o conceito é associado aos interesses dos que não possuem poder, assumindo-se a ideia de uma mudança desejada.

No próximo capítulo, analisaremos a região do Jalapão no contexto do turismo e da importância dele para o fortalecimento da atividade artesanal, incentivando a formação das associações nas quais estão inseridas as mulheres artesãs.

CAPÍTULO II – A REGIÃO DO JALAPÃO NO CONTEXTO DO TURISMO

O Estado do Tocantins, desde a sua criação, vem passando por um processo de implementação de políticas públicas visando o desenvolvimento do turismo e o incentivo às atividades artesanais, destacando-se os recursos naturais e culturais como um novo cenário para a exploração do turismo. Assim, a região do Jalapão tem recebido uma série de recursos dos governos Estadual e Municipal, cujo foco principal é explorar de forma sustentável e viável os atrativos ecoturísticos que a região oferece, como: cachoeiras, dunas, serras, rios e fervedouros. É dentro desse contexto que a exploração do capim dourado ganha importância como matéria-prima para a fabricação de uma série de objetos artesanais que, em conjunto com os mencionados atrativos ecoturísticos, contribuem para a discussão do desenvolvimento de uma economia sustentável e viável com as características peculiares apresentadas pela região do Jalapão.

A presença humana na região do Jalapão pode ser dividida em três períodos: antigo, recente e atual. Como mostra Faleiro (2002 apud SANTOS, 2007, p. 40),

no primeiro momento, a região era ocupada por grupos pré-históricos e mais tarde, indígenas, dos quais constam apenas vestígios arqueológicos e relatos históricos. No segundo, chegam frentes pecuaristas e os imigrantes que buscavam oportunidades nas atividades de comércio, transporte, caça e extrativismo, dentre eles estão as famílias negras que formaram o município de Mateiros. E finalmente, o último, quando ocorre a instalação de infra-estruturas da capital e do Estado, por meio de grandes projetos, da emancipação da cidade de Mateiros e também da chegada de outros atores sociais.

Em relação à chegada de outros atores sociais, Behr (2004, p. 41) afirma que foi a partir da década de 1980 que a ocupação da região intensificou-se por conta da estrada que liga os municípios da região, em especial Ponte Alta do Tocantins, Mateiros, Novo Acordo e São Félix, ligando este município diretamente a Mateiros. Consequentemente, os povoados começaram a se emancipar e, com a chegada de turistas, empresários e grandes fazendeiros, notadamente paulistas, iniciaram também a construção de uma pequena infraestrutura urbana.

Em fins do século XX, com o desenvolvimento acelerado do ecoturismo na região do Jalapão, percebeu-se que essa atividade econômica, ligada quase que exclusivamente ao setor terciário da economia, apresenta, a médio e a longo prazos, um tipo de adequação/transformação da economia endógena (baseada, a princípio, na agricultura e pecuária de subsistência) para uma economia que envolveria atividades relacionadas ao

ecoturismo, ao artesanato do capim dourado e à criação de infraestrutura como hotelaria, cujo objetivo primordial é fortalecer a economia local de forma sustentável tanto para as gerações presentes como para as futuras.

Se até a década de 1990, o setor primário da economia era a principal fonte de renda de inúmeras famílias do Jalapão, hoje, com foco nas transformações socioeconômicas advindas dos últimos limiares da década de 90 e início de 2000, o ecoturismo, atrelado ao próprio modo de vida regional/local, tem atraído turistas de várias partes do Brasil e do mundo que, em meio ao cansaço e ao estresse, buscam nas belezas naturais da região, o descanso e o divertimento.

Em 1966, foi criado o Instituto Brasileiro de Turismo –EMBRATUR – com o objetivo básico de trabalhar pela geração do desenvolvimento social e econômico do Brasil. Conforme Chagas (2007, p. 30), isso

foi um marco importante para o desenvolvimento do turismo no país. No bojo da criação da EMBRATUR, já estava arraigada no discurso de seus criadores a visão de turismo como indústria. O turismo era visto como uma perspectiva unicamente economicista e tinha como meta ser um dos redutores da economia nacional encarado como importante gerador de divisas.

Assim, a implantação de políticas públicas para o desenvolvimento do turismo vem passando por avanços marcantes, pois o turismo tem se tornado um segmento responsável pelo desenvolvimento local/regional. Sobre as políticas públicas para o turismo no Brasil, Chagas (2007, p.33) ressalta que em 1991, a EMBRATUR foi transformada em autarquia pela Lei 8.181, de 29 de março. A partir de então, assume a função de formular, coordenar, executar e fazer executar a Política Nacional de Turismo. Foi a partir de 1991 que o turismo deixou de ter um caráter periférico e passou a estar presente na pauta das políticas públicas do país de forma mais incisiva. Em 1992, foi criado o Ministério da Indústria, Comércio e Turismo (MICT) e, a partir daí, os assuntos relativos ao turismo passaram a ficar a cargo deste ministério.

De acordo com Ansarah (2004, p.18), existe um “debate” aberto com o intuito de chegara um conceito de turismo que seja aceito universalmente. Em 1994, surgiu uma definição, adotada pela Organização Mundial do Turismo(OMT), que formaliza todos os aspectos da atividade turística: “O turismo compreende as atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e estadas em lugares distintos ao de seu entorno habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios e outros”.

Ainda conforme Ansarah (2004, p. 11), a atividade turística pode ser considerada um “agrupamento de setores”, existindo entre eles uma complementaridade técnica. Tendo em conta sua heterogeneidade e complexidade, pode-se afirmar que o turismo, como setor econômico, é um conceito difícil de ser definido uniformemente. Muito mais que um setor, trata-se de uma atividade que se estende de forma direta por vários setores da economia e, de forma indireta, por todos os demais setores. É nesse contexto que está inserido o nosso objeto de pesquisa: o artesanato do capim dourado é uma das atividades que compõem esse agrupamento e, portanto, faz parte dessa complexidade, o que torna importante a discussão sobre as atividades turísticas na região do Jalapão.

Segundo a mesma autora (2004, p. 11), na década de 1930, poucos sociólogos e economistas acertaram ao prognosticar a expansão que teria o turismo. A expansão começa na década de 1950 e ganha força na década seguinte. Desde então, o crescimento dessa atividade tem sido progressivo e vinculado à incrementação da renda dos habitantes dos países demandantes ou os de maior riqueza. Para os ofertantes, as consequências econômicas dessa atividade têm sido uma autêntica alavanca de desenvolvimento.

Na região do Jalapão, o turismo e o artesanato do capim dourado são vistos como elementos positivos que têm contribuído para o aumento da qualidade de vida da comunidade em geral. O turismo está concentrado em visitas a cachoeiras e rios, prática de *rafting* no Rio Novo, passeios por trilhas, entre outras opções como a visita à comunidade Mumbuca (SANTOS, 2007). Todavia, considerando as potencialidades naturais existentes na região e a quantidade de pessoas que a visitam anualmente, é preciso considerar os impactos causados sobre esses atrativos. Entre eles, está a exploração acelerada do capim dourado como matéria-prima na confecção do artesanato, além de impactos nos rios e nas cachoeiras, alvos da devastação causada pela movimentação frequente de pessoas, as quais, em grande parte, não possuem conscientização de preservação desses espaços naturais.

Segundo Santos (2006), a região possui características definidas de ecoturismo:

o ecoturismo é uma atividade dinâmica que envolve diversos níveis de interação entre as pessoas, cultura e o meio ambiente. Tem condições de suscitar nas comunidades envolvidas valores e experiências que perpassam tanto a sobrevivência como a auto-estima dessas. Tais experiências reforçam o imaginário de segurança, bem estar e satisfação, que consistem nas principais expectativas das comunidades em relação à atividade ecoturística.
(SANTOS, 2006, p. 01).

Ou seja, essas são características que podem ser identificadas na região do Jalapão, pois, ao visitá-la, o turista tem contato com objetos confeccionados a partir do capim dourado

e, acoplado a isso, entra em contato com os atrativos naturais que o meio ambiente oferece. Ainda sobre o ecoturismo desenvolvido ali, Rodrigues (2005, p. 31) ressalta:

o ecoturismo é uma atividade econômica de baixo impacto ambiental, que se orienta para áreas de significativo valor natural e cultural, que através das atividades recreacionais e educativas contribui para a conservação da biodiversidade e da sociodiversidade, resultando em benefícios para as comunidades receptoras. A Internacional Ecoturismo Society define sucintamente ecoturismo como uma viagem responsável para as áreas naturais que pretende conservar o ambiente e apoiar o bem-estar das populações locais.

O desenvolvimento do turismo na região do Jalapão desenvolve-se mais formalmente graças ao incentivo e atuação do Governo Estadual por meio do Programa “Pólos Turísticos” da EMBRATUR, quando, a partir de 1995, fixou a criação dos complexos turísticos do Araguaia e do Tocantins, divididos em Polos Turísticos. Posteriormente, esses complexos denominaram-se “Corredor Turístico do Araguaia” e “Corredor Turístico do Tocantins” (BENVINDO, 2009).

Benvindo (2009) afirma que quatro polos formam o Corredor Turístico do Araguaia: o ecoturismo do Cantão, o do vale do Javaés, o do Bico do Papagaio e o Turístico Encontro das Águas. Já o Corredor Turístico do Tocantins forma-se por três polos: o Ecoturismo do Jalapão, o Ecoturismo Termas e Gerais e o de Palmas.

O governo do Estado do Tocantins, por meio da Lei nº 1.560, de 5 de abril de 2005, que institui o Sistema Estadual de Unidades de Conservação da Natureza (SEUC), criou cinco Unidades de Conservação (UCs)⁷ na região do Jalapão. Behr (2004, p.137) explicam que “as unidades de conservação da região do Jalapão formam um corredor ecológico com mais de um milhão e meio de hectares, constituindo-se na maior área contínua legalmente preservada do cerrado”. As Unidades de Conservação criadas no Estado do Tocantins são fundamentais para a preservação da biodiversidade e têm possibilitado, a médio e a longo prazos, o desenvolvimento do ecoturismo na região do Jalapão.

Popularmente conhecidas como Parques, as Unidades de Conservação geridas pelo Instituto Chico Mendes estão divididas em dois grupos: o de Proteção Integral⁸ e o de Uso Sustentável⁹. Referindo-se às Unidades de Conservação criadas no Estado do Tocantins e que

⁷As Unidades de Conservação são definidas pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação como espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituídos pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de Proteção.

⁸As UCs de Proteção Integral prevê a “manutenção dos ecossistemas livres de alterações causadas por interferência humana, admitindo apenas o uso indireto e de seus atributos naturais”.

⁹As UCs de Uso Sustentável permitem a presença humana e o desenvolvimento de atividades econômicas sob determinadas condições e regras.

abrangemos municípios localizados dentro da região do Jalapão, destaca-se a Estação Ecológica da Serra Geral do Tocantins, pertencente ao grupo de Proteção Integral, da qual fazem parte os municípios de Formoso do Rio Preto, no Estado da Bahia, e Almas, Ponte Alta do Tocantins, Rio da Conceição e Mateiros, no Estado do Tocantins. Sobre o objetivo da Estação Ecológica, Chagas (2007, p. 85) ressalta que

A Estação Ecológica tem como objetivo a preservação da natureza e a realização de pesquisas científicas. É de posse e domínios públicos, sendo que as áreas particulares incluídas em seus limites serão desapropriadas, de acordo com o que dispõe a lei. É proibida a visitação pública, exceto quando com o objetivo educacional, de acordo com o que dispuser o Plano de Manejo da unidade ou regulamento específico. A pesquisa científica depende de autorização prévia do órgão responsável pela administração da unidade e está sujeita às condições e restrições por este estabelecidas, bem como àquelas previstas em regulamento.

Dentro dessa região ainda foram criadas as Áreas de Proteção Ambiental (APA), as quais se encontram dentro do grupo das Unidades de Conservação de Uso Sustentável. Na região do Jalapão, foi criada a Área de Proteção Ambiental da Serra da Tabatinga (APA - Tabatinga), cujo objetivo é proteger as nascentes do Rio Parnaíba, assegurando a qualidade das águas e as vazões de mananciais da região, mantendo condições de sobrevivência das populações humanas ao longo do referido rio e de seus afluentes. Está localizada no Alto Parnaíba, no Estado do Maranhão, e, na região do Jalapão, no município de Mateiros-TO, possuindo uma área total de 35193.75 hectares.

Também na região foco de nosso estudo, tem-se a Área de Proteção Ambiental do Jalapão (APA - Jalapão), com 461.730 hectares, ocupando terras dos municípios de Mateiros, Novo Acordo e Ponte Alta do Tocantins. Ela funciona como uma zona de amortecimento para o Parque Estadual do Jalapão e propicia a conectividade do Parque, ao sul, com a Estação Ecológica da Serra Geral do Tocantins e, a oeste, com o Parque Nacional das Nascentes do Rio Parnaíba. Sobre as APAs destaca-se que

a Área de Proteção Ambiental é uma área em geral extensa, com certo grau de ocupação humana, com atributos bióticos, abióticos, estéticos ou culturais importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas. As APAs têm como objetivo proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais. Cabe ao Instituto Chico Mendes estabelecer as condições para pesquisa e visitação pelo público. (CHAGAS, 2007, p.86).

Conforme o Plano de Manejo da APA-Jalapão (2003), entre seus objetivos básicos estão: proteger a diversidade biológica; disciplinar o processo de uso e ocupação do solo;

assegurar a sustentabilidade dos recursos naturais. A APA, enquanto instrumento de planejamento e gestão, visa conciliar a conservação da natureza e das culturas das populações, melhorando sua qualidade de vida e demonstrando que, se tomadas algumas providências básicas, a unidade de conservação pode converter-se em um instrumento democrático de negociação, construtor da cidadania e de equilíbrio na distribuição dos ganhos.

Quanto aos parques localizados dentro da região do Jalapão, destaca-se o Parque Nacional das Nascentes do Rio Parnaíba que tem porções nos municípios de Correntes (PI), Barreiras do Piauí (PI), São Gonçalo do Gurgueia (PI), Gilbués (PI), Alto Parnaíba (MA), Formosa do Rio Preto (BA), São Félix (TO), Mateiros (TO) e Lizarda (TO). A área possui um grande potencial ecoturístico e é de grande importância para a conservação da biodiversidade. A área total do parque é de 729.813 hectares.

Os parques, como ressalta Chagas (2007), são a mais popular e antiga categoria de Unidades de Conservação e

seu objetivo, segundo a legislação brasileira, é preservar ecossistemas de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas, realização de atividades educacionais e de interpretação ambiental, recreação e turismo ecológico, por meio do contato com a natureza. O manejo dos parques, feito pelo Instituto Chico Mendes, leva em consideração a preservação dos ecossistemas naturais, a pesquisa científica, a educação, a recreação e o turismo.(CHAGAS, 2007, p.87).

O Parque Estadual do Jalapão (PEJ), criado pela Lei Estadual nº 1.203 de 12 de janeiro de 2001, pertence à categoria de Unidades de Conservação de Proteção Integral do Estado do Tocantins e tem por objetivo a preservação dos recursos naturais da região na qual está inserido, fato que restringe suas formas de exploração, admitindo-se apenas o aproveitamento indireto de seus benefícios. Apresentando mais de 158.000 hectares, a área total do PEJ concentra-se apenas no município de Mateiros, sendo que seus limites atingem os marcos divisórios com os municípios de Ponte Alta do Tocantins, São Felix do Tocantins e Novo Acordo. A instituição responsável pela administração do PEJ é o Instituto de Natureza do Tocantins. (NATURATINS, 2003).

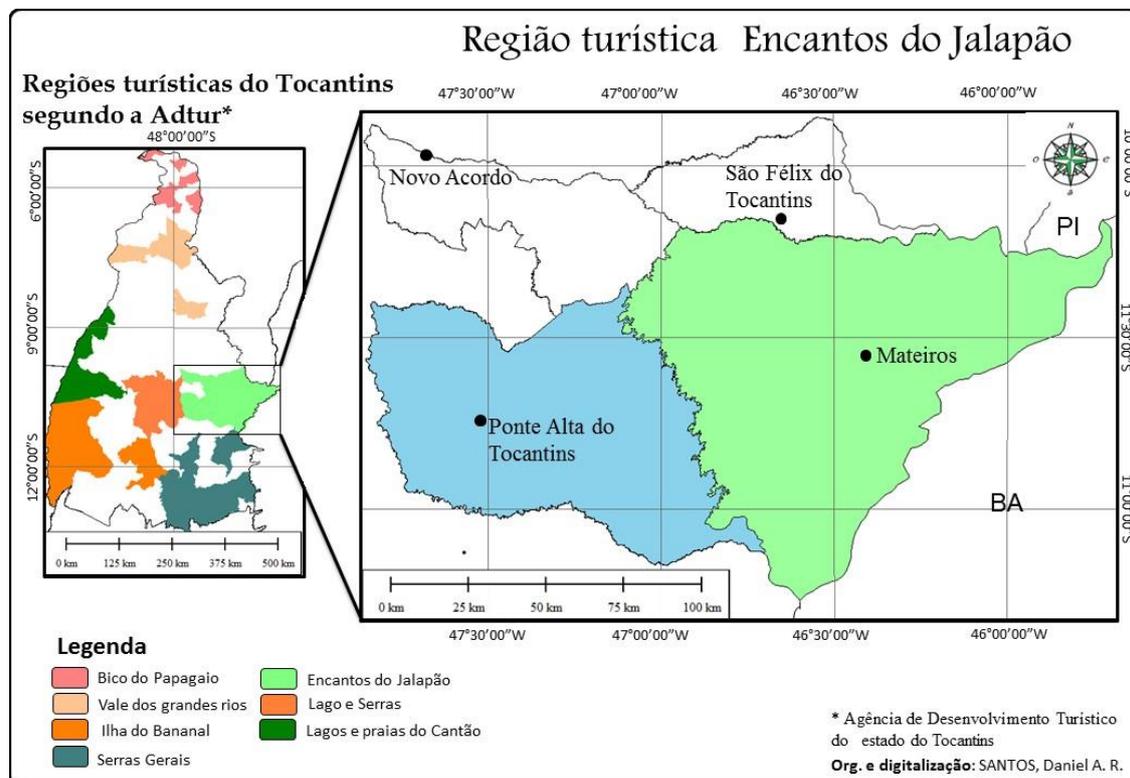
Assim sendo, apenas duas das associações dos artesãos do capim dourado analisadas neste trabalho estão inseridas no PEJ, a saber: Associação dos Artesãos da Comunidade Mumbuca e a Associação dos Artesãos de Mateiros-TO. A outra, a Associação dos Artesãos, fica no município que faz limite com o parque, ou seja, em Ponte Alta do Tocantins.

É dentro do município de Mateiros que se encontra o maior número de atrativos turísticos, dentre eles os atrativos naturais, como cachoeiras e rios, e os atrativos culturais, inserindo-se nestes a comunidade Mumbuca e o artesanato com ocapim dourado.

Benvindo (2009) afirma que os Polos Turísticos instituídos pela EMBRATUR fizeram parte do primeiro planejamento territorial do turismo no Estado. Em 2005, a Agência de Desenvolvimento Turístico do Tocantins (ADTUR) definiu dentro dessa concepção de Polos da EMBRATUR, regiões prioritárias para o desenvolvimento do turismo. De acordo com a ADTUR, as regiões turísticas definidas no Estado do Tocantins foram: Região Turística do Bico do Papagaio, Ilha do Bananal, Lagos e Praias do Cantão, Serras e Lago, Serras Gerais, Vale dos Grandes Rios e Região Turística Encantos do Jalapão, a qual é composta pelos municípios de Mateiros, Novo Acordo, Ponte Alta do Tocantins e São Félix do Tocantins e tem se destacado como um dos melhores roteiros mundiais para o turismo de aventura.

Esclarecemos que ao longo da dissertação utilizaremos somente dois municípios como foco principal que compõem a região turística do Jalapão, sendo eles: Ponte Alta do Tocantins e Mateiros (conforme Mapa 01). É nesses municípios que se encontram as associações dos artesãos nas quais estão inseridas as mulheres que fazem parte da pesquisa.

Mapa 01 -Regiões Turísticas do Estado do Tocantins, em Destaque a Região Encantos do Jalapão.



O Município de Ponte Alta do Tocantins

O município de Ponte Alta do Tocantins localiza-se na porção leste do Estado do Tocantins, apresentando como coordenadas geográficas 10° 44' 38" de latitude sul, 47° 32' 10" de longitude oeste, e altitude média de 294 metros, distante 198 quilômetros da capital, Palmas. Localizado dentro da região turística Encantos do Jalapão, definida pela ADTUR, o município de Ponte Alta é considerado o “Portal do Jalapão”, pois é a primeira cidade de entrada para os demais pontos turísticos que compõem a região.

Ainda sobre a formação do município, destaca-se a sede do distrito do Jalapão, primeiro nome de Ponte Alta do Tocantins, transferida em 17 de maio de 1912, pela Lei municipal nº 67, da Fazenda Mata Nova para o povoado denominado Bom Jesus de Ponte Alta, passando a se chamar Ponte Alta do Norte e, posteriormente, com a criação do Estado do Tocantins, em 1988, Ponte Alta do Tocantins. Aos poucos, várias melhorias foram incrementadas à cidade, como energia elétrica, saneamento básico, pavimentação e vias de acesso (BEHR, 2004).

Dentre os municípios que compõem a Região Turística Encantos do Jalapão, o município de Ponte Alta do Tocantins é o que concentra a maior população conforme dados do último censo (2010), com população estimada de 7.180 habitantes, distribuídos entre 3.301 mulheres e 3.879 homens. Essa população localiza-se no meio urbano e rural, de forma que a população urbana é de 4.527 e a rural, de 2.653. Sobre os aspectos econômicos do município, Souza e Zitzke (2009) destacam:

o município de Ponte Alta do Tocantins apresenta um grande potencial, perpetuando a atividade pecuarista que exerce um papel de grande importância para a economia local. A pecuária caracteriza-se como uma atividade produtiva no município, onde o rebanho bovino supre a demanda de consumo na alimentação de carne e leite. (SOUZA; ZITZKE, 2006, p. 68).

O município de Ponte Alta do Tocantins, bem como os demais municípios anteriormente mencionados, faz parte da região turística do Jalapão e, por isso mesmo, oferece diversos atrativos turísticos além, é claro, da confecção do artesanato do capim dourado que, como se sabe, tem atraído diversas pessoas interessadas no produto ou na matéria-prima. Entre os atrativos turísticos localizados nesse município, destacam-se, segundo a ADTUR:

- Morro da Pedra Furada: esculpida pela ação do vento e das águas, a formação rochosa em arenito possui 400 metros de extensão.
- Cânion Sussuapara: a água desce por um fenda estreita entre paredões úmidos, com cerca de 12 metros de altura, como um pequeno cânion, cobertos de samambaias, musgos e vegetação típica. Ao longo do trajeto, o córrego apresenta sucessões de pequenas quedas de água, formando piscinas naturais de águas frias;
- Cachoeira Brejo da Cama: localizada a 35 km da sede do município, tem sua atratividade não na altura ou na força da água, mas no poço profundo de água limpa que se forma ao fim da queda;
- Cachoeira do Soninho: com capacidade de receber somente 10 pessoas a cada visita, o local é frágil, mas revelador de intensa beleza. A queda da água tem volume impressionante. Com o estreitamento das margens do rio, as águas tomam força e deságuam em um cânion de 10 metros de altura;
- Praia do Tamburi: é um dos atrativos mais populares do município. Durante a temporada, entre junho e agosto, torna-se palco de festas, shows, atividades esportivas e recreativas;
- Cachoeira da Fumaça: a força do volume da água, ao bater nas rochas, provoca uma nuvem de vapor. É formada pelo enrocamento das Balsas e tem 45 metros de queda livre, com grande estrondo;
- Cachoeira da Talha do Brejo do Boi: Duas cachoeiras paralelas que descem pelos paredões de pedra, formando o mesmo rio. Possui 38m de altura.

O município de Ponte Alta do Tocantins vem passando por avanços infra-estruturais quando se trata da questão do turismo. Sendo considerado o portal de entrada para o Jalapão, o município dispõe de guias turísticos para completar a rota que leva aos principais pontos como, Mateiros e a Comunidade Mumbuca. Para completar a sua infraestrutura, o município de Ponte Alta conta com alguns hotéis, pousadas e restaurantes.

Além desses pontos que integram o roteiro turístico no município de Ponte Alta do Tocantins, outro que se destaca é a Associação dos Artesãos do Capim Dourado, visitada pelo turista para a obtenção dos objetos confeccionados a partir do capim dourado. O artesanato vem se constituindo como atrativo turístico e pode ser adquirido na associação principal da cidade ou até mesmo na casa dos artesãos. Mesmo depois da constituição da associação,

grande parte dos artesãos começou a organizar pontos de vendas fixos, paralelos à associação, em suas próprias casas.

O Município de Mateiros-TO

O município de Mateiros possui uma área de 9.591,54 km², com sede localizada a 10° 32' 51" de latitude sul e 46° 25' 16" de longitude oeste. De acordo com dados do IBGE, a partir do último censo, a população total de Mateiros é de 2.219 habitantes, sendo que 1.034 são mulheres e 1.185 são homens. Localizada no meio urbano e no rural, tem-se 1.411 como população urbana e 808 como população rural.

O município de Mateiros é considerado como a capital do Jalapão e foi descoberto por caçadores vindos do Piauí, provavelmente no começo do século XX. Os primeiros moradores descendiam do caçador apelidado de Lapa, que abrigou as famílias de Antônio Pereira e de Vitor Polidário – baiano proprietário da Fazenda Pedra de Amolar. Pouco depois vieram outras famílias, todas descendentes do Piauí e, assim, começou a vida social de Mateiros (BEHR, 2004).

Quanto ao turismo, segundo a Agência de Desenvolvimento Turístico do Tocantins (ADTUR), a cidade de Mateiros abriga a maioria dos atrativos da região do Jalapão. Sendo eles:

- Dunas do Jalapão: localizadas ao sopé da Serra do Espírito Santo, com areia fina e avermelhada, têm mais de 20 metros de altura, são cercadas por veredas e formadas pela ação dos ventos, que acentuam o processo erosivo das encostas;
- Fervedouro: é uma pequena piscina natural de 6 metros de diâmetro, cercada por bananeiras. O diferencial é que ninguém consegue afundar, apenas boiar em pé ou deitado, desafiando a gravidade. O fenômeno deve-se às bolhas de ar que brotam de um olho d'água em meio à areia finíssima, dando a impressão de uma ebulição eterna;
- Cachoeira da Velha: um grande volume de água do Rio Novo despenca em forma de duas ferraduras de aproximadamente 100 metros de largura e 15 metros de altura. É a maior cachoeira de toda a região e não é propícia para banho, apenas para admirar e contemplar as forças da natureza. Está localizada a 152 km da sede do município;
- Prainha da Cachoeira da Velha: praia fluvial localizada a jusante da Cachoeira da Velha. O acesso à praia é feito por escadaria de madeira e pilares de concreto;

- Cachoeira da Formiga: localizada a 31 km da sede do município, o rio de mesmo nome dá origem à cachoeira de pequenas dimensões que se destaca pela cristalinidade de suas águas em tons verde-azulados. Pode ser visitada durante todo ano, porém, no período das chuvas as vias de acesso ficam mais comprometidas;
- Cachoeira do Vicente: localizada a 30 km de Mateiros, fica abaixo da cachoeira da Formiga e caracteriza-se mais como corredeira. Uma pequena queda movimentada uma roda d'água que gera energia elétrica para o sítio onde a cachoeira está situada. O local em si é muito agradável com área para camping e pequenos poços para banhos;
- Comunidade Mumbuca: encontra-se no roteiro turístico e está localizada a 22 km da sede do município.

O município de Mateiros-TO foi inserido no Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), do Ministério de Turismo, na tentativa de melhorar o cenário do turismo na região. No âmbito do programa, realizaram-se três fases de oficinas e fundaram o Conselho Municipal do Turismo (BENVINDO, 2009). Sobre o PNMT, Santos (2007) afirma que se trata de um programa desenvolvido e coordenado pela EMBRATUR, sob o direcionamento da OMT, cujos objetivos são sensibilizar, conscientizar, estimular e capacitar monitores municipais para despertar e reconhecerem a importância e a dimensão do turismo como gerador de emprego e renda, conciliando o crescimento econômico com a preservação e a conservação do patrimônio ambiental, histórico e cultural, e tendo, como resultado, a participação e a gestão da comunidade no Plano Municipal de Turismo. A partir desse programa foi criado, no município, o Centro de Apoio ao Turista (CAT), com o objetivo de dar apoio ao turista no que se refere a guias e a informações sobre os pontos turísticos da região.

Referindo-se à questão dos equipamentos e serviços que dão suporte à atividade turística na região do Jalapão, Fonseca (2011, p. 62) afirma que a região é composta por meios de hospedagem, serviços de alimentação, agenciamento e transporte. Atualmente, conta com 28 locais de hospedagem e 41 estabelecimentos de alimentos e bebidas, distribuídos em restaurantes, bares, panificadoras, lanchonetes e sorveterias. A maioria das agências de viagem operadoras de pacotes para o Jalapão localiza-se no município de Palmas.

Turismo na região do Jalapão: uma nova perspectiva para o desenvolvimento local/regional

O desenvolvimento de qualquer economia, seja ela local, regional, nacional ou internacional, depende, em última instância, do crescimento técnico/social da comunidade, seguido de socialização entre os agentes promotores de tal manifestação. Com a estabilidade econômica que algumas nações capitalistas conheceram no pós-Segunda Guerra (1939-1945), trazendo conforto socioeconômico a um número cada vez maior de famílias, o turismo, como fonte expansiva desse processo, passa a fazer parte da vida de milhares de pessoas tanto dos países ricos como dos emergentes economicamente.

O Brasil, após o fim da chamada Guerra Fria (1947-1989), em especial a partir da década de 90, passa a descobrir as regiões mais longínquas, entretanto, privilegiadas pelos mais variados atrativos turísticos, entre elas o Jalapão, lugar que vem vivendo um processo de desenvolvimento graças ao incentivo dos poderes públicos nacional, estadual e municipal.

Conforme ressalta Fonseca (2011, p.12), “o termo desenvolvimento é muito usado, embora, muitas vezes, seja confundido com crescimento.” Quanto à diferenciação entre crescimento e desenvolvimento econômico, Giansanti (1999, p. 11) argumenta que:

o crescimento de uma economia define-se basicamente pelos índices de crescimento anual do Produto Nacional Bruto (PNB) per capita e da força de trabalho, pela proporção entre receita nacional poupada e investida e pelo grau de aperfeiçoamento tecnológico. Vincula-se fundamentalmente ao campo econômico, já o desenvolvimento econômico leva em conta os fatores de crescimento econômico acompanhados pela melhoria dos padrões de vida de uma população.

Ainda sobre o assunto, Perroux (1962 apud FONSECA, 2011) afirma que essa diferenciação conceitual entre crescimento e desenvolvimento mostra que o crescimento está atrelado a questões econômicas, dependendo intrinsecamente do desenvolvimento que não pode estar desvinculado das questões sociais, culturais e institucionais. Contudo, a análise do desenvolvimento econômico deve ser complementada com a avaliação de aspectos sociais de natureza qualitativa. Em outras palavras, o crescimento econômico (aspecto quantitativo) deve ser visto como consequência e não causa do desenvolvimento (aspecto qualitativo) quando for notório em nível nacional, regional e local, proporcionando melhor padrão de vida de um número considerável de indivíduos.

O turismo desenvolvido em determinadas localidades da região do Jalapão, principalmente nos municípios de Ponte Alta e Mateiros, tem gerado novas oportunidades de

emprego por causa da concentração de hotéis e pousadas e pela necessidade dos serviços de guias turísticos, principalmente na época de maior demanda, a saber, nos meses de junho a setembro. Sobre a questão do desenvolvimento Souza e Zitzke (2006), afirmam que

como um poderoso aliado na busca do desenvolvimento, o turismo regional e local oferece benefícios econômicos para o município em função da geração de empregos para a população com lucro para o setor de serviços. Nos municípios de Ponte Alta do Tocantins e Mateiros-TO, o turismo vem crescendo e pode ser reconhecido como uma importante atividade econômica, mas também pode ser considerada uma atividade que provoca impacto. (SOUZA; ZITZKE, 2006, p.67).

Quanto aos impactos ambientais na região do Jalapão, destacamos a questão das estradas de acesso aos pontos turísticos. Por serem arenosas sofrerem um grande fluxo de turistas, desgastam-se, passando por um processo de erosão intensificado tanto pela movimentação, como pela falta de estrutura em alguns pontos turísticos e pela falta de conscientização dos turistas.

Conforme Dietrich (2006, p. 15) “a atividade turística, envolve direta e indiretamente diversas áreas e dentre elas destaca-se o artesanato como produto de consumo das pessoas que viajam ou até mesmo (muitas vezes) de interesse, como atrativo”. Essa é uma realidade na região do Jalapão, sendo sua origem a comunidade Mumbuca. Essa comunidade e a origem do artesanato com o capim dourado são foco no próximo capítulo.

CAPÍTULO III – A COMUNIDADE MUMBUCA E O ARTESANATO DO CAPIM DOURADO COMO PRODUTO TURÍSTICO

Breve Histórico da Comunidade Mumbuca e do Artesanato

A comunidade Mumbuca, localizada no município de Mateiros, a 35 km da sede do município, tem uma população de aproximadamente 150 moradores. Sousa (2009, p. 30) afirma que se trata de “uma comunidade, pequena, originada da miscigenação de negros e índios e que, a sua maneira, vive há cerca de 100 anos no mesmo local, construindo o seu espaço, território e cultura.” Pelo histórico e modo de vida peculiar, publicou-se, em 20 de janeiro de 2006, no Diário Oficial da União, a Portaria nº 02 de 17 anos da Fundação Zumbi do Palmares¹⁰, reconhecendo Mumbuca como Comunidade Remanescente de Quilombola (SOUSA, 2009).

Atualmente a renda da comunidade Mumbuca concentra-se principalmente na venda do artesanato de capim dourado e na aposentadoria de alguns moradores, sendo que algumas famílias recebem auxílio do governo federal como Bolsa Família. Na comunidade, há um colégio, onde alguns moradores trabalham exercendo a função de merendeiros e auxiliares de limpeza. No caso dos docentes, estes vão de outros municípios.

Acerca do artesanato com capim dourado, a comunidade Mumbuca vem desenvolvendo a técnica há muito tempo e, por uma questão cultural, ela é repassada de geração para geração, como atestam os próprios moradores da comunidade por meio de suas falas. O artesanato confeccionado com o capim dourado tem origem indígena e quem primeiro aprendeu a técnica foi seu Firmino com índios que passaram pela região. Posteriormente, ele ensinou a suas sobrinhas que mais tarde ensinaram as suas filhas, entre elas Guilhermina Ribeiro da Silva, conhecida como Dona Miúda.

Dona Miúda, falecida em 2010, era considerada a matriarca dos Mumbuca e passou a ser conhecida em toda a região por dedicar-se na divulgação e no repasse para as novas gerações da técnica de costurar o capim dourado com linha feita a partir da seda do buriti. Dona Miúda era sempre convidada a participar de eventos e feiras como, por exemplo, as organizadas pela Fundação Cultural, em especial a Feira de Folclore, Comidas Típicas e Artesanato do Tocantins (FECOARTE). Assim, a artesã participava de inúmeros eventos, como lançamentos de empreendimentos que têm como nome “capim dourado”. É o caso do

¹⁰A Fundação Cultural Palmares é uma entidade pública vinculada ao Ministério da Cultura, a qual formula e implanta políticas públicas com o objetivo de potencializar a participação da população negra brasileira no processo de desenvolvimento, a partir de sua história e cultura.

Residencial Capim Dourado e do Shopping Capim Dourado, em Palmas. Inclusive, presente no lançamento do prédio do shopping, Dona Miúda recebeu do grupo responsável pelo shopping o comprometimento de que eles cederiam um espaço gratuito para que os artesãos comercializassem os produtos artesanais confeccionados com a fibra. Essa foi uma homenagem a Dona Miúda e à Comunidade Mumbuca pelo uso do nome da fibra no empreendimento.

Vale esclarecer que esse espaço cedido para a comercialização de artesanato produzido com capim dourado tem sido alvo de polêmica nos últimos tempos. Para ser vendido no local, o artesanato deveria ter como origem alguma associação de artesãos da região do Jalapão, e deveria apresentar um selo certificando sua origem, fornecido pela Associação dos Artesãos em Capim Dourado da Região do Jalapão (AREJA). Porém, recentemente a sala foi inaugurada e o artesanato comercializado no local não é produzido por artesãos associados, tornando a produção do artesanato apenas uma mercadoria, cuja origem cultural não é respeitada. A presidente da AREJA, em defesa dos artesãos da região, publicou uma nota de repúdio no jornal do Tocantins (Anexo A).

Assim como Dona Miúda, suas filhas¹¹ tornaram-se referência na produção artesanal do capim dourado; com isso, a atividade expandiu-se principalmente em Mateiros, onde está localizada a comunidade, e em outros municípios, como Ponte Alta do Tocantins e São Felix do Tocantins.

Como ressalta Schimidt (2005), no início da produção do artesanato, principalmente na Comunidade Mumbuca, a atividade era restrita às mulheres que confeccionavam apenas utensílios domésticos, como cestos e chapéus. As vendas eram esporádicas e feitas em pequena escala, pelas artesãs e por seus familiares, a turistas e comerciantes que passavam pela região e também em outras cidades, como Monte do Carmo, Porto Nacional, Lizarda (Tocantins) e Formosa do Rio Preto (Bahia). Essas vendas ocorriam de forma incerta, em pequenas quantidades e eram pouco lucrativas. Assim, a demanda por produtos de capim dourado era pequena e a colheita era feita principalmente nas proximidades de casa, pela própria artesã, por seu marido e por seus filhos (SCHIMIDT, 2005, p. 40).

Em pesquisa realizada junto à comunidade Mumbuca, Sousa (2009) destaca que, antes de o capim dourado tornar-se uma das principais fontes de renda dos moradores, estes viviam isolados, praticavam a economia de subsistência e produziam apenas alguns utensílios com a

¹¹As filhas de Dona Miúda estão na comunidade Mumbuca e têm se dedicado a atividade com o capim dourado como, por exemplo, a Noemi Ribeiro que foi a primeira presidente da associação dos artesãos da comunidade.

matéria-prima, os quais eram levados em viagem aos Estados vizinhos para serem negociados por outros produtos e alimentos. Ressaltamos que, naquele contexto, as viagens eram feitas a pé, através de trilhas abertas no mato, já que não havia estrada.

Atualmente, as atividades desenvolvidas pela comunidade são ainda de maneira tradicional, como a agricultura de subsistência (plantação de arroz, feijão, mandioca, milho etc.), a qual garante a base alimentar da comunidade. As casas são de adobe de palha, preservando a arquitetura tradicional (Figura 01, em Anexo B), com exceção do prédio da escola, construído em 2007. Assim, desde, pelo menos, o século XIX, a comunidade Mumbuca vem construindo o seu território-identidade, vivenciando a sua cultura, tendo como principais atividades a agricultura de subsistência, confecção do artesanato do capim dourado e, nas últimas duas décadas, a emergência da atividade turística como uma das fontes potencializadoras da economia local/regional. Acerca disso, Santos (2002, p. 8) compreende que

o território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.

Ou seja, é nesse espaço que a comunidade vem construindo a sua vida, preservando os costumes dos antepassados e repassando-os para os mais novos, reconstruindo sua identidade a partir do artesanato com o capim dourado. É importante salientar que a comunidade Mumbuca e os moradores são descendentes das famílias da própria comunidade e as únicas pessoas moradoras da comunidade que não fazem parte das famílias são os professores que, nesse caso, não são artesãos/ãs.

Como ressalta Friedrych (2009), mesmo sendo inserida em um ambiente turístico e vivendo os entraves de estar localizada dentro de uma Unidade de Conservação, o Parque Estadual do Jalapão, a comunidade vem passando por avanços, ou seja, melhorias. Ao referirmo-nos às melhorias, destacamos a regularização da comunidade Mumbuca como comunidade quilombola e os aspectos de preservação da biodiversidade local, pois, com a criação da Unidade de Conservação, algumas atividades tornaram-se restritas, como a criação de gado e até mesmo a caça e a agricultura de subsistência, uma vez que é preciso ter o controle do fogo por exemplo.

A Comunidade Mumbuca, assim como a própria região do Jalapão, sempre foi marcada pelo isolamento, dificultando a vida da comunidade, conforme revelam as narrativas apresentadas por Sousa (2006) em sua pesquisa, destacando-se o relato do Senhor Venceslau da Silva:

no começo era tudo mais difícil, nós tinha que andar a pé 28 léguas, para buscar mantimentos lá na Bahia e no Piauí, e trazia nas costa quando não tinha animal para trazer, e era coisa que não podia passar sem, como o sal em pedra para cozinhar. As estradas não tinham também, nós ia pelos trieiros na mata. Nós vivíamos isolados aqui, quase não tinha contato com outras pessoas, era tudo, era tudo mais difícil e a gente se virava como dava. (SOUSA, 2006, p. 49).

Se o processo de ocupação da região do Jalapão por famílias nordestinas remete-nos ao século XIX, as atividades econômicas secundárias e complementares que passaram a ser desenvolvidas com o capim dourado, constituindo uma nova estrutura social, foi marcante na vida das mulheres e dos homens da comunidade Mumbuca tão somente a partir da década de 90. Tendo como ênfase o turismo desenvolvido na região do Jalapão e estando situada nas principais rotas de exploração dos atrativos ecoturístico, a comunidade Mumbuca vem passando por um processo gradual de transformação de algumas atividades desenvolvidas localmente. Um exemplo disso é o incentivo do governo do Estado do Tocantins, através da Secretaria de Cultura, para a produção do artesanato do capim dourado através da formação da associação dos artesãos.

A partir desse momento, a atividade começou ser praticada com mais frequência e pessoas que, até então, não tinham nenhum vínculo com a atividade, passaram a se interessar visando o lucro, logo, a atividade repercutiu em nível estadual, nacional e internacional a procura pela matéria-prima para a venda aumentou, atraindo não apenas pessoas interessadas em confeccionar o artesanato, mas também interessadas na venda da matéria-prima.

Para entender qual é a relação entre o artesanato e o turismo na região do Jalapão, faz-se necessário, em um primeiro momento, dizer que algumas atividades artesanais de fundo econômico e cultural são grandemente fortalecidas pelo turismo local. Conforme Barreto (2000 apud FONTES 2006, p. 11), “o turismo pode ser dividido em turismo motivado pela busca de atrativos naturais e turismo motivado pela busca de atrativos culturais” e é isso que vem acontecendo na região do Jalapão: a partir da repercussão adquirida pelo artesanato, despertando o interesse dos moradores mais jovens e dos homens, a comunidade começou a se transformar em um núcleo turístico de natureza cultural, uma vez que os turistas

buscam contato com a comunidade para conhecer o lugar inicial de produção do artesanato com o capim dourado.

Sobre o artesanato, Fontes (2006, p. 29) afirma que ele é visto como uma forma de produção em que os trabalhadores desenvolvem uma relação com o objeto, uma vez que os trabalhadores assumem uma posição importante face à construção do produto, o qual depende de sua capacidade e de seu conhecimento para ser criado. Esse conhecimento vem sendo transmitido de geração em geração e se, no começo da atividade, os artesãos utilizavam comomatéria-prima o capim dourado e a seda do buriti, essa prática vem mudando tanto na comunidade Mumbuca, como em outras localidades produtoras do artesanato.

A comunidade Mumbuca vem passando por mudançassignificativas em relação à sua transformação como núcleo turístico, como é possível perceber em relatos dos moradores mais antigos ou até mesmo em pesquisas realizadas na comunidade. O artesanato do capim dourado tem se tornado, na região do Jalapão, um produto turístico associado aos recursos naturais existentesali. Sobre isso, Diettrich (2006, p. 58) pontua que:

o artesanato é uma forma de contato com a cultura local, com uma característica especial a ser adquirida, ou seja, através do artesanato o turista pode levar consigo (materialmente) uma representação de sua experiência naquela viagem, motivo pelo qual, nas localidades eminentemente turísticas, a comercialização do artesanato vem sendo valorizada.

Com essa atividade, portanto, os costumes da comunidade também sofrem mudanças, ou seja, os moradores vão construindo uma nova perspectiva de vida. Na região do Jalapão e, especificamente na comunidade Mumbuca, o extrativismo do capim dourado é realizado nos campos úmidos. Em locaispróximos, o deslocamento dos artesãos éfeito a pé ou a cavalo. Alguns têm o costume de acampar por alguns dias caso o local de colheita seja muito distante. A colheita é feita à mão livre, puxando-se as hastes, as quais precisam estar completamente secas, fenômeno que ocorre na região entre a segunda quinzena do mês de setembro e a primeira do mês de outubro. Essas regras de colheita foram estabelecidas peloInstituto Natureza do Tocantins(NATURATINS), através da Portaria nº. 362, de 25 de maio de 2007 (Anexo C).

Sobre o incentivo do governo às atividades artesanais, Melo (2005, p. 34) afirma que:

O artesanato tem se propagado de forma significativa trazendo benefícios econômicos para quem faz parte dessa atividade. O poder público vem realizando programas de incentivos de desenvolvimento do segmento com o objetivo de profissionalizar a cadeia produtiva do artesanato e fortalecer o processo de geração de empreendimentos mais competitivos, visando maior retorno econômico para as

comunidades, transformando a atividade numa alternativa eficaz de ocupação e renda.

Assim, a prática de costurar capim dourado vem ocupando uma das principais atividades desenvolvidas tanto pelos moradores mais antigos, principalmente as mulheres mais experientes (mais velhas), quanto pelos mais jovens que veem nessa atividade uma fonte de renda promissora para o sustento de seus familiares. Uma questão, porém, precisa ser pensada: a atividade artesanal com o capim dourado tem se tornado uma prática geradora de oportunidade e renda que se condensa como uma atividade informal. A falta de um conceito claro do que seria formal e informal entre as comunidades acerca das inúmeras atividades que desenvolvem tem levado alguns artesãos a se considerarem como parte de uma economia legal e outros, em contrapartida, a considerarem suas atividades informais.

Para Melo (2005), no âmbito da economia informal, convivem diferentes tipos de atividades que são realizadas de forma individual ou associativa, sejam formalizadas ou não. Como exemplo, temos as cooperativas, oficinas de produção, associações de artesãos, organizações de microcrédito, etc. Na região do Jalapão concentram-se as associações dos artesãos que serão abordadas no próximo tópico.

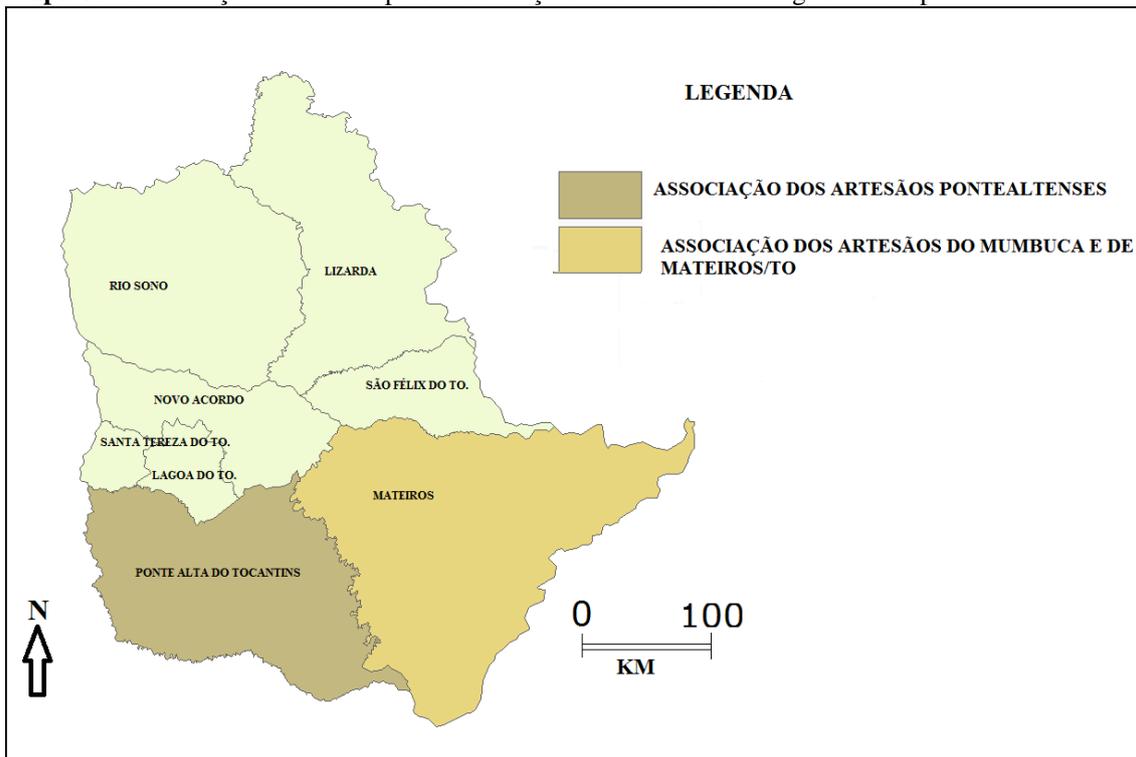
Ainda sobre a atividade informal e as organizações, Melo (2005) ressalta que as mesmas possuem uma racionalidade econômica que, diferentemente das empresas capitalistas, são baseadas na geração de recursos, monetários ou não, destinados a prover e a repor os meios de vida e na utilização de recursos humanos próprios. Na Comunidade Mumbuca, antes da ascensão da atividade do capim dourado na década de 90, os homens dedicavam-se aos serviços da agricultura e saíam em busca de diárias nas fazendas próximas para comprar outros suprimentos que não eram adquiridos com a agricultura de subsistência. As mulheres dedicavam-se às atividades domésticas e a prática de costurar o artesanato não era muito frequente, algumas produziam-no somente para consumo doméstico. Hoje ainda ocorre de alguns homens saírem à procura de emprego, mas com menos frequência, pois a maioria inseriu-se na produção do artesanato.

A partir do momento em que a atividade começou a se difundir nacionalmente, outros artesãos externos à comunidade também começaram a aparecer, originários de outros municípios que constituem a região do Jalapão, principalmente das cidades de Ponte Alta do Tocantins e Mateiros, ocasionando, portanto, a formação de outras associações e o aumento da população envolvida na produção do artesanato.

Associações dos Artesãos de Capim Dourado da Região do Jalapão no Contexto do Turismo

Na região do Jalapão, observa-se, partir das atividades ligadas à confecção de objetos a partir do capim dourado e da exploração da potencialidade que o ecoturismo vem proporcionando local e regionalmente, uma substancial melhoria na qualidade de vida de algumas comunidades. O ecoturismo e o incentivo do governo do Estado à produção do artesanato do capim dourado vêm contribuindo para a organização da atividade por meio da formação das associações dos artesãos, as quais estão organizadas em diversos municípios da região, destacando-se os municípios onde localizam-se as associações que fazem parte desta pesquisa (Mapa 02): Ponte Alta do Tocantins, onde está localizada a Associação dos Artesãos Pontealtenses, e Mateiros, onde estão situadas a Associação dos Artesãos do Mumbuca e a Associação dos Artesãos de Mateiros.

Mapa 02 - Localização dos Municípios e Associações dos Artesãos da Região do Jalapão.



Fonte: SOUSA, A; PEREIRA, M. Ago./2012.

Ao referirmo-nos à formação das associações dos artesãos na região do Jalapão, é preciso, de antemão, discutirmos o processo de formação de associações e o associativismo em si para podermos compreender o processo de formação das associações dos artesãos na região pesquisada.

Bier et al (2006) afirma que o associativismo surgiu já nos primórdios da humanidade, quando os homens se juntavam para caçar e prover as suas subsistências. Na era industrial, organizaram-se para fomentar o trabalho e enfrentar as dificuldades. Atualmente, na era globalizada, o associativismo é praticado como forma de geração de emprego e renda. Ao referir-se ao processo associativista no Brasil, Veiga e Rech (2001) afirmam que

foi no campo que as associações se fortaleceram e a constituição das Ligas Camponesas é o seu exemplo mais emblemático do período. Mais tarde, na luta contra a carestia, as associações de moradores e as federações tiveram um papel importante na conjuntura. Hoje frente à reestruturação produtiva, às novas tecnologias e à política neoliberal, temos novos atores nesse campo das organizações econômicas e sociais, no qual o movimento dos Sem-Terra (MST), a Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas Autogeridas (Anteag), os sindicatos de trabalhadores, as universidades através da rede de Incubadoras. (VEIGA; RECH, 2001, p. 20).

É nessa perspectiva de organização socioeconômica de melhorias que as associações dos artesãos são formadas, abrigando homens e principalmente mulheres, as que mais dedicam-se à atividade artesanal por estarem ligadas a uma atividade realizada no interior do espaço doméstico. Sem falar no aspecto histórico do artesanato que sempre foi considerado uma atividade feminina, pois as mulheres sempre foram vistas como um ser mais “frágil” a se dedicarem às atividades leves.

No artesanato, a divisão do trabalho já estava presente desde os povos primitivos. Na Grécia, durante a Antiguidade, as atividades de trabalho eram distribuídas entre trabalhos masculinos e trabalhos femininos, sendo a fiação, a tecelagem, a costura, o bordado e a tapeçaria atividades femininas, e a marcenaria e a confecção de calçados atividades masculinas (PEREIRA, 1979 apud BECKER, 2012).

Na região do Jalapão, as mulheres têm sido a principal referência do artesanato dentro das associações; tendo cada uma sua trajetória de vida, buscam melhorias econômicas para suas famílias. Para Soufen (2008 apud, LIMA 2010, p. 18), “o associativismo é a união de pessoas diferentes, em busca de um objetivo comum. Mas não esquecendo que o associativismo é formado por pessoas diferentes, sujeitas a acertos e erros, com fortalezas e fraquezas”.

Luchmann (2011) aponta que diferentes perspectivas teóricas ressaltam os benefícios democráticos das práticas associativas, como a defesa dos grupos excluídos; o caráter pedagógico no sentido da promoção de processos de educação política; a promoção de

relações de confiança, cooperação e espírito público; as denúncias de relações de poder e ainda a participação na elaboração e controle de políticas públicas.

As associações desta pesquisa possuem uma preocupação com os/as artesãos/ãs do capim dourado, buscando que, tanto as mulheres como os homens inseridos nesses espaços, melhorem suas rendas. Por serem compostas em sua maioria por mulheres é perceptível que a renda oriunda da participação das mulheres e da venda de seus produtos complementa a renda familiar. Alertamos aqui que complementa em alguns casos, porque como percebemos na comunidade Mumbuca, o artesanato tornou-se a única fonte de renda, situação que discutiremos adiante.

Gohn (2004) afirma que o associativismo predominante nos anos 90 não deriva de processos de mobilização de massas, mas de processos de mobilizações pontuais. Segundo a autora,

No primeiro caso a mobilização se faz a partir de núcleos de militantes que se dedicam a uma causa seguindo as diretrizes de uma organização. No segundo, a mobilização se faz a partir do atendimento a um apelo feito por alguma entidade plural, fundamentada em objetivos humanitários. (GOHN, 2004, p. 142).

Levando em consideração a autora, podemos inferir que a mobilização das associações dos artesãos da região do Jalapão não surgiu da comunidade envolvida com o artesanato e sim do poder público, em nome da Fundação Cultural do Estado e com sua orientação externa e até mesmo com o financiamento. O intuito dessas associações foi justamente organizar o coletivo dos artesãos para que estes estejam agregados em redes, tenham seu ponto e alcancem o fortalecimento geral. Nessa perspectiva, entendemos os órgãos do governo, como a Fundação Cultural, o SEBRAE, o NATURATINS e outros, como agentes externos para o empoderamento, pois os mesmos estão presentes na organização das associações e trabalhando junto com os membros no desenvolvimento de ações que beneficiam diretamente aos grupos.

De acordo com Veiga e Rech (2001), a razão de ser de uma associação é o seu associado, uma vez que este subsistema tem como principal característica o papel múltiplo, ou seja, os associados podem ser, ao mesmo tempo, donos (sócios), clientes, usuários, fornecedores e controladores (gestores) da associação. Assim, é muito comum as pessoas se reunirem para alcançar objetivos que, individualmente, seriam bem mais difíceis ou mesmo impossíveis de serem alcançados. Esses mesmos autores afirmam que existem diversos tipos de associações, dentre elas, destacam as associações filantrópicas, associações de pais e

mestres, associações em defesa da vida, associações culturais, desportivas e sociais, associação de consumidores, associação de classe e associações de produtores. As associações dos artesãos de capim dourado na região do Jalapão são caracterizadas como associações de produtores.

Sobre a importância das associações, Bier et al(2006, p. 11) afirma que

as associações são uma alternativa de melhoria social e econômica para pessoas, na medida em que, através da união dos indivíduos, proporcionam o fortalecimento do grupo, para que possam concorrer no ambiente econômico na busca dos objetivos individuais através da atuação coletiva, resgatando o homem político e participativo para tornar-se mais uma alternativa de organização que contribua com o desenvolvimento econômico social do país.

Como afirma o autor, as associações são uma alternativa de melhoria social para as pessoas e, incluímos aqui a importância delas para o empoderamento dos indivíduos, pois é a partir delas que eles vão construindo novas perspectivas tanto no nível social, como econômico e pessoal. No caso das associações dos artesãos da região do Jalapão, os associados têm por objetivo alcançar melhorias nas vendas para, a partir de um grupo maior de artesãos, buscar melhores mercados para a venda do artesanato e, dessa forma, proporcionar o desenvolvimento da atividade na região, através do aperfeiçoamento dos seus produtos e da troca de experiências, gerada a partir da sua participação em um espaço de discussão.

Ao se referir ao assunto, Cartele (2005, p. 18) afirma que “o associativismo é tido como uma das melhores possibilidades, pois faz com que a troca de experiências entre as pessoas se constitui em oportunidades de crescimento e desenvolvimento”. De acordo com a Constituição Federal Brasileira, Artigo 174, parágrafo 2º, “a lei apoiará e estimulará o cooperativismo e outras formas de associativismo”. A Constituição ainda afirma no Artigo 5º, Inciso XVIII, que a “a criação de associações e, na forma da lei, a de cooperativas, independe de autorização, sendo vedada a interferência estatal em seu funcionamento.” No Inciso XX, do mesmo Artigo, destaca que “ninguém poderá ser compelido a associar-se ou a permanecer associado”. Desse modo, todas as pessoas têm direito de decidir se participam ou não de uma associação, sendo que as associações são constituídas por diferentes pessoas, homens e mulheres, em busca de objetivos comuns.

Na concepção de Daniel (2007, p. 286), o associativismo enquanto ação coletiva movida em prol de objetivos comuns para um grupo pode ser importante para a superação da condição social restritiva em que a pobreza está inserida. A formação de associações

impulsiona a criação de vínculos para a formação de sociabilidade mínima e capacita cidadãos para as reivindicações de políticas sociais diante do poder público.

As associações de artesãos de capim dourado são espaços destinados à venda do artesanato e funcionam da seguinte forma: os sócios artesãos contribuem com taxas mensais que, acrescidas da porcentagem retirada de cada peça dos artesãos que é vendida, mantêm a associação. Acerca dos valores das peças, os próprios artesãos estipulam os seus que devem estar de acordo com os preços de peças produzidas por outros artesãos.

Associação dos Artesãos da Comunidade Mumbuca

A Associação dos Artesãos da Comunidade Mumbuca foi criada em 2002 com o financiamento da Fundação Cultural do Estado do Tocantins (FCT), por meio da diretoria de artesanato e do SEBRAE, como um meio de incentivar essa comunidade em uma atividade geradora de renda e tendo como grande responsável o ecoturismo desenvolvido na região. Assim, a comunidade Mumbuca começou a ser reconhecida a partir do momento em que o artesanato ganhou projeção estadual, principalmente com a FEÇOARTE, onde o artesanato foi apresentado há um grande público em 1993.

O SEBRAE e a Fundação Cultural têm desenvolvido ações para qualificar os/as artesãos/ãs e incentivar a produção do artesanato na comunidade. Entre esses incentivos destacam-se as oficinas para aperfeiçoamento do artesanato, pois grande parte da população já possuía a tradição de produzir objetos artesanais com capim dourado, mas faltava o aperfeiçoamento para o mercado.

Entre as oficinas desenvolvidas na associação dos artesãos da comunidade Mumbuca, destaca-se a “*Design em Capim Dourado*”, ministrada pelo *designer* Renato Imbroisi¹². Alguns artesãos adotaram os formatos ensinados por Imbroisi. Em entrevista cedida ao Museu “A Casa”¹³, em 17 de junho de 2011, a artesã Ana Cláudia Matos fala sobre a importância do *designer* e as mudanças significativas na comunidade:

¹²Renato Imbrósio é tecelão e *designer* de artesanato. Trabalha em parceria com artesãos têxteis, dirigindo oficinas de criação e desenvolvendo novos produtos. Participa ou já participou de 40 projetos em todas as regiões do Brasil. Disponível em: <<http://www.renatoimbroisi.com.br/>>. Acesso em: 08 ago. 2012.

¹³A CASA – É o museu do objeto brasileiro e tem como objetivo contribuir para o reconhecimento, valorização e desenvolvimento da produção artesanal e do *design*, incrementando a percepção consciente a respeito do produto brasileiro bem como promovendo sua produção cultural. Como mediador de processos culturais, incentiva a pesquisa e a troca de informações entre diversas instituições. Disponível em: <<http://www.acasa.org.br/instituicao>>. Acesso em: 13 nov. 2012.

Houve muita mudança! A primeira mudança que ocorreu foi na forma de fazer e valorizar o produto, que a gente via em poucos lugares. Fazíamos só bolsas, sacolas, potes, chapéus. São as peças tradicionais que a nossa avó nos ensinava. O Renato veio com uma visão de fora: “Olha, faz a mandala que a mandala é boa”; “Vamos fazer brincos”; “Faça isso, faça aquilo”. Isso fez com que os turistas chegassem. A forma de organização também mudou. Ele falou: “Olha, vocês têm que organizar um ponto de venda”. Antes, vendíamos só na casa de nossa avó. Realmente, ela era referência da comunidade e todo mundo chegava em sua casa e comprava lá. Mas, naquela época, os mais velhos nem sabiam fazer contas. Os turistas chegavam para comprar e perguntavam: “Quanto custa?”; e eles não sabiam nem o preço, nem como receber, nem se estavam recebendo certo, nem como dividir esse dinheiro. Aí fizemos a loja da comunidade, colocamos uma pessoa para receber e fazer a negociação com o cliente, pagar o artesão. Foi muito bacana. Mudou muito, muito, muito mesmo. E para melhor. Claro que certas coisas não são tão boas, mas ainda dá tempo de revertermos a situação e colocar o capim dourado como ele realmente merece, como uma joia, como um presente da natureza para nós¹⁴.

A formação da associação foi justamente para ter um ponto afunilador, ou seja, um local em que toda a produção da comunidade estivesse reunida e para que o turista encontrasse toda a produção da comunidade reunida em um único local, facilitando as compras; após esse processo, a associação buscaria recursos para melhorar a questão do capim dourado.

A ONG PEQUI (Pesquisa e Conservação do Cerrado)¹⁵, em 2002, deu início ao projeto “Conservação e manejo de capim dourado no Jalapão”, cujos objetivos são caracterizar as formas tradicionais de manejo da espécie e dos campos úmidos em que ela ocorre; testar efeitos da colheita de hastes e do manejo com o fogo sobre o capim dourado e as plantas dos campos úmidos; verificar efeitos da retirada do “olho” do buriti (de onde é extraída a seda usada para costurar o artesanato de capim dourado) sobre as populações desta palmeira. A partir desse projeto desenvolvido junto com a comunidade artesã e com base nos resultados obtidos a partir de 2004, o NATURATINS publicou a Portaria nº 362, de 25 de Maio de 2007, que adota as medidas de ordenamento à coleta e ao manejo do capim dourado (Anexo C), e a Portaria nº 1.623, de 15 de Dezembro de 2008, estabelecendo normas e procedimentos para o extrativismo de folhas de buriti (*maurítia flexuosa*).

O objetivo dessas normas é que o capim dourado seja colhido de forma que não falte à comunidade envolvida na produção do artesanato, ou seja, os órgãos públicos municipais, estaduais e federais, ligados ao planejamento local/regional, têm coibido práticas de exploração do capim dourado que não levem em consideração as regras estabelecidas de uso sustentável dessa matéria-prima.

¹⁴Ana Claudia Matos é artesã do capim dourado. Na época da entrevista, era agente cultural e diretora de projetos da Associação de Artesãos e Extrativistas do Povoado de Mumbuca. Entrevista concedida ao Museu A Casa, em 17/07/2011. Disponível em: <<http://www.acasa.org.br/ensaio>>. Acesso em: 08 ago. 12.

¹⁵A PEQUI é uma ONG sediada em Brasília que, desde 2001, atua na região, tendo participado da expedição que resultou na criação da Estação Ecológica Serra Geral do Tocantins, e de levantamentos de biodiversidade para elaboração do plano de manejo do Parque Estadual do Jalapão. Disponível em: <<http://www.pequi.org.br/>>.

A partir da PEQUI foi elaborada uma etiqueta padronizada, contendo dados específicos, como endereço e telefone da associação e informações básicas relacionadas à identificação do local de produção do artesanato. Essa etiqueta é adotada primeiramente pelos artesãos de Mumbuca, seguidos pelas demais associações, facilitando a identificação do artesão responsável por determinada peça. A associação dos artesãos da comunidade Mumbuca conta ainda com um caminhão adquirido pelo IBAMA e tem como objetivo deslocar os artesãos até as áreas mais distantes para a realização da colheita da matéria-prima. A chegada do caminhão à comunidade foi um marco importante, pois incentiva e fortalece a atividade artesanal na localidade. O IBAMA, desde a formação da associação, tem trabalhado com os artesãos promovendo palestras em relação à preservação e manejo do capim dourado.

Quanto aos aspectos de preservação da espécie do capim dourado, as histórias da comunidade Mumbuca e do artesanato estão entrelaçadas não apenas pelo aspecto econômico, que para muitos é a única maneira de se perceber o desenvolvimento, mas também pela habitualidade e pela cultura, fazendo com que os moradores do Mumbuca, antes mesmos de manterem contatos com pesquisadores da planta, já tivessem desenvolvido técnicas especiais de manejo para garantir a existência do capim e a própria subsistência (SANTOS, 2009).

No que se refere à organização, a Associação dos Artesãos da Comunidade Mumbuca organiza-se da seguinte forma: o associado contribui equitativamente através de taxas sobre as vendas dos artesanatos, retendo para si a diferença do valor recebido no ato da venda do produto. Essa estratégia é adotada também pelas demais associações de artesãos da região do Jalapão. Quanto à estrutura física, a associação possui um espaço construído também para a confecção do artesanato, mas geralmente é utilizado somente para as reuniões do grupo e para os cursos de aperfeiçoamentos que são realizados por órgãos como o SEBRAE. Ela está localizada no centro da comunidade e seu prédio ainda preserva aspectos tradicionais da comunidade como, por exemplo, as paredes de adobe e a cobertura com palha de buriti, não havendo nenhuma identificação na fachada (Figura 01).



Figura 01 - Sede da Associação dos Artesãos da Comunidade Mumbuca/Mateiros-TO.
Fonte: SOUSA, A. nov./2011.

Possui espaço para exposição do artesanato. Com pouca variedade de artesanato, sendo que grande parte dos produtos são confeccionados de maneira tradicional, utilizando a seda do buriti(Figura 02).



Figura 02 - Artesanato exposto para a venda na Associação dos Artesãos do Mumbuca, confeccionados apenas com a seda do buriti.
Fonte: SOUSA, A. nov./2011.

Na confecção de objetos menores, como brincos, colares e pulseiras, os artesãos/ãs utilizam o fio dourado ou outros materiais como miçangas ou sementes (Figura 03) e o artesanato é vendido somente por artesãos associados da comunidade.



Figura 03 - Artesanatos produzidos com o fio dourado na Associação do Mumbuca.
Fonte: SOUSA, A. nov./2011.

Retomando as explicações em torno do aspecto organizacional da Associação dos Artesãos da Comunidade Mumbuca, constatamos que ela não se difere muito das demais associações, uma vez que todas são registradas na Fundação Cultural do Estado e obedecem a um padrão de organização, tanto na formação administrativa como em seu funcionamento no que se refere às vendas dos produtos. Essa estrutura organizacional conta com uma diretoria administrativa, com mandato de 2 anos, cujos cargos subdividem-se em presidente, vice-presidente, secretários, tesoureiros e fiscais. Essa comissão é estabelecida por meio de eleição e todas as decisões são tomadas através de consenso entre seus componentes. Desde a fundação da Associação dos Artesãos da Comunidade Mumbuca até o momento presente (setembro/2012), é bastante comum a predominância de liderança feminina, o que comprova a ideia de empoderamento que discutimos ao longo desta pesquisa.

3. 2.2 Associação dos Artesãos de Mateiros-TO

Localizada no município de Mateiros, a associação existe desde 1997. Anteriormente conhecida como Associação dos Pequenos Produtores de Mateiros, ela encontrava-se desestruturada, mas no ano de 2000, seu Estatuto foi modificado, passando a incluir também os artesãos do município, tanto os da zona rural como na zona urbana, e modificando seu nome para Associação Comunitária dos Artesãos e Pequenos Produtores de Mateiros. O fator responsável por essa mudança foi a chegada do ecoturismo, o crescimento do número de artesãos e os incentivos do poder público para a produção do artesanato.

Os órgãos responsáveis pela organização da associação foram a Fundação Cultural do Tocantins e o SEBRAE. Para a construção do prédio, os artesãos receberam o apoio de empresários locais, que doaram o terreno, e do Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN), que doou a quantia de 5.000,00. O prédio da associação (Figura 04) possui um espaço bastante amplo, contendo, além do salão de vendas e banheiros para os clientes, salas para funcionamento do escritório e para realização de oficinas e cursos de capacitação. Atualmente há 80 associados que se dedicam à produção do artesanato.



Figura 04 - Sede da Associação dos Artesãos de Mateiros-TO.
Fonte: SOUSA;A. nov./2011.

Os artesãos de Mateiros também têm contado com cursos realizados pelo SEBRAE e pelo designer Renato Imbrosi. Quando Imbrosi ministrou a segunda oficina na comunidade Mumbuca, os artesãos de Mateiros também foram beneficiados com a oficina “Designer em Capim Dourado”. A associação disponibiliza uma grande quantidade de peças para venda (Figura 05).



Figura 05 - Artesanatos na Associação dos Artesãos de Mateiros-TO.
Fonte: SOUSA, A. nov./2011.

Quanto à venda dos produtos confeccionados com o capim dourado no município de Mateiros, observa-se que os artesãos da associação têm alguns privilégios, pois o acesso ao local é mais fácil. Outro fator que leva ao beneficiamento dos artesãos da cidade é o acesso aos meios de comunicação, a associação conta com telefone e internet, o que facilita a divulgação de seus produtos e o contato dos compradores.

A estrutura organizacional da associação é composta por presidente, vice-presidente, secretários, tesoureiros e fiscais e as eleições são realizadas a cada 2 anos, com a participação de todos os sócios. No caso dessa associação, o cargo de presidência tem sido exercido principalmente por mulheres, porém, neste mandato quem está à frente é um homem. As vendas são realizadas por artesãos da cidade e da zona rural e estes contribuem mensalmente com uma taxa para a manutenção da entidade.

As peças são identificadas pela etiqueta, obtida através da ONG PEQUI e do projeto “Conservação e Manejo do Capim Dourado”, contém informações do artesão responsável e o valor da peça. Entre os parceiros que apoiam os artesãos de Mateiros-TO, destacam-se o IBAMA e o NATURATINS, os quais trabalham com a conscientização dos artesãos quanto à preservação e manejo do capim dourado.

3.2.3 Associação dos Artesãos de Capim Dourado Pontealtense

A associação do município de Ponte Alta está localizada no centro da cidade (Figura 06) e possui sede própria, doada pela prefeitura. Contando com cerca de 80 associados fixos e já tendo tido 104, a associação abriga artesãos da zona rural e da zona urbana. A forma de

organização segue o mesmo padrão das associações descritas anteriormente. O cargo de presidência, na maioria das vezes, tem sido exercido por mulheres, ocorrendo de, apenas uma vez, ter sido ocupado por um homem.



Figura 06 - Sede da Associação dos Artesãos de Ponte Alta do Tocantins.
Fonte: SOUSA, A. jul./2012.

A associação dos artesãos de Ponte Alta, assim como as demais associações, conta com parcerias, destacando-se o SEBRAE, grande responsável pela formação da associação no município, que, juntamente com a Fundação Cultural, desenvolve projetos, como o “Projeto Capim Dourado”. Acerca desse projeto, seus principais objetivos são a capacitação dos artesãos locais e o aperfeiçoamento dos produtos artesanais, por meio de palestras sobre associativismo e de oficinas para o melhoramento das peças. Destacam-se também o NATURATINS e o IBAMA, os quais trabalham com conscientização dos artesãos acerca da preservação do meio ambiente e da matéria-prima. A associação conta com grande variedade de peças artesanais (Figura 07) e os artesãos utilizam na confecção do artesanato a seda do buriti e o fio dourado.



Figura 07 - Artesanatos expostos para a venda na Associação dos Artesãos Pontealtenses.
Fonte: SOUSA, A. dez./2011.

Em 2009, os artesãos de Ponte Alta participaram de uma oficina organizada pelo SEBRAE e ministrada pela artista e *designer* Heloisa Crocco¹⁶, juntamente com o artista plástico Marcelo Rousebaum¹⁷. Com duração de cerca de três dias, no final as peças desenvolvidas compuseram um catálogo que recebeu o nome “Coleção Jalapa”¹⁸. (Figuras 02 e 03 em Anexo B).

Em maio de 2012, a Associação dos Artesãos do Capim Dourado Pontealtens e ganhou o Prêmio SEBRAE Top 100 de Artesanato, o qual busca reconhecer, além do valor artístico e cultural das produções regionais, a qualidade e a adequação comercial dos produtos, selecionando as 100 unidades produtivas mais competitivas do país¹⁹. A associação de Ponte Alta é a mais bem localizada, pois o acesso é facilitado com vias de acesso asfaltada. Como a de Mateiros possui acesso à internet e a telefone, facilitando o contato com o turista e com o cliente.

¹⁶Heloisa Crocco é um dos principais nomes da junção *design* e artesanato no país. Não só pela longevidade de seu trabalho na área, sendo uma das primeiras *designers* a incursionar no artesanato, em 1993, mas especialmente pela consistência e coerência de sua trajetória. Disponível em: <<http://www.croccostudio.com/>>. Acesso em: 09 ago. 2012.

¹⁷Marcelo Rosenbaum é *designer* e, neste ano, completa a quinta temporada como criativo do quadro “Lar Doce Lar”, no programa *Caldeirão do Huck* (Rede Globo de Televisão). Ele ministra ciclos de palestras para diferentes mercados profissionais. Disponível em: <<http://www.rosenbaum.com.br/sobre/>>. Acesso em 09 ago. 2012.

¹⁸A Coleção Jalapa nasceu de uma iniciativa do SEBRAE-TO que, entre suas estratégias, propôs-se a fomentar o segmento artesanal, valorizando a cultura tocantinense através do resgate do Capim Dourado.

¹⁹Disponível em: <www.top100.sebrae.com.br>. Acesso em: 09 ago. 2012.

O artesanato de capim dourado e os agentes externos para o empoderamento

O processo de empoderamento pode ocorrer de diversas formas e, segundo Deere e León (2002), ele deve ser induzido primeiro pela criação de uma consciência da discriminação de gênero por parte das mulheres artesãs da região do Jalapão. Isso exige que a mulher mude a auto percepção negativa, assim como suas crenças relativas a seus direitos e capacidades. No processo de empoderamento, pode-se contar também com os agentes externos que têm o papel de facilitar as condições para encorajar certas mudanças.

Na região do Jalapão, as artesãs têm contado com a participação de agentes externos, pois, a partir deles, a população envolvida na produção do artesanato com o capim dourado melhora as suas produções e, posteriormente, sofre mudanças sociais e pessoais, assim podendo obter resultados mais satisfatórios em relação à venda de seus produtos confeccionados a partir do capim dourado. Os agentes externos criaram condições para a participação dos artesãos junto às associações, pois a ideia de criação das associações não partiu das próprias artesãs como já foi citado anteriormente.

A partir desses agentes, como a Fundação Cultural, o SEBRAE, o NATURATINS, responsável pelo controle da colheita da matéria-prima, e a ONG PEQUI, é possível pensar nas ações, desenvolvidas nessas localidades, que incentivam ou contribuem para o processo de empoderamento das mulheres. Sobre os agentes externos, IORIO (2002, p. 9) afirma que eles

podem contribuir de maneira fundamental para dar corpo a este processo, tornando acessíveis instituições e níveis de decisão política que na maioria dos casos estão inacessíveis a estes grupos, compartilhando informações qualificadas, construindo alianças, apoiando a intervenção destes grupos, facilitando a sua presença em fóruns e redes, contribuindo para a construção da identidade e da representação política destes grupos e construindo uma visão compartilhada sobre o desenvolvimento. Além dessas possibilidades e oportunidades de ação, o agente externo tem particular responsabilidade de construir uma relação e uma forma respeitosa de trabalhar com os grupos vivendo na pobreza.

Esse tem sido o papel dos agentes externos com os artesãos de capim dourado, pois a partir das oficinas, palestras e cursos, por exemplo, promovidos pelos agentes, os artesãos vão melhorando as suas perspectivas econômicas, sociais e pessoais. A Fundação Cultural do Tocantins, como agente externo, tem fomentado as atividades do artesanato tocantinense, contribuindo para a geração de emprego e melhoria na renda de famílias envolvidas em atividade artesanal. Além disso, a Fundação tem apoiado a produção de artesanato, promovendo a exposição da arte em eventos e feiras, destacando-se a Feira de

Artesanato de Natal, no Estado do Rio Grande do Norte; Feira de Artesanato de Maceió, no Estado de Alagoas; Event Festa dos Estados, em Brasília, no Distrito Federal; Feira Internacional de Artesanato ArtMundi, em São Paulo-SP; Feira das Américas - ABAV, no Rio de Janeiro-RJ; Feira Nacional de Negócios de Artesanato, em Olinda-PE; Feira de Artesanato Mãos de Minas, em Belo Horizonte-MG; Salão do Turismo, em São Paulo-SP; Exposição de Artesanato Tocantinense na Embaixada da Áustria, em Brasília-DF e no Espaço Tocantins, no Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental na Cidade de Goiás-GO(FICA)²⁰.

Em 2008, o governo do Estado, por meio da Fundação Cultural, solicitou junto ao INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial) a proteção ao capim dourado pela Indicação Geográfica (IG)²¹, na modalidade de Indicação de Procedência. A partir da aprovação, que ocorreu em 2011, todo o artesanato produzido na região passa a receber um selo de indicação geográfica, que será concedido somente para artesãos que obedecerem às normas ambientais, garantindo a coleta sustentável da planta e pertencendo a alguma associação. Além de proteger os artesãos locais, o selo cria um diferencial: garante a qualidade do produto.

Sobre a importância da Indicação Geográfica, Belas (2008) destaca que a valorização de fatores humanos em associação ao meio ambiente de um dado território e, ainda, a possibilidade de garantir direitos coletivos, tornam as Indicações Geográficas um potencial instrumento para agregar valor a produtos de comunidades tradicionais. Dentre as vantagens em se utilizar esse mecanismo de proteção estão a redução de atos de apropriação indevida e concorrência desleal; a preservação de recursos naturais e saberes tradicionais; o favorecimento ao desenvolvimento local; e o aumento no valor de mercado dos produtos.

Para a realização desse pedido foi necessária a organização de todos os artesãos da região, sendo criada a Associação dos Artesãos em Capim Dourado da Região do Jalapão, a qual engloba as 09 associações dos artesãos existentes na região, formando uma única que representará o artesanato produzido.

A Fundação Cultural do Tocantins também realizou o inventário da produção artesanal de capim dourado no povoado de Mumbuca. Ações de inventário e registro a partir da política de patrimônio material implementadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico

²⁰Disponível em: <<http://cultura.to.gov.br/>>. Acesso em: 07 ago. 2012.

²¹As Indicações Geográficas se referem a produtos ou serviços que tenham uma origem geográfica específica. Seu registro reconhece reputação, qualidades e características que estão vinculadas ao local. Como resultado, elas comunicam ao mundo que certa região se especializou e tem capacidade de produzir um artigo diferenciado e de excelência.

Nacional (IPHAN) têm permitido a promoção do patrimônio cultural material junto à sociedade; a orientação para ações de apoio e fomento a bens culturais em situação de risco; o tratamento e o acesso público às informações produzidas (BELAS, 2008).

Os artesãos do Mumbuca, por meio da associação, têm contado com o apoio do Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural (PROMOART)²², que tem por objetivo apoiar produtores de artesanato de tradição cultural no Brasil. Integrado ao Programa Mais Cultura, do Ministério da Cultura, o PROMOART abrange 65 polos distribuídos em todas as regiões do país. O polo da região do Jalapão é o 08- Trançados de capim dourado do Jalapão (TO), que tem desenvolvido diversas ações como oficinas para debater e divulgar melhores formas de manejo de acordo com o plano de manejo da NATURATINS.

Os artesãos, a partir da organização da associação, têm participado de cursos promovidos principalmente pelo SEBRAE para o aperfeiçoamento das peças. A partir desses cursos, realizados tanto na comunidade Mumbuca, como em Mateiros e Ponte Alta do Tocantins, os artesãos começaram a produzir o artesanato utilizando materiais diferentes como, por exemplo, o fio dourado, sementes e outros. É importante ressaltar que os artesãos da comunidade Mumbuca são os que menos utilizam esses materiais como já foi mostrado anteriormente, sendo mais comum utilizarem a seda do buriti.

Todos esses órgãos citados acima têm contribuído e apoiado os/as artesãos/ãs a ter acesso ao mercado e a aprimorar e ampliar a venda dos produtos, facilitando sua participação em feiras locais e até mesmo em feiras nacionais e ajudando na aquisição de material para as associações, como computadores, mesas e catálogos dos produtos.

Os agentes externos têm oferecido à população produtora do artesanato com o capim dourado possibilidade de maior divulgação e fortalecimento da atividade em nível local, pois é a partir desse fortalecimento local, através de cursos de aperfeiçoamento realizados com os artesãos associados e da conscientização deles no que se refere à preservação da espécie que o artesanato pode conseguir melhores mercados e continuar contribuindo para o melhoramento da renda familiar de diversas famílias.

Quanto aos fatores impulsionadores no processo de empoderamento das mulheres, a partir dos apoios a essas associações há o fortalecimento delas, que se tornam mais organizadas e levam mais benefícios para a comunidade envolvida na produção do artesanato. A partir daí, há maior participação dos artesãos/ãs, sendo que este é um dos elementos que contribui para o processo de empoderamento das mulheres: a participação em

²²Somente a Associação dos Artesãos da Comunidade tem contado com esse programa do Ministério da cultura.

organização/redes. Partindo disso, no capítulo seguinte, trataremos da identificação dos fatores impulsionadores e inibidores no processo de empoderamento a partir da participação da mulher nas associações.

CAPÍTULO IV –EMPODERAMENTO DAS MULHERES:FATORES IMPULSIONADORES E INIBIDORES

O artesanato e a participação das mulheres

Apesar dos avanços ocorridos com a participação das mulheres no mercado de trabalho, muitas ainda se encontram fora desse mercado, encontrando nas atividades informais²³ um meio de contribuir com as despensas domésticas ou até mesmo uma forma de superar o desemprego. Como nos mostra Hirata (2001, p. 143),

os efeitos da globalização, complexas e contraditórias, afetaram desigualmente o emprego masculino e feminino nos anos noventa. Se o emprego masculino regrediu ou se estagnou, a liberalização do comércio e a intensificação da concorrência internacional tiveram por consequência um aumento do emprego e do trabalho remunerado das mulheres ao nível mundial, com exceção da África sub-sahariana. Notou-se um crescimento da participação das mulheres no mercado de trabalho, tanto nas áreas formais quanto nas informais da vida econômica, assim como no setor de serviços.

O que se nota é que a participação das mulheres em atividades consideradas informais tem aumentado de forma significativa nos últimos anos, principalmente nas atividades artesanais. Melo (2005) afirma que o artesanato, como atividade econômica informal, é considerado uma alternativa de geração de renda e de inserção dos excluídos no mercado de trabalho. Com isso, os artesãos passam a conhecer e a utilizar os serviços prestados pelas entidades governamentais, privadas e não governamentais, tendo oportunidades de sair do isolamento profissional e ganhar projeção nacional, ampliando suas vendas em nível nacional e até para o exterior, conseqüentemente aumentando sua importância e as possibilidades concretas de gerar renda e trabalho.

Esse é o caso da atividade artesanal com o capim dourado na região do Jalapão, pois tem recebido incentivo do poder público, incentivando a produção do artesanato, possibilitando sua saída da região para a conquista de mercados diferentes. Recorrendo ao *locus* desta pesquisa, foi possível perceber que se trata de uma região, até recentemente, com poucas oportunidades de empregos; entretanto, mudanças vêm ocorrendo com o avanço do ecoturismo na região a partir da década de 90, havendo o surgimento de novas oportunidades que passaram a oportunizar e, ao mesmo tempo, gerar nova renda para a comunidade local.

²³Quanto às características básicas das atividades informais, Lima (1999, p. 9) afirma que “o produtor direto é o possuidor dos instrumentos de trabalho e/ou do estoque de bens para a realização do seu trabalho e responsável pela renda obtida”.

Assim, cabe ao artesanato de capim dourado o papel de gerador de oportunidade para a inserção das mulheres em uma atividade geradora de renda, ainda que seja informal e que exija dessas mulheres o conciliar o tempo entre as atividades domésticas e a confecção do artesanato. É o que atesta Bordieu (2003), corroborando com o que percebemos em nossa pesquisa:

as próprias mudanças da condição feminina obedecem sempre à lógica do modelo tradicional entre o masculino e feminino. Os homens continuam a dominar o espaço público e a área de poder (sobretudo econômico, sobre a produção), ao passo que as mulheres ficam detidas (predominantemente) ao espaço privado (doméstico, lugar de reprodução) em que se perpetua a lógica da economia de bens simbólicos, ou essas espécies de extensões deste espaço, que são serviços sociais (sobretudo hospitalares) e educativos, ou ainda aos universos da produção simbólica (áreas literárias e artísticas, jornalismo etc.). (BORDIEU, 2003, p. 112).

Desse modo, mesmo as artesãs ocuparam espaço privilegiado nas relações econômicas derivado da produção de capim dourado, elas estão subordinadas à hierarquização de gênero, tendo suas atividades geradoras de renda muitas vezes consideradas apenas como “ajuda”. Todavia, a partir do momento em que essas mulheres se inserem em associações, constroem novas perspectivas sobre a sua importância dentro desse contexto social, o do associativismo. Sendo o associativismo uma alternativa para o melhora da vida das pessoas, vê-se que a partir da união torna-se importante pensar a questão do empoderamento das mulheres artesãs que fazem parte das associações de artesanato do capim dourado.

A unidade de análise foi composta por mulheres artesãs que integram as associações onde foram realizadas as entrevistas. A partir das entrevistas, procuramos construir a trajetória de algumas artesãs e, por meio da análise dos depoimentos, procuramos identificar alguns fatores impulsionadores e inibidores do empoderamento. Esclarecemos que só foi possível construir essa trajetória lançando mão da História Oral como parte da metodologia. Isso porque a história oral permite-nos conhecer a realidade vivida pelas pessoas por meio dos depoimentos gravados, transcritos e analisados. Segundo Alberti (2005, p. 17), “a história oral pode ser definida como método de investigação científica, como fonte de pesquisa, ou ainda como técnica de produção e tratamento de depoimentos gravados”.

Trabalhar com história oral é ter a compreensão de que essas fontes informam-nos mais sobre o significado do que sobre os acontecimentos. Através delas, informamo-nos sobre aquilo que os fatos significam para quem os viveu e os reconta e não apenas sobre o que as pessoas fizeram, permitindo-nos conhecer também o que queriam fazer; o que creem que podiam fazer; o que creem que fizeram; quais foram as motivações, os juízos e as racionalizações (PORTELLI, 1999 apud VELÔSO, 2005, p. 27).

Para a construção da trajetória das artesãs, abordamos alguns pontos principais obtidos a partir das entrevistas, a saber: início da atividade; produção do artesanato erenda; o artesanato e as atividades domésticas; o trabalho fixo e a participação nas associações.

Fatores impulsionadores e inibidores no processo de empoderamento na trajetória das artesãs

No processo de empoderamento das mulheres há os fatores que o impulsionam e os fatores que podem inibi-lo. Pode-se mencionar, entre os fatores impulsionadores, a participação em redes. Fazer parte de redes ou de grupos e participar de suas atividades faz com que as mulheres saiam do isolamento em que vivem e permite que elas descubram outras formas de ser ou de viver. Com a participação, elas aprendem a desempenhar outras atividades que não sejam apenas as domésticas. A participação em redes nesta pesquisa é a participação das mulheres nas associações. A partir do momento que elas começam a participar de encontros associativos e a estabelecer trocas de experiências, vão acumulando elementos impulsionadores que as conduzem ao empoderamento, tais como: renda e rendimentos; acesso à informação; desenvolvimento de conhecimentos; confiança e autoestima; e aumento das habilidades (MARTELO, 2003).

A participação em redes como elemento impulsionador do empoderamento contribui para que as mulheres saiam dos âmbitos domésticos e comecem a interagir com outras pessoas envolvidas na produção do artesanato do capim dourado. É a partir da participação na associação que as mulheres rompem com a rotina do trabalho doméstico, descobrem outras funções, ocupam cargos, conhecem lugares novos e pessoas diferentes e aprendem coisas novas. Participar, então, significa para elas não somente ter um título de integrante, de pertencer, mas também participar de todas as atividades, tornando-se responsáveis pelo funcionamento da associação.

Diversas foram as formas como as mulheres da região do Jalapão começaram a se envolver na produção do artesanato do capim dourado e a participar das associações, como é possível perceber na fala da Dona Lênir Batista da Silva, artesã do município de Mateiros-TO.

O que me levou a fazer o artesanato foi a questão, assim do melhoramento da vida financeira para ajudar na minha vida, na minha casa, e porque eu trabalho mais o que eu ganho não é suficiente. Então quando eu cheguei aqui, que eu tava morando em Palmas, eu vi o pessoal fazendo e não sabia de nada aí falei assim: eu não vou aprender isso aí é nunca confiado em mim comer e da comida para alguém com isso eu não vou viver. Quando eu vi pagando bem aí eu disse: vou é tentar. E tentei aí consegui fazer e gostei.

Eu me associei em 2002. Antes eu vendia, tinham as pessoas que hoje são chamadas de atravessadores. Quando eu não era sócia então eu pegavam e vendia para os atravessadores. Só que perdemos muito na época porque quando agente vendia para os atravessadores eles não pagavam o que as peças da gente valia, eu conseguia vender e tava suprindo as necessidades. E participar da associação foi a busca assim de ta unido, de está organizado e não tá passando produto para atravessadores. Então resolvi vender pela associação e participar da mesma e estou até hoje²⁴.

Percebe-se nesse depoimento de Dona Lênir que ela não tinha nenhum interesse pela atividade até o momento em que passa a perceber que a atividade poderia ser uma oportunidade de melhorar a renda familiar, envolvendo-se e procurando aprender. Posteriormente toma consciência da importância da associação para a venda do seu artesanato e se insere nesse ambiente.

Nas associações, as mulheres dividem espaço com homens, conciliam os deveres domésticos com as atividades da associação, sendo responsáveis por diversas funções. Quanto às relações de gênero dentro da associação, a artesã Vanda Francisca declara:

Eu tava era bem aqui em casa descansando só que as mulheres sempre dizem assim que com funcionário homem ou presidente homem elas não sentem a vontade na associação. Eu nem sei em que medida elas não sentiam a vontade, mas acho que não é a mesma coisa. Elas falaram quando eu entrei: Vanda agora eu me sinto mais a vontade na associação sinto mais assim que to pertencendo a associação. Mais a mim acho que é porque sou mulher também e a maioria da associação são mulheres. Eu disse: Não a associação é de todos nós e não tem presidente melhor e não tem porque eu sou presidente eu mando mais lá na associação do que eles, não eu não faço nada sem ser por ordem deles eu sinto a mesma coisa do que eles. Eu acho assim que a mulher ela é mais compreensiva assim de entender as outras não é querer desfazer dos homens, não, mas acho que tem uma compreensão melhor às vezes um homem não é muito dedicado assim nas tarefas, assim acho que não é²⁵.

O depoimento da Vanda Francisca mostra as distinções de gênero dentro da associação. Tendo como maioria mulheres, fica claro que elas não estão satisfeitas com um homem na presidência, uma vez que para elas os homens exercem esses papéis de forma diferente, havendo em uma liderança feminina maior entendimento com as artesãs. Além disso, podemos identificar na fala da artesã o fator impulsionador do empoderamento: a participação em redes, ou seja, em associações. A artesã afirma que a associação é uma forma de estarem organizadas. Assim, podemos considerar que a participação nas associações é importante tanto para o desenvolvimento da atividade como para mudanças pessoais na vida dessas mulheres.

²⁴Lenir Batista da Silva, Artesã de Mateiros-TO. Entrevista realizada por Aline Tavares de Sousa, em 24 de novembro de 2011, na associação.

²⁵Vanda Francisca, artesã de Ponte Alta do Tocantins. Entrevista realizada por Aline Tavares de Sousa, em 16 de dezembro de 2011, na casa da artesã.

São considerados fatores importantes no processo de empoderamento das mulheres, a própria participação delas nas associações, assumindo cargos que contribuem para a transformação de suas vidas, pois aprendem a lidar com pessoas, grupos, organizam as viagens e estabelecem contato com pessoas diferentes de seu meio social. As mulheres puderam perceber que são capazes de exercer outras atividades, além das domésticas, como elaborar propostas, gerar ideias e falar em público. É o que percebemos na fala da artesã Vanda Francisca:

Eu já fui presidente dois anos, em 2005 e 2004, passei dois anos e saí, agora está com seis meses que eu entrei de novo como presidente. É muito difícil, mexer com gente não é brincadeira porque gente tem várias ideias, várias opiniões, a gente passa por falta de dinheiro que tudo é difícil principalmente na área financeira. Mais é bom ver que tá ajudando as pessoas, unindo os grupos, tá trabalhando em grupo porque tá trabalhando em grupo é muito importante. E sempre teve reunião, oficina com o pessoal do SEBRAE. O Governo do Estado sempre tá trabalhando com nós. E só trabalha em grupo que individual não tem como, através do grupo vem esses cursos para a gente que é muito bom²⁶.

Percebe-se que a função de presidente não tem sido fácil, o que não impede uma mulher de exercer mais de um mandato, como no caso da entrevistada que já está em seu segundo. A participação na associação é um dos fatores impulsionadores do empoderamento, pois a partir dessas participações, as mulheres adquirem outros elementos, como confiança e autoestima, e desenvolvem de habilidades, mesmo não sendo fácil lidar com um grupo de pessoas.

A artesã de Ponte Alta do Tocantins, em sua narrativa, mostra a importância da associação para o desenvolvimento da atividade, ou seja, para a venda dos produtos no município, e mostra também a importância de agentes externos como o SEBRAE. Nesse sentido, podemos inferir que o SEBRAE, por exemplo, tem sido um agente externo que está facilitando o empoderamento das mulheres artesãs, tendo em vista que, a partir dos cursos e oficinas, as artesãs podem desenvolver suas habilidades e melhorar suas produções. Todavia, percebemos também que, mesmo organizadas em forma de associação, com os artesãos unidos em busca de objetivos comuns, há muita dificuldade em lidar com um grupo grande de pessoas, pois cada um tem ideias e olhares diferentes.

O que constatamos é que as mulheres artesãs têm lutado por benefícios coletivos, assumindo cargos de liderança dentro dessas associações como, por exemplo, na associação da comunidade Mumbuca, cuja história é marcada pela presença feminina, tendo sempre uma

²⁶Vanda Francisca, artesã de Ponte Alta do Tocantins. Entrevista citada.

mulher à frente do grupo, no cargo de presidência, com uma única exceção em que o cargo foi exercido por um homem. O desenvolvimento de lideranças e o aumento de habilidades são alguns dos fatores de empoderamento marcantes na comunidade Mumbuca, como é possível analisar na fala da artesã Noemi Ribeiro da Silva:

Fui a primeira presidente da associação do Mumbuca. Eu tive muita dificuldade assim, eu viajava porque o presidente não fica parado é o tempo todo viajando, trazendo informação. Eu não conhecia muito a cidade, depois a gente foi acabando mais as dificuldade, pegando informação de pedir as coisas, acabando a timidez, tinha medo muito medo aí fui abrindo com as pessoas, dando informação, pedindo informação para a comunidade, aí fui acabando mais o acanhamento até que fim. A gente foi viajando mais longe pedindo, contando a história da comunidade, o que precisavam, o que a gente queria, aí foi acabando mais o “enfocamento”, aí a gente foi levando as peças do capim dourado feita para Brasília, Rio de Janeiro, Goiânia, Goiás Velho e outras cidades. Fui várias vezes²⁷.

A partir da sua participação na associação como líder, a artesã da comunidade Mumbuca mostra-se realizada, venceu o medo, pois não tinha muito conhecimento da cidade e, mesmo com as dificuldades, não desistiu, foi à luta por melhorias para a comunidade, desenvolveu habilidades, adquiriu conhecimentos. Ainda na fala de Noemi Ribeiro, podemos identificar outro fator que leva ao empoderamento: a informação. Por não ter informações suficientes acerca da associação e da comunidade, ela foi impulsionada a sair de seu ambiente em busca de informações acerca do artesanato, da comunidade, das necessidades para levar aos demais artesãos. O que fica claro na fala é que, não tendo a associação para essa mulher se engajar, ela não teria outro meio de sair do seu local em busca de meios e subsídios para a melhoria da comunidade ou até mesmo para o seu desenvolvimento pessoal.

O desenvolvimento de lideranças e o aumento de habilidades como fator impulsionador do empoderamento podem ser considerados importantes para o “empoderamento político” da mulher, o qual é uma das dimensões abordadas pelo documento do *World Economic Forum* (2005), mostrando a importância da tomada de decisões por parte das mulheres, tanto no âmbito formal como informal, e o direito à voz nos ambientes em que participa.

A renda ou rendimentos suficientes também é um dos fatores impulsionadores do empoderamento. Fator considerado importante no documento elaborado pelo Fórum Econômico Mundial (2005), é possível identificá-lo na fala das artesãs. Com a produção do artesanato e a renda obtida a partir da venda, as mulheres colaboram com a renda familiar e

²⁷Noemi Ribeiro da Silva, artesã da Comunidade Mumbuca e ex-presidente da Associação dos Artesãos da comunidade. Entrevista realizada por Aline Tavares de Sousa, em 24 de novembro de 2011, na casa da artesã.

sesentem “felizes” por contribuir e proporcionar melhor conforto para si e para a sua família. É o que constatamos na fala das artesãs a seguir:

Melhorou a vida das pessoas. Muito porque antes do capim dourado a gente não tinha geladeira, um fogão a gás, uma cama confortável para deitar, que antes era aquelas caminhas de reio e esteira e não tinha um colchão. Não tinha nada disso e hoje através do capim dourado, tem ajudado muita gente que tem um fogão a gás, tem uma cama, tem um colchão e temos tudo isso graças ao capim dourado, tem um conforto e mesmo que a gente espera mais coisa para a comunidade Mumbuca, a gente tem o desejo que aconteça mais. Mais já melhorou muito, muito mesmo²⁸.

A renda acontece que às vezes a gente recebe mais. Eu mesmo esse mês recebi até bem, porque eu deixei de costurar fui fazer uma cirurgia quando eu voltei tinha vendido bastante peças tinha uns mil reais que eu recebi. Só que depois eu recebi vinte reais, assim porque ela oscila, tem mês que vendem tem mês que não vendem a gente não pode falar assim é tanto por mês é assim às vezes eu falo que ele é como um bico, porque eu ganho salário mínimo, tem vez que eu ganho mais do que o meu salário. Porque eu sou merendeira. E as despesas são assim, por exemplo: o gás e a energia têm mês que ele paga a energia e tem mês que eu pago o gás, tem que dividir é assim com a despesa da alimentação, da compra, tudo, em tudo é dividido quando eu tenho pago. Quando o meu marido tem, paga²⁹.

E assim porque a gente além da preocupação e de a gente trabalhar e esforçar e ver que o marido não tá pegando dinheiro para sustentar é um momento que é difícil para gente tolerar. Difícil assim quando eu chego hoje em casa não tem nada em comparação, faltaram coisas, aí eu chego nele e ele não tem dinheiro às vezes no momento em que eu não tenho não vendeu alguma peça minha aí como é que eu vou ficar. Eu fico pensando como é que é. Agora você não tem dinheiro e minha peça que eu coloquei na loja ainda não vendeu e agora? Aí é um pouco difícil quando eu venho aqui na loja e vejo que vendeu alguma peça minha, chego lá compro o açúcar, o sabão, compro outras coisas³⁰.

Percebemos que as despesas domésticas são divididas, em alguns casos chega a ser feita pelas mulheres que produzem o artesanato e concordam com seus maridos quando eles não possuem o dinheiro para manter a casa. Dona Edinês afirma que isso é um sofrimento para ela, pois tem que entender seu marido, estar do lado dele e fazer as despesas quando ele não tem como realizá-las. Como foi possível perceber em conversas com a comunidade, alguns chegam a afirmar que a atividade é uma atividade informal, porém, para elas a produção do artesanato tem se tornado o meio mais forte para obter renda para suprir as necessidades básicas.

A atividade de confecção de artesanato, apesar de considerada informal por algumas das mulheres envolvidas, em algumas localidades passou da informalidade para atividade fixa para a maioria das pessoas envolvidas, como foi possível perceber principalmente na

²⁸Sirlene Matos, artesã da Comunidade Mumbuca. Entrevista realizada por Aline Tavares de Sousa, em 24 de novembro de 2011, na associação dos artesãos.

²⁹Lênir Batista da Silva, artesã de Mateiros-TO. Entrevista citada.

³⁰Edinês Ribeiro Gomes, artesã da Comunidade Mumbuca. Entrevista citada.

comunidade Mumbuca. Lá, ao questionarmos sobre as profissões, grande parte dos entrevistados definiu-se como artesão/ã.

Produzir o artesanato pode significar para essas mulheres um meio de ter certa segurança financeira e ser um respaldo para setornarem menos dependentes de outras pessoas como, por exemplo, de seus maridos. Elas podem se tornar mais confiantes e decidir o que fazer com suas rendas, como afirma a entrevistada Edinês Ribeiro Gomes:

Aqui a gente ver assim que as mulheres são mais habituadas, mais enturmadas. As mulheres têm mais forças. Os homens são mais tímidos e acaba que as mulheres tomam a frente porque também a comunidade foi criada por uma mulher, as mulheres sentem que tem maior peso. Elas são as que mais trabalham. Porque elas costumam, cuida da casa, os homens não tem essa responsabilidades. A responsabilidade da casa ficam grande para a mulher, além dela costurar, ela trabalha em casa e às vezes o homem só trabalha na roça. O peso mesmo são das mulheres. Quem sustenta é ela que produz capim dourado porque os homens não tem salário, não tem nenhum serviço para trabalhar³¹.

As mudanças na vida econômica dessas mulheres têm sido mais relevantes. É nessa perspectiva que elas começam a adquirir certa autonomia, por contribuírem com as despesas em suas casas, como nos mostra a narrativa da artesã Vanda Francisca:

Eu vivo disso, trabalho só com isso e sustento minha casa meus filhos (risos). Eu não tenho marido (risos) eu divorcei tá com dois anos, tenho só meus filhos mesmos para criar, tenho um de dezoito anos, um de doze e um de três anos, todos moram comigo e só eu trabalho as crianças estudam³².

Mas ao mesmo tempo, essas mulheres não deixam as responsabilidades domésticas, sofrendo opressão por parte dos seus companheiros, e também não recebem nenhum apoio no momento em que estão produzindo os artesanatos, sendo este um dos fatores inibidores do empoderamento. Podemos incluir como outros fatores inibidores a falta de capacitação, a dependência econômica e a falta de maior participação por parte dos seus companheiros (Martelo, 2003).

A prática com o capim dourado, ou seja, a confecção do artesanato é realizada na casa dos próprios artesãos e, no caso das mulheres, conciliando com os afazeres domésticos, os cuidados dos filhos e, às vezes, com outro trabalho formal, uma vez que, como já pontuamos, o artesanato ainda é informal em muitas localidades da região do Jalapão, principalmente para as mulheres da zona urbana. É o caso de Lênir, uma de nossas entrevistas, que é merendeira:

³¹Edinês Ribeiro Gomes, artesã da Comunidade Mumbuca. Entrevista citada.

³²Vanda Francisca, artesã de Ponte Alta do Tocantins. Entrevista citada.

É um bem bolado que eu faço lá e consigo assim: eu trabalho um período no meu serviço e no outro período eu to em casa para cuidar da casa, de alguma coisa na casa e aquele tempinho que eu tenho eu vou lá e vou costurar mais, quando eu to com pedido aí eu tenho que deixar mais a casa de lado e pegar mais no artesanato e costurar se não, não dou conta de entrega na época certa³³.

Como mostra a fala da artesã, mesmo recebendo o seu salário de merendeira e tendo ainda a renda proveniente da venda do artesanato, a atividade doméstica ainda é o que mais subtrai tempo de confecção das peças, pois, conforme Bordieu (2003), as mulheres sempre foram colocadas como as principais responsáveis pela organização do lar. Ainda sobre o assunto, o autor afirma que uma parte muito importante do trabalho doméstico que cabe às mulheres tem ainda hoje, por finalidade, em diferentes meios, manter a solidariedade e a integração da família, sustentando relações de parentesco, organização de uma série de atividades sociais ordinárias, como refeições, em que toda a família se encontra, ou as extraordinárias, como as cerimônias e as festas.

Envolvidas na produção do artesanato, as mulheres não deixam de assumir os seus compromissos e acabam conciliando as tarefas domésticas, os trabalhos fixos e a produção do artesanato, assumindo diversos papéis no decorrer do dia. Sobre essa questão, Bruschini (1990, p. 30) ressalta que “mesmo sendo inserida ao espaço público no âmbito privado, cabem-lhes as responsabilidades da labuta da casa do preparo do alimento, do cuidado com os filhos e sua educação informal, do cuidado com os velhos da família, da saúde dos familiares”.

As responsabilidades domésticas são um dos fatores inibidores do empoderamento, visto que as mulheres, na maioria das vezes, não podem participar da organização das associações sem antes cumprir as responsabilidades do lar, as quais não se resumem somente em cuidar dos filhos, estendendo-se ao trabalho doméstico, fazendo todos os serviços da casa. Além disso, a opressão e a falta de apoio dos companheiros são consideradas fatores inibidores do empoderamento, pois as mulheres são impossibilitadas de tomarem certas decisões e, às vezes, ao assumir determinadas funções nas associações, são questionadas em seus ambientes domésticos. A partir do depoimento da artesã Lênir Batista da Silva, percebemos a limitação de gênero dentro do ambiente doméstico ao falar das relações em casa na hora das decisões:

Assim às vezes meu esposo diz assim: lembre-se que eu que sou o homem (risos). Só que ele volta atrás e fala que hoje os direitos são iguais que as mulheres tão

³³Lênir Batista da Silva, artesã de Mateiros-TO. Entrevista citada.

percebendo que elas têm mais oportunidades até mesmo de mandar na casa, de comprar as coisas de casa, que às vezes a mulher trabalha até mais que o homem. Então, eu acho assim que no meu caso eu não o ultrapasso porque sei que ele que é o homem, o que eu posso fazer como mulher eu to fazendo. Ultrapassar assim falar assim: é eu que decido, é eu que faço isso, é meu isso, foi eu que comprei isso aqui, é eu que tenho que fazer. Eu deixo na decisão dele, ele que é homem³⁴.

Como nos mostra Lênir Batista da Silva, os homens até tentam reconhecer os direitos das mulheres, mas acabam afirmando que eles que são o homem, o “dominador”. Ao mesmo tempo, as mulheres não têm consciência da situação de dominação em que vivem, pois já têm a ideia de que é o marido quem manda e que não podem decidir nada sem antes ter o consentimento dele, não ultrapassando suas decisões.

Para Bordieu (2003, p. 47), a violência simbólica institui-se por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, há dominação) quando ele não dispõe para pensar sua relação com ele, mas que instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, faz esta relação ser vista como natural.

Essa relação é vista como natural porque a mulher não tem consciência da situação em que vive, para ela é normal afirmar que é ele quem manda, algumas mulheres não se percebem como dominadas e isso é mais grave, pois se não percebe a dominação como reverter a situação?

Apesar das conquistas e das mudanças ocorridas nos papéis de gênero, em geral, a estrutura das unidades domésticas ainda discrimina a mulher e as mantém em uma condição de subordinação, quer dentro de casa, quer no domínio público. Tal situação tem dificultado o processo de “empoderamento” das mulheres que devem lutar com os companheiros para que haja maior divisão de tarefas no espaço doméstico (LISBOA, 2003, p. 124). O que ocorre, por exemplo, é as mulheres se sentirem e se afirmarem como batalhadoras, como nos mostra outra artesã, Maria Júlia dos Santos, que tem trabalho fixo como a Lênir e divide seus afazeres domésticos entre o trabalho fora de casa e a produção do artesanato.

Eu me sinto uma guerreira (risos). Me sinto uma guerreira no final do dia, eu sou uma guerreira. Por que aqui na região nossa, aqui, por exemplo, em Mateiros, as mulheres todas são assim, elas que mantêm, as mulheres aqui trabalham mais que os homens. Elas não dependem assim muito de marido elas se mantêm mesmo, sabe³⁵.

³⁴Lênir Batista da Silva, artesã de Mateiros-TO. Entrevista citada.

³⁵Maria Júlia dos Santos, artesã de Mateiros-TO e ex-presidente da Associação dos Artesãos de Mateiros-TO. Entrevista realizada por Aline Tavares de Sousa, em 25 de novembro de 2011, na casa da artesã.

Ao mesmo tempo em que as mulheres se assumem como guerreiras em certos momentos, há uma limitação e acabam não alcançando o apoio dos maridos esse é um dos fatores inibidores do empoderamento, como percebemos na fala da artesã. Quando ela assumiu o cargo de presidência, não teve o apoio do marido, pois precisava se ausentar de sua casa:

É muito difícil você ter que assumir o cargo de presidente, difícil por causa do marido, porque ele não compreendia eu tá viajando, de não está presente em casa, de passar da hora de fazer o almoço que às vezes acontecia, não era fácil³⁶.

A fala da artesã coaduna com Lisboa (2003, p.132), que afirma que o início da participação da mulher no espaço público leva ao rompimento com certas normas vigentes no interior da família. A decisão de levar adiante uma situação política provoca a resistência dos maridos e dos filhos e a quebra das rotinas do cotidiano familiar e de certos padrões morais predominantes no interior da família e da comunidade.

Na comunidade Mumbuca, a renda concentra-se mais na venda do artesanato, as oportunidades de emprego são escassas, logo, os homens que não confeccionam o artesanato acabam sem renda para fazer as despesas da casa. Nessa situação, há os que se conformam com a situação e os que reclamam, provocando, ao mesmo tempo, um fator impulsionador do empoderamento que é a renda e um fator inibidor que é a falta de apoio dos maridos, como mostra a artesã Edinês Ribeiro Gomes:

Quando não tem, fica calado que ele sabe que não dá para reclamar. Tem deles que ainda reclama que sentiu falta, porque a gente não vendeu a peça. Ah, não vendeu, acabou o dinheiro, e aí? Aí tem vez que eu mando é trabalhar, mas não tem como. Vai lá na roça de tóco, tenta arrumar um serviço, uma diária com alguém, aí tem aquela “diarinha”, mas nem sempre. Eles trabalham com o capim também, eles têm a força, vão lá ao campo e retira o capim dourado. Tem deles que costuram também³⁷.

Como percebemos, as mulheres estão envolvidas na atividade com o capim dourado gerando renda para o lar, mesmo não sendo uma renda fixa, pois há oscilação das vendas, podendo variar o valor obtido, mas estão sempre produzindo o artesanato. Porém, o que vem ocorrendo, como nos mostrou a entrevistada da comunidade Mumbuca, é que alguns homens reclamam, principalmente quando não há venda das peças ou que está faltando algo em casa, é uma forma de eles não aceitarem a situação em que estão vivendo, pois não querem assumir

³⁶Maria Júlia dos Santos, artesã de Mateiros-TO. Entrevista citada.

³⁷Edinês Ribeiro Gomes, artesã da comunidade Mumbuca. Entrevista Citada.

que a mulher está sendo a responsável pelas despesas domésticas. Nesse sentido, de os homens não aceitarem a situação quando se trata de as mulheres se responsabilizarem pelas despesas domésticas, Lisboa (2003, p. 126) afirma que a autoridade masculina está relacionada com o mundo externo e é abalada quando o homem não garante o teto e o alimento da família. Ficar desempregado é “desmoralizador” para os homens, não tanto pelo fato de não exercer plenamente seu papel de provedor, mas porque numa cultura patriarcal é vergonhoso ser sustentado pela mulher.

É o que nos mostrou a entrevista na comunidade Mumbuca alguns homens chegam a reclamar quando falta algo em casa, mostrando que, ao mesmo tempo em que as mulheres não têm o apoio de seus maridos quando estão exercendo algum cargo nas associações, elas são questionadas quando não obtêm renda do artesanato produzido, situação que inibe o empoderamento das mulheres.

Outro fator inibidor é a falta de capacitação. No documento elaborado pelo Fórum Econômico Mundial (2005), a capacitação trata-se de uma das dimensões que gira em torno do empoderamento, caracterizada como avanço educacional e considerada como pré-requisito fundamental para o empoderamento. A maioria das artesãs entrevistadas, porém, apresenta baixa escolaridade, assim, quando essas mulheres assumem determinados cargos dentro da associação, principalmente o de presidente, elas sofrem com esse fator inibidor do empoderamento que é a falta de capacitação. Com o decorrer do tempo, elas adquirem certas habilidades, como foi o caso da primeira presidente da associação da comunidade Mumbuca, Dona Noêmi Ribeiro, que, a partir da sua atuação como presidente, adquiriu conhecimento e desenvolveu habilidades.

Na associação da comunidade, outra entrevista permitiu-nos identificar a falta de capacitação como outro fator inibidor. Na fala da artesã Laurina Ribeiro da Silva:

Desde que surgiu a associação a gente tem lutado muito para receber recursos da associação. Eu vi que a associação não tava indo de forma correta aí me sugerir me candidatar para ver se eu conseguia coisas melhores para a comunidade. Mais é assim, não tem nem dois meses que recebi a associação, é muito trabalho, eu não me tenho assim ainda como presidente. Tenho pouco estudo. Eu ainda não peguei ainda essa posição de poder, não me sinto, assim lembro que sou presidente mais eu não coloquei em mim ainda. É isso que eu sou. Eu nunca nem fui a Palmas³⁸.

A artesã afirma em sua fala que possui pouco conhecimento e que, mesmo assumindo a posição de presidente, não se considera como tal, pois ela não “pegou a posição de poder”. O

³⁸Laurina Ribeiro da Silva, Artesã da Comunidade Mumbuca e presidente da Associação dos Artesãos da comunidade. Entrevista realizada por Aline Tavares de Sousa, em 24 de novembro de 2011, na casa da artesã.

acesso à educação tem papel importante no processo de empoderamento e sua ausência pode dificultar ou limitar a atuação das mulheres nas associações que estudamos. O que acontece, por exemplo, com essa artesã é que ela assumiu o cargo mesmo possuindo certas limitações, e estas serão amenizadas e/ou eliminadas com o decorrer do tempo, pois surgirão viagens, contato com órgãos externos, como a Fundação Cultural, e outras situações que provocarão determinados aprendizados. É nesse sentido que os agentes externos contribuem para o processo de empoderamento, pois sua falta de capacitação poderá se transformar na medida em que a presidente, por exemplo, tiver contato com outros fatores, principalmente os impulsionadores, dentro e fora da associação, obtendo conhecimento, desenvolvendo habilidades e podendo se transformar em uma líder ainda não se sintam.

4.3. Associações dos artesãos e o empoderamento das mulheres

Para Dias e Romano (2011, p. 41), os laços de solidariedade e associativismos têm contribuído para evidenciar representações sociais sobre as mulheres e as relações de gênero. Decorre daí a importância de debates acerca do associativismo de mulheres como um eficiente mecanismo de enfrentamento no auxílio à superação de condições de precariedade social e/ou pessoal, mas, sobretudo, como elemento ordenador, com potencial para transformação do social, o que dá visibilidade para as mulheres como sujeitos agentes, desestabilizadoras de uma ordem que apresentava uma hierarquia compulsória.

Levando essa questão para o *lócusem* que focamos nossa pesquisa pensando sobre o empoderamento a partir da participação dessas mulheres nas associações, recorreremos ao que afirma as autoras Deere e León (2002) quando elas argumentam que o conceito de empoderamento pode ser subdividido em “poder para”, “poder com” e “poder dentro”. Sousa (2008, p.39) afirma que “pode-se compreender o processo de empoderamento como a busca de entendimento das relações de poder e do contexto nos quais os atores sociais estão inseridos”. Ainda sobre o assunto, Costa (2008, p. 09) afirma que “o processo de empoderamento da mulher traz à tona uma nova concepção de poder, assumindo formas democráticas, construindo novos mecanismos de responsabilidades coletivas, de tomada de decisões e responsabilidades compartilhadas”. Nesse sentido, tentamos identificar as manifestações de poder dentro das associações a partir das falas das mulheres.

O poder para pode ser manifestado dentro da associação a partir da articulação das líderes, ou seja, das presidentes que buscam ações para o fortalecimento do grupo para assim, posteriormente, haver o fortalecimento e a conscientização dos componentes sobre a

importância da união para o desenvolvimento da atividade artesanal, que possibilita a ocorrência de mudanças em suas vidas, como qualidade de vida e melhoria na sua autoestima. É o que nos mostra Noemi Ribeiro, ex-presidente da associação da comunidade Mumbuca,

Eu sentia mesmo uma líder porque pra gente também lançar com vocação para os associados, chamar atenção, ter força para contar o que tava acontecendo, eu ficava alegre porque a gente tava tendo uma transformação legal, importante, então pela fé, pela força, a gente tá vendo aquela coisa acontecer através da união de trazer, de contar um caso, trazer o grupo da compreensão para acontecer a loja até que aconteceu a loja para colocar os produtos. Aconteceu o caminhão para pegar o capim dourado, pegar o fruto do cerrado, isso tudo e uma assembleia a gente vai forte com a fé importante que vai acontecer, pedi a Deus mesmo toda reunião, eu pedia Jesus tamos aqui. Jesus vou viajar com a finalidade, ai eu ia com a ata com aquela ata, informando tudo o caminhão e a associação teve ai uma vez, duas, três, quatro vez levando a ata de conhecimento do projeto ai tal mês vai chegar o caminhão ate que apareceu o caminhão uma festa de alegria³⁹.

Percebe-se que essa mulher esteve presente na associação lutando por melhorias. Apesar das dificuldades, ela não desistiu e buscou conhecimento para passar para a comunidade. Então, temos a articulação dos líderes, usando seu poder para buscar soluções para problemas coletivos. Assim, a artesã mostra-nos o *poder para*, o poder que ela tinha de buscar soluções para a comunidade. Batalhou por melhoria para a comunidade e essa batalha foi importante tanto para ela como para toda a comunidade envolvida na produção do artesanato, transformando a vida das pessoas através de sua participação na associação, da união e, principalmente, da articulação dessa líder. Também foi possível perceber na fala da artesã entrevistada que, com sua participação como líder, o seu poder de comunicação melhorou, pois teve contato com outras pessoas, outras realidades, e isso é o que pode ocorrer com qualquer uma dessas mulheres que chegam a sair do seu ambiente doméstico assumindo-se como líder.

O *poder dentro* pode se manifestar no interior das associações a partir das experiências das mulheres, sendo que, dentro de uma associação, a troca de conhecimentos pode levar ao aperfeiçoamento do artesanato produzido por esses artesãos e à integração com outras pessoas que poderão melhorar sua autoestima, provocando mudanças significativas em sua vida pessoal como, por exemplo, assumir cargos de lideranças dentro das associações. É o que nos mostra a fala da artesã Maria Júlia dos Santos:

³⁹Noemi Ribeiro da Silva, artesã da Comunidade Mumbuca. Entrevista citada.

Trabalhei muito. Muito trabalho, muito trabalho mesmo, sabe muito trabalho e pé no chão mesmo se não dava conta. Viajei muito também. Eu cheguei a conhecer Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Salvador. Era para participar de feiras. Às vezes ia com alguém sabe como, por exemplo, quando era tudo, porque essas viagens eram tudo financiado por alguma agência ou pela Fundação Cultural. Acho que o objetivo principal mesmo é se organizar sabe ser um grupo de pessoas organizadas, porque assim que uma pessoa só, não vai a lugar nenhum, sabe com mais gente e buscando a mesma coisa, consegue. É muito difícil, difícil em relação os sócios compreender não é fácil tem gente que participa da reunião sai sabendo de tudo e tem aqueles que não sabem de nada esses é o que mais da trabalho. Eu acho assim que o que eu tinha que fazer pela comunidade eu já fiz. Eu batalhei muito e conseguir e hoje eu penso assim, que tem que dar a oportunidade para os outros também⁴⁰.

O que se verifica na fala da artesã é que a participação na associação é importante tanto para as vendas dos produtos, pois é uma forma de valorizar o artesanato, quanto para obter mudanças significativas na vida dessas mulheres, uma vez participando das reuniões, alcançam benefícios para si, aperfeiçoam o artesanato e melhoram sua autoestima. Mesmo com as dificuldades que grande parte das líderes enfrenta, elas conseguem desempenhar seu papel.

Opoder com manifesta-se dentro das associações a partir da união do grupo, estando os artesãos centrados em objetivos comuns como, por exemplo, melhorias na venda de seus produtos. Nessa perspectiva e de forma coletiva, os artesãos poderão buscar soluções ou alternativas para alcançar os seus objetivos, como ainda pontua a artesã:

Como sócio, sabe eu sou dedicada compreendo as coisas, vou às reuniões. Não sou cabeça dura eu sei como é que é uma associação sei que não é fácil e sobre o artesanato em geral pra mim foi uma dádiva de deus. Aqui para a região porque tirou muita a fome do pessoal aí que às vezes vivia passando fome, e hoje tem a renda, às vezes não dá para assistir tudo mais ajuda, é uma ajuda no final do mês complementada, assim com os que trabalham no final do mês tem a sua ajuda⁴¹.

A partir da participação nas associações, as mulheres estão focadas em objetivos comuns, elas compartilham informações, desenvolvem a autoestima por estarem em contato com outras pessoas e cada uma tem uma parcela de poder, o qual pode ser unido entre todos e gerar soluções coletivas. Assim sendo, coadunamos com Lisboa (2008) quando ela afirma que o processo de empoderamento é visto como estreitamente relacionado ao de participação. Experiências em diversas partes do mundo têm mostrado que processos de participação possibilitam processos de empoderamento e que essas metodologias favorecem o estabelecimento de políticas e práticas de desenvolvimento que contemplam as necessidades das pessoas vivendo na pobreza.

⁴⁰Maria Júlia dos Santos, artesã de Mateiros-TO. Entrevista citada.

⁴¹Maria Júlia dos Santos, artesã de Mateiros-TO. Entrevista citada.

A inserção das mulheres nesses espaços associativos faz com que elas se articulem umas com as outras, ocasionando a troca de conhecimentos e, assim, buscando alternativas eficazes para o desenvolvimento das suas capacidades individuais e o desenvolvimento da atividade artesanal. Tudo isso gera mudanças significativas que poderão beneficiar a si mesmas e às suas famílias, logo, a participação das mulheres pode representar um marco importante na vida das artesãs, pois trabalhando juntas poderão buscar novas alternativas para a organização de seus núcleos familiares.

Conforme Pinto (1992), a mulher deixou de atuar nos limites do privado e provocou novas situações no interior da família e nas relações informais de vizinhança e amizade; a mulher passou a articular, no interior dos movimentos, lutas diferentes em relação a seus companheiros homens e, organizadas em torno de questões tradicionalmente femininas, passaram a questionar sua própria condição de mulher. Essa articulação, porém, não ocorreu na região do Jalapão, por parte da iniciativa das mulheres artesãs. Como percebemos no decorrer da pesquisa, as associações não partiram da iniciativa das mulheres da região, mas sim do poder público que incentivou a atividade com o capim dourado. O que se torna importante nos casos estudados é que as mulheres estão inseridas nas organizações juntamente com os homens que estão envolvidos na produção do artesanato; elas têm passado por situações distintas como nos mostraram os depoimentos, vivendo desde a opressão de seus maridos e as dificuldades de lidar com a presença dos homens dentro das associações quando eles assumem cargos como o de presidência.

Sobre o empoderamento da mulher em espaço associativo, Filho e Regino (2006) acrescentam que o empoderamento efetivo das mulheres deriva de uma reformulação e desconstrução dos atuais esquemas políticos e sociais, através da participação ativa em movimentos, conscientização na sociedade, atuação nas instâncias governamentais e também com a criação de organizações da sociedade civil (associações). Tais aspectos correspondem às alternativas de sobrevivência de várias mulheres e suas famílias, sobretudo, as de baixa renda, pois levam demandas do âmbito privado para os espaços públicos, influenciando nos processos de tomadas de decisões.

A partir das falas das artesãs entrevistadas, percebe-se que as mulheres vêm buscando se organizar espacialmente entre seus afazeres domésticos e outras atividades nos espaços associativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo averiguar a relação entre o grau de empoderamento das mulheres artesãs e a produção do artesanato do capim dourado na região do Jalapão. A unidade de análise foi composta pelas mulheres que fazem parte das associações dos artesãos da região do Jalapão. Como foi possível perceber no decorrer da pesquisa, a atividade artesanal com o capim dourado, que teve seu início na comunidade Mumbuca, em Mateiros-TO e, a partir daí, expandiu-se para diversos municípios da região, vem se constituindo como uma nova alternativa para a inserção das mulheres em uma organização social geradora de renda, condensada nas várias associações de artesãos já constituídas.

A organização desses artesãos em forma de associações não surgiu dos seus próprios anseios, mas do poder público estadual, por meio da Fundação Cultural do Tocantins e em parceria com o SEBRAE. Esse incentivo foi iniciado no momento em que o governo estadual passou a investir no turismo naquela região e, com o turismo, o artesanato começou a se expandir em proporção assustadora no que se refere à forma predatória de exploração do capim dourado, como a colheita desordenada que tem colocado em risco a própria sustentabilidade das atividades econômicas locais. Na tentativa de resolver ou amenizar esse problema, o Estado publicou a Portaria que regulamenta a colheita do capim dourado, buscando organizar as comunidades locais em torno de uma atividade comum, o trabalho com o Capim Dourado; isso motivou a formação das associações, cujo objetivo é favorecer melhores mercados para os produtos que são confeccionados regionalmente e, ao mesmo tempo, criaram espaço comunitário onde os turistas possam comprar os produtos sem ter que se deslocar até a casa dos artesãos.

A região do Jalapão, no contexto do turismo, tem se desenvolvido com a geração de empregos e oportunidades para as pessoas que, de uma forma ou de outra, estão envolvidas em alguma dessas atividades econômicas. Ficou perceptível, ao longo das observações de campo, que a Comunidade Mumbuca, situada no município de Mateiros, tem se beneficiado com as políticas públicas destinadas ao desenvolvimento sustentável dos agentes sociais envolvidos localmente tanto na produção de produtos derivados do Capim Dourado como em orientação ao turista.

As associações têm abrigado diversos artesãos/ãs que vêm mudando a sua história de vida por estarem inseridos em uma atividade geradora de renda. O grau de empoderamento

das mulheres artesãs foi averiguado por nós através de suas falas, dessa forma conseguimos construir a trajetória de algumas delas que falaram sobre suas perspectivas individuais a partir do seu envolvimento com o artesanato e a sua participação nas associações. Baseadas na fala das mulheres entrevistadas que fazem parte das associações, buscamos identificar os fatores impulsionadores e inibidores do processo de empoderamento, o que nos permite fazer algumas considerações finais.

Participar das associações ou de redes é o primeiro passo para o empoderamento, pois participar das associações é um meio de essas mulheres saírem da dedicação exclusiva ao ambiente doméstico, podendo se inserir em uma organização social onde há interação com outras pessoas. Estar dentro dessas associações é importante para as artesãs tanto no aspecto econômico como no social.

No aspecto econômico, as artesãs conseguem melhores mercados para seus produtos, tornando seus produtos mais valorizados e eliminando os atravessadores, o que aumenta seus ganhos e possibilita-lhes contribuir com as despesas de casa. No aspecto social, elas interagem com outras mulheres e com outras pessoas, na maioria das vezes, externas ao seu meio. Quanto às relações de gênero dentro dessas associações, foi possível perceber que, para as mulheres, é bem melhor ter na presidência outra mulher, pois, segundo elas, uma entende a outra mais facilmente.

A partir de sua participação nas associações, observamos que as mulheres alcançam outras melhorias que podem levar ao empoderamento como, por exemplo, a capacidade de se tornarem líderes articuladoras, que buscam soluções para problemas locais, divulgam o artesanato e desenvolvem habilidades, inclusive as que não se relacionam apenas com a confecção do artesanato, com os cursos e com as oficinas que são realizadas nas associações para o aperfeiçoamento do artesanato. Elas desenvolvem também habilidades para falar, agir, executar, articular-se socialmente e obter conhecimento para passar para os outros. Os conhecimentos surgem com as viagens que são realizadas para a participação em feiras e eventos e nas reuniões com os agentes externos.

Observamos também que, a partir da participação dessas mulheres nas associações, elas têm mais contato com elementos inibidores do empoderamento. Como nos mostraram os teóricos, o empoderamento é um processo que muda de pessoa para pessoa e, no caso das mulheres artesãs da região do Jalapão, é possível perceber que ainda existem alguns elementos inibidores do processo do empoderamento, como as responsabilidades domésticas, pois elas são obrigadas a manter a ordem da casa e cuidar dos filhos e dos maridos. Quando chegam a se ausentar de casa por muito tempo, começam a surgir os questionamentos por

parte dos companheiros, ou seja, elas não têm o apoio dos mesmos, principalmente quando assumem o cargo de presidência.

Pudemos observar que, como ressalta Dias e Romano (2011, p.53), “as mulheres envolvidas em associações e principalmente aquelas que acentuam o lugar das mulheres, têm contribuído para problematizar hierarquizações arbitrárias e alternar sujeitos tomadores de decisão”, apesar de que as tomadas de decisões nas falas das artesãs da região do Jalapão expressam ainda entraves por causa falta de apoio de seus companheiros quando necessitam se ausentarem de seus lares por determinado tempo.

A partir dessa constatação, passamos, então, a compreender o processo de empoderamento baseado em alguns estudiosos da temática, pois o empoderamento das mulheres, como nos mostra Costa (2008), representa um desafio às relações patriarcais, ao poder dominante do homem e à manutenção de seus privilégios de gênero, principalmente no contexto das famílias. Assim, significa uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres, garantindo a elas autonomia no que se refere ao controle dos seus corpos, da sua sexualidade, do seu direito de ir e vir, bem como um rechaço ao abuso físico e à violação sem castigo, ao abandono e às decisões unilaterais masculinas que afeta a toda a família.

Observamos, portanto, que a atividade com o capim dourado tem trazido uma substancial melhoria para diversas mulheres que estão envolvidas na produção e que alcançam mudanças principalmente na parte econômica e algumas na parte social a partir de suas participações nas associações.

Podemos, portanto, chegar à seguinte conclusão: a atividade do artesanato vem trazendo diversas melhorias para as mulheres da região do Jalapão, porém, quanto ao empoderamento dessas mulheres a partir de suas participações nas associações, ainda não ocorreram melhorias de forma tão clara. Isso, entretanto, não nos impede de perceber que muito já tem ocorrido na região do Jalapão e, principalmente, na comunidade Mumbuca, considerada o berço do artesanato com capim dourado. Como nos mostra Filho e Regino (2006) acerca de uma das vertentes do conceito de participação, o empoderamento estabelece um diálogo com as formas de aquisição de poder e como estas agem sobre os recursos necessários para o desenvolvimento de uma região ou qualquer outro tipo de espaço. As mulheres têm assumido um papel de provedoras e de chefes de família, sobretudo por deterem em suas mãos o poder aquisitivo e contribuir efetivamente para o orçamento doméstico. Numa perspectiva mais ampla, o empoderamento das mulheres pode transpor o âmbito

doméstico e se consolidar em esferas públicas, na medida em que a participação das mulheres torna-se fundamental ao processo de desenvolvimento de uma determinada região.

Dentro dos fatores impulsionadores e inibidores do empoderamento, o que falta para que essas mulheres realmente possam ser definidas como empoderadas é promover mudanças em seus ambientes domésticos, pois algumas até contribuem nas despesas domésticas, mas, ainda, são dominadas por seus maridos e impossibilitadas de exercerem cargos dentro das associações. Algumas mulheres alcançam mudanças com suas participações nas associações, como, por exemplo, mudanças na vida pessoal, vencendo a timidez, viajando por outros Estados; mas, ao mesmo tempo, elas ainda são reprimidas em casa, fato que acontece não somente nos municípios de Mateiros e Ponte Alta, mas até mesmo na comunidade Mumbuca, onde há a ideia de que são as “mulheres que mandam”.

As associações dos artesãos do capim dourado da região do Jalapão têm proporcionado às mulheres artesãs diversas oportunidades a serem conquistadas, em maior ou menor grau, pois essas conquistas não são iguais para todas as mulheres envolvidas na pesquisa. Participar das associações tem contribuído para que as mulheres desenvolvam suas capacidades que consistem, entre outras, em liderar, criar, gerir, aumentando, com isso, a autoestima.

FONTES –Perfil das mulheres artesãs entrevistadas nas associações dos artesãos da região do Jalapão

As entrevistas foram realizadas com as artesãs das associações da Comunidade Mumbuca, Mateiros e Ponte Alta do Tocantins nos meses de novembro e dezembro de 2011.

Lênir Batista da Silva –É artesã e associada da Associação dos Artesãos de Mateiros-TO. É merendeira. Casada, seu marido é o atual presidente da associação. Tem 39 anos e três filhos. Possui o Ensino Médio completo.

Maria Júlia dos Santos – É artesã e faz parte da Associação dos Artesãos de Mateiros-TO. Tem 42 anos e estudou até o 8º ano do Ensino Fundamental. Atualmente trabalha em um hotel como arrumadeira. É casada e tem dois filhos. Já foi presidente da associação durante dois mandatos, somando quatro anos à frente da associação.

Laurina Ribeiro da Silva – Artesã da comunidade Mumbuca. Dona de um restaurante na comunidade, é casada e tem quatro filhos. Atualmente é a presidente da associação da comunidade. Quando a entrevista foi realizada, ela estava com apenas dois meses de mandato. Não informou o nível de escolaridade.

Sirlene Matos da Silva – É artesã da comunidade Mumbuca, tem 21 anos, é solteira e está cursando o 3º ano do Ensino Médio. É promotora de eventos na comunidade e coordena um grupo de teatro que existe na comunidade. Trabalha com o artesanato do capim dourado, é associada e agora está trabalhando no colégio da comunidade como auxiliar de serviços gerais.

Edinês Ribeiro da Gomes- Dona de casa e artesã da comunidade Mumbuca, pertence à associação dos artesãos e, atualmente, exerce função de fiscal dentro da associação. É casada e tem quatro filhos. Estudou somente até o 4º ano do Ensino Fundamental.

Noemi Ribeiro da Silva-Dona de casa e artesã. Solteira, 56 anos, conhecida como “Doutora”. Estudou somente até o 4º ano do Ensino Fundamental. Foi a primeira presidente da associação da comunidade, exercendo dois mandatos por quatro anos. Atualmente não exerce nenhum cargo na associação, é somente sócia.

Vanda Francisca- É artesã e atual presidente da Associação dos Artesãos de Ponte Alta do Tocantins. Já está no segundo mandato. Possui Ensino Médio completo e é divorciada há dois anos.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ANSARAH, M. G. dos R. **Turismo: como aprender, como ensinar**. 3ª ed. São Paulo: Editora SENAC, 2004.

BECKER, Márcia Regina. **Estudo Sobre a Presença das Mulheres no Artesanato:**

BEHR, Miguel Von, **Jalapão: Sertão das Águas**. São José dos Campos, SP: SoMos, 2004.

BELAS, C. A. **O Consumo de Bens Culturais e a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial: O Caso do Capim Dourado do Jalapão**. In: IV ENEC - Encontro Nacional de Estudos do Consumo: Novos Rumos da Sociedade de Consumo, 2008, Rio de Janeiro-RJ. Anais... UFRRJ, 2008.

BELAS, Carla Arouca. **Capim dourado: costuras e trançados do Jalapão**. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2008.

BENVINDO, Rosângela Araujo. **Análise Comparativa dos Instrumentos de Regulamentação das Políticas de Proteção Ambiental e de Promoção do Ecoturismo: o caso do Parque Estadual do Jalapão**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação da FAU/UNB do Curso de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

BIER, Clerilei A. et al. **Criação da Associação de Artesãos e da Feira de Artesanato Arte Floripa**. Udesc em Ação, Santa Catarina, v.1, n.1, 2006. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/udescemacao/index>>. Acesso em: 23 jan.2012.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2003.

BRUSCHIN, M.C.A. **Mulher, Casa e Trabalho: o cotidiano nas camadas médias paulistanas**. São Paulo: Vértice, 1990.

CANTERLE, Nilsa Maria. **A prática associativa e seus atores no processo de desenvolvimento**. Disponível em <<http://www.gestiopolis.com/canales3/eco/pratiass.htm>>. Acesso em: 06 jan. 2012.

CARLOTO, Cássia Maria. **Gênero e sua importância para a análise das relações sociais**. 2001. Disponível em <<http://www.ssrevista.uel.br/n2v3>>. Acesso em: 05 jan. 2009.

CHAGAS, Rodolfo Pereira das. **Políticas Territoriais no Estado do Tocantins: Um estudo de caso sobre o Jalapão**. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, SP, 2007.

Construindo Caminhos entre Educação e Artesãs. In: Anais do IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. UCS, Caxias do Sul, Brasil, Julho 2012.

COSTA, Ana Alice. **Gênero, Poder e Empoderamento das mulheres**. Disponível em: <www.adolescencia.org.br/empower/website/2008/imagens/textos_pdf/Empoderamento.pdf>. Acesso em: 15 maio 2011.

DANIEL, Graciela. **Participação Associativa, Cultura Política e Desigualdade Social: o caso da nova Santa Marta/RS**. In: Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia. UFSC, Florianópolis, Brasil, julho, 2007.

DEERE, C.D; LÉON. **O empoderamento da mulher: direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DEMARTINI, Zélia de Brito. **Trabalhando com Relatos Orais: Reflexões a Partir de uma Trajetória de Pesquisa**. In: LANG, Alice Beatriz da S. G. (Org.). Reflexões sobre a pesquisa sociológica. 2. ed. CERU/Humanitas, 1999.

DIAS, Luciana O. **Plantar Bordar e Colher: mulheres cooperadas, diagnósticos e reflexões**. (Org.) Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.

DIAS, Luciana; ROMANO, Shirley. Ela Fiava e Tecia: Fiando Histórias e Tecendo Idéias. In:

DIETRICH, Luciana Correia. **Associação Três Lagoense de Artesanato: A comunidade e suas Potencialidades para o Desenvolvimento Local**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local. Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande-MS, 2006.

FALEIRO, R. Relatório Técnico Científico de Antropologia. In: ARRUDA, M. B.; BEHR, M. (Org.). **Jalapão: expedição científica e conservacionista**. Brasília: IBAMA, 2002.

FILHO, R.; REGINO, F.A. **O empoderamento das mulheres do sertão: uma experiência de associativismo e desenvolvimento rural**. 10p. 2006. Disponível em: <<http://www.alasru.org/cdaldasru2006/20Regino.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2011.

FISCHER, Izaura Rufino. **O protagonismo da mulher rural no contexto da dominação**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2006.

FONSECA, Janaina Maria Andrade Aires. **Políticas Públicas de Ecoturismo e Desenvolvimento: Avaliação do PROECOTUR no Pólo Jalapão – TO**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Tocantins, UFT, Palmas-TO, 2011.

FONTES, Sheila Rachid. **Turismo e Artesanato: O Caso do Artesanato do Bichinho**. Dissertação (Mestrado) Programa de Mestrado em Turismo e Meio Ambiente do Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, 2006.

FREDRYCH, Thelma Valentina de. **Comunidade Mumbuca: Vivendo os entraves e desafios por ter seu território incorporado ao Parque Estadual do Jalapão – TO**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente, da Universidade Federal do Tocantins / UFT, Palmas-TO, 2009.

GIANSANTI, R. **O Desafio do Desenvolvimento Sustentável**. 2º. ed. São Paulo: Atual, 1999.

GODINHO, Tatau. Democracia e Política no Cotidiano das Mulheres Brasileiras. In: GOHN, M. G. **Empoderamento e Participação da Comunidade em Políticas Sociais**. Saúde e Sociedade, 2004; v.13, n.2, p.20-31.

GOHN, M. G. Sociedade Civil no Brasil: Movimentos Sociais e ONGs. In: **Nômadás** (Col.) 2004. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=105117734013>>. Acesso em: 22 nov. 2011.

HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. Cadernos Pagu, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a06.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2012. In: **Revista História**. v. 24. p. 77-98, São Paulo: USP, 2005.

HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi; MEIRELLES, Giselle. Problematizando o conceito de empoderamento. In: **Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, participação e Democracia**. UFSC, Florianópolis, Brasil, jul. 2007.

IORIO, C. Algumas considerações sobre estratégias de empoderamento e de direitos. In: ROMANO, Jorge; ANTUNES, Marta (Org.). **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2002. p. 21-44.

LANG, A.B.S.G. História Oral: Procedimentos e Possibilidades In: **Desafios da Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: CERU, 2001.

LAURETIS, T. A Tecnologia do Gênero. In: HOLLANDA, B.H. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LIMA, Antônia Francisca. **A mulher no mercado de trabalho informal: um estudo de caso no comércio na área central de Teresina**. 1999. 39 p. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) - Universidade Federal do Piauí, Terezina, 1999.

LISBOA, T. K. **Gênero, Classe e Etnia-Trajatória de Mulheres Migrantes**. Florianópolis & Chapecó, Editora da UFSC & ARGOS, 2003.

LISBOA, T. K. **O Empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais**. Fazendo Gênero – Corpo, Violência e Poder. n. 8. Florianópolis, 25-28 ago. 2008.

LOMBARDI, Sheila. **Desenvolvimento Rural e Gênero**. A participação das mulheres na organização de um movimento Social o caso da Crabi-PR. 2006. 142 p. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Desenvolvimento Regional e Agronegócio, Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE/PR. Toledo, PR. 2006.

LUCHMANN, Lígia Helena. **Associativismo e Democracia no Brasil Contemporâneo**. Em Debate, Belo Horizonte, v.3, n.4, p.44-51, 2011. Disponível em <<http://www.opiniaopublica.ufmg.br/emdebate>>. Acesso em: 23 maio 2012.

MARTELO, Emma Zapata. **Microfinanzas y empoderamiento de las mujeres rurales**. Plaza y Valdés, México, 2003.

MARTINS, C. H. B. **Trabalhadores na reciclagem do lixo:** dinâmicas econômicas, socioambientais e políticas na perspectiva de empoderamento[s.n] Tese (Doutorado) Programa de Pós -Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

MELO, José C. **Por entre as águas do sertão:** Currículo e Educação ambiental das Escolas Rurais do Jalapão. 2011. 256 p. Tese (Doutorado em Educação: Currículo, Pontifca Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2011.

MELO, Juliana de Freitas. **O Artesanato na Economia de Pernambuco:** Uma Alternativa para o Desemprego. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas), Departamento de Economia e Administração (DEA), Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2005.

NATURATINS. Plano de Manejo do Parque Estadual do Jalapão. Palmas, TO, 2003.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes. **Mulheres na liderança, relações de gênero e empoderamento em assentamentos de Reforma Agrária:** o caso do Saco do Rio Preto em Minas Gerais. 2006. 134 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade), Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2006.

OLIVEIRA, Maria Lúcia. **Transformação das desigualdades de gênero?** Narrativas da vida cotidiana e empoderamento de mulheres de assentamentos do cariri paraibano. 2007. 175 p. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

PARENTE, T.G; MAGALHÃES, H.G.D. (Org.) **Linguagens Plurais:** Cultura e Meio Ambiente. Bauru, SP: EDUSC, 2008.

PARENTE, T.G; MAGALHÃES, H.G.D. **Gênero e Memória de Mulheres Desterritorializadas.** ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte v. 9 nº 14, Uberlândia: Instituto de História/UFU, 2007.

PARENTE, T.G; MAGALHÃES, H.G.D. **O Averso do Silêncio:** Vivências Cotidianas das Mulheres do Século XIX. Goiânia, GO: Editora UFG, 2006.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. In: **Revista História.** vol. 24. P. 77-98, São Paulo: USP, 2005.

PINTO, Celi Regina. Movimentos Sociais: Espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político. In: COSTA, Albertina O.; BRUSCHINI, Albertina. **Uma questão de gênero.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos & Fundação Carlos Chagas, 1992.

PIRES, A.L.C.S; OLIVEIRA, R.de. Notas etnográficas sobre as comunidades negras rurais do Tocantins. In:_____. (Org.) **Sociabilidades negras-comunidades remanescentes, escravidão e cultura.** Belo Horizonte: Editora Gráfica Daliana Ltda., 2006.

PORTELLI, A. História oral como gênero. In: **Revista do Programa de Estudos pós-graduados em História e do Departamento de História**. História e Oral – Projeto História, n. 22, São Paulo: PUC-SP, 2001.

RICHARTZ, Terezinha. **Conceituando Gênero e Patriarcado**. Disponível em: <http://www.projeto.org.br/emapbook/map_ter.htm>. Acesso em: 05 jun. 2011.

ROCHA, Ederval Camargo. **Relações de Gênero nas Organizações Comunitárias: A Participação das Mulheres na Associação de Moradores do Bairro Nova Esperança (Aureny II) - Palmas/TO**. 2010. 109 p. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Tocantins/UFT, Palmas-TO, 2010.

RODRIGUES, AdyrBalastreni. Ecoturismo: Limites do eco e da ética. In: RODRIGUES, Adir, B. **Ecoturismo no Brasil: Possibilidades e Limites**, (Org.). São Paulo: Contexto, 2005.

SAFFIOTI, H.I.B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A.O.; BRUSCHINI, C. (Org.) **Uma Questão de gênero**. São Paulo; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SANTOS, E.G.; ARMOND, F.N.; NUNES, I.H.; SENNA, M.L.G.S.; PARENTE, T.; MORAES, P.B; RODRIGUES, W. Sustentabilidade e Desenvolvimento Local: A comunidade de Mumbuca e o turismo da região do Jalapão. **Revista OLAM Ciência e Tecnologia**. v. 7; n. 3, p. 242-261, dez. 2007.

SANTOS, F. A relação entre o desenvolvimento do turismo e a percepção ambiental das mulheres que vivem no entorno do Parque Estadual do Jalapão, TO. In: **VII Seminário Fazendo Gênero**. Florianópolis: UFSC, 2006.

SANTOS, F. **As pessoas e a Conservação do Cerrado: o caso do Parque Estadual do Jalapão**. 2007. 91p. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Tocantins, UFT/Palmas, 2007.

SANTOS, Gleyslally. **Desenvolvimento Regional Sob o Enfoque de Gênero: Assentamento de Reforma Agrária Padre Josimo I e II – TO**. 2009. 115 p. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, da Universidade Federal do Tocantins, UFT/Palmas-TO, 2009.

SANTOS, Milton. Território e Dinheiro. In: SANTOS, M. SOUZA, M. A. de (Org.). **Território, Territórios**. Niterói-RJ: PPGEU-UFF, 2002.

SCHIMIDT, I.B. **Etnobotânica ecologia populacional e syngonanthusnitens: Sempre viva utilizada para artesanato no Jalapão, Tocantins**. 2005. 91 p. Dissertação (Mestrado em Ecologia), Instituto de Ciências Biológicas Programa de Pós-Graduação em Ecologia, Universidade de Brasília, DF, 2005.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil para os estudos históricos**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 16, n.º. 2, p. 5-22, dez. 1995

SENA, Francisca. **Mulheres em Movimento: Construção de Relações de Gênero na Militância Política das Mulheres**. 2004. 174 p. Dissertação (Mestrado). Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais da Universidade Estadual do Ceará/Fortaleza, 2004.

SENNA, M e MAGALHAÊS, H. Os Mitos do Fervedouro Jalapão/TO. In: PARENTE, T.G; MAGALHAÊS, H.G.D. (Org.) **Linguagens Plurais: Cultura e Meio Ambiente**. Bauru, SP: EDUSC, 2008.

SILVA, Berenice Gomes. **A Marcha das Margaridas: resistências e permanências**. 2008.172 p. Dissertação (Mestrado) Departamento de Sociologia, Mestrado em Sociologia. Universidade de Brasília, UNB/Brasília, 2008.

SOIHET, R e PEDRO, J. **A emergência da Pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300, 2007.

SOIHET, Rachel. **História das mulheres e relações de gênero: algumas reflexões**. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/nec/textos/text33.PDF>>. Acesso em: 04 jan. 2011.

SOIHET, Rachel. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. In: AGUIAR, Neuma. **Gênero e ciências humanas: desafios às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 95-115.

SOUSA, Rosa Maria. **Oempoderamento da mulher e o acesso à gerência em tecnologia da informação: um olhar sobre gênero e poder**. 2008. 144 p. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Administração. Universidade Novos Horizontes. Belo Horizonte, MG. 2008.

SOUSA, Ruberval Rodrigues de. **Tradição, Artesanato do Capim Dourado e Desenvolvimento Local no Povoado do Mumbuca do Jalapão em Mateiros – TO**. 2009. 82 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local), Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local. Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, MS, 2009.

SOUZA, I.N.; ZITZKE, V.A. Estudo das Potencialidades para o Desenvolvimento Sustentável dos Municípios nos Corredores Ecológicos, Ponte Alta do Tocantins: Um Estudo de Caso. **Revista Eletrônica do Curso de Geografia**. Jatai-GO, n.7, p. 55-70, jul./dez.2006. Disponível em: <<http://revistas.jatai.ufg.br/index.php/geoambiente/article/view/43>>.

VEIGA, S. M; RECH, D. **Associações: Como Constituir Sociedades Civas sem Fins Lucrativos**. Rio de Janeiro: DP&A: Fase, 2001.

VELÔSO, T. M. G. Pesquisando fontes orais em busca da subjetividade. In: WHITAKER, Dulce Consuello Andreatta; VELÔSO, Thelma Maria Grisi. (Org.). **Oralidade e subjetividade: os meandros infinitos da memória**. Campina Grande - PB: EDUEP, 2005.

VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de. (Org.). **Mulher Brasileira nos Espaços Público e Privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

WORLD ECONOMIC FORUM. Empoderamento de mulheres. Avaliação das disparidades globais de gênero. Genebra, 2005.

ZORZI, Analisia. **Uma análise crítica da noção de empoderamento com base no acesso das agricultoras ao Pronaf mulher em Ijuí-RS**. 2008.137 p. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- Porto Alegre, 2008.

ANEXOS

**ANEXO A- NOTA DE REPÚDIO DA AREJA- ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS EM
CAPIM DOURADO DA REGIÃO DO JALAPÃO
PUBLICADA NO JORNAL DO TOCANTINS EM 01/05/2012**

NOTA DE REPÚDIO

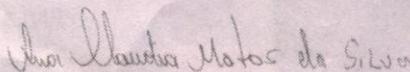
A Areja – Associação dos Artesãos em Capim Dourado da Região do Jalapão, vem a público declarar seu repúdio à atitude do Senhor Carlos Amastha pela instalação, no Shopping Capim Dourado, em Palmas, de espaço de comercialização de artesanato em capim dourado a ser explorado por um empresário. A Areja é a Associação que congrega todas as outras associações de artesanato em capim dourado da região do Jalapão, é única detentora do Selo de Indicação Geográfica do artesanato em capim dourado no Tocantins e vem, juntamente com a Secretaria de Estado da Cultura e o Sebrae-TO, desenvolvendo um trabalho que visa possibilitar aos artesãos a venda direta ao consumidor final, sem atravessadores, com o intuito de melhorar a renda e a qualidade de vida das famílias envolvidas.

Em 2008, o Senhor Carlos Amastha prometeu – e isso é fato fartamente documentado – a Dona Miúda (hoje falecida) que, em troca do uso do nome “Capim Dourado” em seu empreendimento cederia, sem qualquer custo à Areja, espaço para comercializarmos nosso artesanato. Durante cinco anos de promessas, somente em 2011 houve contato com tentativas de fechar acordo, porém, com custos, contrariando a promessa original.

Pois se fosse para a Areja montar uma loja com custos ela já teria feito. A responsabilidade social prometida foi a liberação total dos custos de implantação e custeio; nos surpreende a notícia de que esse espaço estaria sendo ocupado por um comerciante que compraria “preferencialmente” nossos produtos para revender. A nós espanta sobremaneira que um empresário da projeção do Senhor Carlos Amastha descumpra um compromisso firmado com centenas de pessoas de uma comunidade pobre, que tem no artesanato em capim dourado sua única fonte de renda.

Palmas, 27 de Abril de 2012.

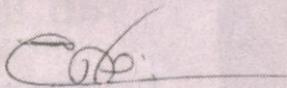
Ana Claudia Matos



Presidente da Areja

Associação dos Artesãos em Capim Dourado da Região do Jalapão

Ribamar Costa



Membro do Conselho Regulador da Areja

ANEXO B- IMAGENS (FIGURAS)

Figura 01- Padrão das Casas da Comunidade Mumbuca Palha e Adobe.
Fonte: SOUSA, A. nov./2011.

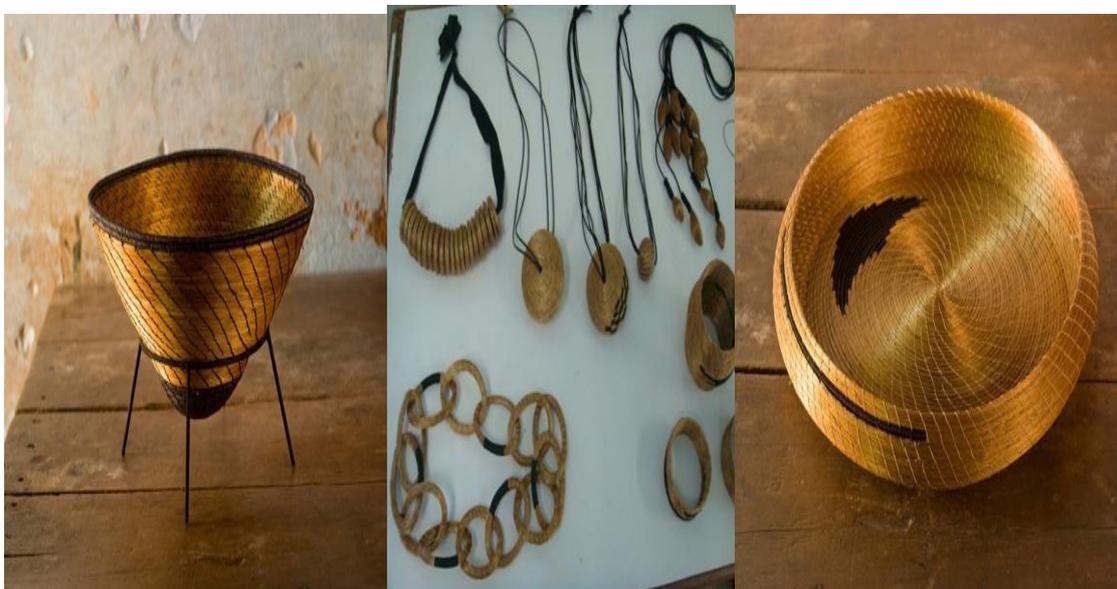


Figura 02 -Peças Confeccionados Durante a Oficina “Coleção Jalapa” com os Artesãos de Ponte Alta.
Fonte: Organizada pela Autora com base no catálogo “Coleção Jalapa”. Disponível em:
<<http://www.rosenbaum.com.br/design-util/colecao-jalapa/>>. Acesso em: ago. 2012.



Figura 03 - Artesãos de Ponte Alta do Tocantins em Oficina com Heloisa Crocco e Marcelo Rosenbaum.
Fonte: Disponível em:<<http://www.rosenbaum.com.br/design-util/colecao-jalapa/>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

ANEXO C - PORTARIA NATURATINS REGULAMENTAÇÃO DA COLHEITA DO CAPIM DOURADO

PORTARIA NATURATINS N.º. 362 de 25 de maio de 2007.

Adota as medidas de ordenamento à coleta e ao manejo do capim dourado (*Syngonanthus nitens*) nas regiões que especifica.

O PRESIDENTE DO INSTITUTO NATUREZA DO TOCANTINS, no uso das atribuições que lhe confere o inciso II do Art. 5º do Anexo único do Decreto n.º. 311, de 23 de agosto de 1996, combinado com o art. 22 da Lei 771, de 07 de julho de 1995, e

CONSIDERANDO que o interesse pelo artesanato produzido com o capim dourado (*Syngonanthus nitens*) vem diuturnamente elevando o volume coletado, exercendo forte pressão sobre a espécie;

CONSIDERANDO, ainda, que a exploração atual do capim dourado (*Syngonanthus nitens*), de forma indiscriminada, necessita de ordenamento até que pesquisas em andamento indiquem as melhores alternativas de manejo;

CONSIDERANDO, mais, que até as comunidades locais já sentem os efeitos danosos da exploração hoje em curso;

CONSIDERANDO, finalmente, que cumpre ao NATURATINS zelar pela conservação dos recursos naturais, disciplinando o seu uso, bem como regulamentar a exploração destes nos ambientes de veredas, conforme o parágrafo 2º, do art. 22 da Lei Estadual n.º. 771, de 07 de julho de 1995, sobre a Política Florestal do Estado do Tocantins.

o

r

e

I - Caberá ao NATURATINS regulamentar a atividade e emitir carteiras de licenças para coleta aos associados das associações credenciadas.

§2º. As associações de que trata o §1º deste artigo, deverão repassar ao NATURATINS, anualmente, em período anterior ao estabelecido para a coleta, uma relação com o cadastro de todos os seus associados e coletores.

§3º. A comercialização e o transporte do capim dourado *in natura* nos municípios do Estado do Tocantins, somente serão permitidos entre coletores cadastrados e as associações de artesãos e extrativistas devidamente registrados junto ao NATURATINS.

Art. 2º. Fica estabelecido o período de 20 de Setembro a 30 de Novembro para realizar a coleta de capim dourado (*Syngonanthus nitens*), desde que as hastas estejam completamente secas e/ou maduras, em todo Estado.

Art. 3º. A coleta do capim dourado (*Syngonanthus nitens*) só será permitida de forma seletiva ou falhada.

§1º. Para fins desta Portaria considera-se coleta seletiva ou falhada a retirada do capim dourado deixando-se alguns exemplares intocados, numa relação de 5 (cinco) para 1(um).

§2º. No ato da coleta deverão ser retiradas as flores, onde se armazenam as sementes, e lançados ao solo, no mesmo local.

Art. 4º. O descumprimento das normas estabelecidas nesta portaria sujeitará o infrator às penalidades previstas em lei.

Art. 5º. Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogando as disposições em contrário, especialmente a Portaria n.º. 092 de 13 de junho de 2005.

Marcelo Falcão Soares
Ten. Cel. GOPM
Presidente do Naturatins



**Fundação Universidade Federal do Tocantins
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Mestrado em Desenvolvimento Regional**

ATA Nº 15/2012

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE APRESENTAÇÃO E DEFESA DE
DISSERTAÇÃO**

Aos vinte dias do mês de setembro de 2012, realizou-se na sala 34 do Bloco III, na Fundação Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Palmas, às nove horas, a defesa de dissertação de mestrado da aluna, Aline Tavares de Sousa, regularmente matriculada no Curso de Mestrado em Desenvolvimento Regional, com o título **“Gênero e Empoderamento: Um estudo a partir das associações de artesanato de capim dourado na região do Jalapão”**, perante a Comissão Julgadora aprovada pela Comissão Coordenadora do curso como segue: Profa. Dra. Temis Gomes Parente (Orientadora), Profa. Dra. Mônica Aparecida da Rocha Silva, Prof. Dr. Marcos Fábio Freire Montysuma. Após a exposição do seu trabalho, a aluna foi arguida pelos componentes da Comissão. A Senhora Presidente, Profa. Dra. Temis Gomes Parente, solicitou que a aluna se retirasse para que a Comissão procedesse o julgamento. A aluna foi APROVADA, sendo-lhe atribuído o grau de Mestre em Desenvolvimento Regional desde que cumpridas às exigências descritas pela Comissão Julgadora, além daquelas listadas pelo Regulamento do Curso em um prazo de 30 dias. Além das exigências, a aluna deverá entregar dois exemplares impressos e encadernados em capa dura e quatro exemplares em formato digital em CD-ROM com capa, em arquivo único em PDF da versão definitiva da dissertação, assim como a cópia do artigo final e o comprovante de sua submissão para uma revista Qualis A ou B da área de Planejamento Urbano e Regional à Coordenação do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional. Esses exemplares deverão estar devidamente corrigidos, segundo as sugestões da banca examinadora e encaminhados com o atesto do orientador. O Senhor Presidente deu a sessão por encerrada e nada mais havendo a constar, lavra a presente ata que segue assinada por todos os membros da Comissão.

Palmas – TO, 20 de setembro de 2012.

Banca: Temis Gomes Parente
Profa. Dra. Temis Gomes Parente (Orientadora)

Mônica Aparecida da Rocha Silva
Profa. Dra. Mônica Aparecida da Rocha Silva

Marcos Fábio Freire Montysuma
Prof. Dr. Marcos Fábio Freire Montysuma